



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE – ICA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO ACADÊMICO EM FILOSOFIA

EDSON FERREIRA DA COSTA

**A NOÇÃO DE CIRCUNSTÂNCIA NO RACIOVITALISMO
DE ORTEGA Y GASSET**

FORTALEZA – CE

2010

EDSON FERREIRA DA COSTA

**A NOÇÃO DE CIRCUNSTÂNCIA NO RACIOVITALISMO
DE ORTEGA Y GASSET**

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará – UFC, como requisito para obtenção do título de Mestre sob a orientação do prof. Dr. Odílio Alves Aguiar e coorientada pelo prof. Dr. José Maurício de Carvalho.

Fortaleza, Ceará

2010

"Liber, libertas."

Tamanho da ficha – 7,5 x 12,5

Ficha Catalográfica elaborada por:

Laninelvia Mesquita de Deus Peixoto – Bibliotecária – CRB-3/794

Biblioteca de Ciências Humanas – UFC

lanededeus@ufc.br

C871 Costa, Edson Ferreira da
A noção de circunstância no raciovitalismo de Ortega Y Gasset [manuscrito] /
por Edson Ferreira da Costa. – 2010.
121 f. ; 30 cm.
Cópia de computador (printout(s)).
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-
Graduação em Filosofia, Fortaleza (CE), 2010.
Orientação: Prof. Dr.Odílio Alves Aguiar.
Inclui bibliografia.

1-ORTEGA Y GASSET, JOSÉ, 1883-1955 – CRÍTICA E INTERPRETAÇÃO. 2-
FILOSOFIA ESPANHOLA. 3-RAZÃO VITAL. I- Aguiar, Odílio Alves, orientador. II -
Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. III – Título.

CDD (22ª ed.)196

La sana esperanza parte de la voluntad como flecha del arco. Esa edad mejor sazonada depende de la voluntad de nosotros, de nuestra generación. Tenemos el deber de presentir lo nuevo; tengamos también el valor de afirmarlo. Nada requiere tanta pureza y energía como esta misión. Porque dentro de nosotros se aferra lo viejo con todos sus privilegios de hábito, autoridad y ser concluso. Nuestras almas, como las vírgenes prudentes, necesitan vigilar con las lámpadas encendidas y en actitud de inminencia. Lo viejo podemos encontrarlo dondquiera: en los libros, en las costumbres, en las palabras y los rostros de los demás. Pero lo nuevo, lo nuevo que hacia la vida viene, solo podemos escrutarlo inclinando el oído pura y fielmente a los rumores de nuestro corazón. Escuchas de avanzada, en nuestro puesto se juntan el peligro y la gloria. Estamos entregado a nosotros mismos: nadie nos protege ni nos dirige. Si no tenemos confianza en nosotros, todo se habrá perdido. Si tenemos demasiada, no encontraremos cosa de provecho. Confiar, pues, sen fiarse. Es esto posible? Yo no sé si es posible ; pero veo que es necesario.

Ortega y Gasset

Dedicado a minha mãe MARIA FERREIRA DA COSTA, que me possibilitou uma educação de qualidade.

AGRADECIMENTOS

Ao término deste trabalho, quero agradecer a contribuição da Funcap, por viabilizar os recursos financeiros para o desenvolvimento desta pesquisa;

À Capes que, pelo PROCAD, possibilitou-me fazer um estágio de quatro meses na PUCRS, onde tive a oportunidade de enriquecer, com o vasto acervo, minha pesquisa no pensamento hispânico, assim como nas demais correntes filosóficas;

À professora Ms. Eliana Paiva e Ms. Regina, que me orientaram na elaboração do meu projeto inicial para a seleção do mestrado;

Ao professor Dr. Odílio Aguiar, que demonstrou ser um grande amigo durante toda a pesquisa, mostrando-se disponível, crítico e incisivo em sua orientação;

Ao professor Dr. José Maurício de Carvalho da UFSJR, que disponibilizou parte do seu tempo para prestar-me coorientação, fornecendo material e dicas fundamentais na elaboração e maturação da minha pesquisa;

Ao prof. Dr. Jaime de Salas da Complutense de Madrid, pelas suas dicas de leitura e revisão de alguns textos;

À professora e amiga Adriana Barros, que sempre demonstrou apoio e incentivo com suas afetivas palavras e seu sábio silêncio;

Aos colegas da turma de mestrado, pelas reflexões, críticas e sugestões recebidas;

Aos amigos França e Robson pela compreensão diária.

À Rodrigo Leonardo por acreditar sempre no que eu faço.

RESUMO

A dissertação sobre “A noção de circunstância no raciovitalismo de Ortega y Gasset” desenvolve, fundamentalmente, o conceito de circunstância como categoria fundamental na compreensão do raciovitalismo orteguiano. Parte-se, no primeiro capítulo, de um breve relato histórico, defendendo a ideia de que a obra do filósofo é por natureza circunstancial, e que o conteúdo filosófico, presente neste conceito, parte da problemática do desnível da Espanha em relação aos demais países da Europa dos séculos XIX e XX. Depara-se, no capítulo seguinte, com uma questão posta por Marías, que é a relação entre circunstância e Metafísica. A realidade fundamenta-se desde a realidade radical, que é a vida de cada um; e esta, necessariamente, constitui-se no envolvimento com a circunstância, desencadeando, assim, uma visão perspectivista em que compreende a circunstância como elemento constitutivo do humano. Entender o homem como ser com sua circunstância implica em considerar que a vida humana é processo que transita entre a autenticidade e a alteração, podendo ou não humanizar-se. Por um lado, o homem, como protagonista de sua vida, apropria-se da circunstância como elemento vital para seu existir, porém, essa mesma circunstância, que se integra à vida, pode ocupar outra dimensão. Ortega y Gasset entende que a circunstância é sempre alteração e, por conseguinte, escapa à dimensão original do humano. Ocorre que o homem, por ser um *quehacer*, pode confundir-se com ela. Isso significa que o homem pode, através de um discurso absoluto, identificar-se com algum elemento circunstancial, reconhecendo, neste, o seu próprio ser. O homem-massa é o protótipo desse homem que, alterado, deixa de ser com sua circunstância, passando a ser a própria circunstância. Considera-se, dessa forma, que o conceito de circunstância é um conceito chave para compreensão da obra orteguiana.

Palavras-chave: Circunstância, Vida, Realidade, Raciovitalismo, Filosofia Espanhola.

ABSTRACT

The dissertation on “The notion of circumstance in the ratiovitalism of Ortega y Gasset” develops fundamentally the concept of circumstance as an essential category in the comprehension of the Ortegan ratiovitalism. In the first chapter, it begins with a brief historical report, defending the idea that the work of the philosopher is, by nature, circumstantial, and that the philosophical content present in this concept derives from the problem of unbalance between Spain and the other European countries in the 19th and 20th centuries. In the next chapter, one meets the question posed by Marías, which is the relation between circumstance and Metaphysics. Reality bases itself on the radical reality, which is one’s own life, and life constitutes itself necessarily in the involvement with circumstance, thus developing into a perspective view that considers circumstance as an element of humanity. To understand man as a being with its circumstance implies considering that human life is a process that goes between authenticity and alteration, with the possibility of humanization. Man, as the protagonist of his life, takes possession of circumstance as a vital element for his existence, but this same circumstance, integrated to life, may assume another dimension. Ortega y Gasset understands that circumstance is always alteration, and, thus, escapes the original dimension of human. It happens that man, for being a *quehacer*, may mingle with circumstance. That means man can, through an absolute speech, identify himself with some circumstantial element, recognizing his own being in it. The mass-man is the prototype of this man, that, being altered, leaves the state of being with his circumstance to turn into the circumstance itself. In this way, it is considered that the concept of circumstance is a key-concept to comprehending the Ortegan work.

Key-words: Circumstance, Life, Reality, Ratiovitalism, Spanisch Philosophy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 . GÊNESE DO CONCEITO DE CIRCUNSTÂNCIA.....	12
1.1 O contexto histórico do conceito.....	12
1.1.1 Circunstância histórica da Espanha.....	13
1.1.2 Um pensamento de fronteira.....	16
1.2 Genealogia do conceito de circunstância.....	22
1.3 O conceito de circunstância nas obras de Ortega y Gasset.....	25
1.4 Circunstância e perspectiva.....	42
2 FUNDAMENTO METAFÍSICO DO CONCEITO DE CIRCUNSTÂNCIA	46
2.1 A construção do conceito de realidade: da razão pura à razão vital.....	46
2.2 O fundamento filosófico do conceito de realidade.....	56
2.3 A vida como realidade radical	62
2.3.1 A vida como drama.....	69
2.3.2 Ensimesmamento.....	71
2.3.3 Ideias e crenças.....	74
2.3.4 Vocação.....	76
2.3.5 A vida como <i>sobrenaturalidade</i> – transcendência.....	77
3 A CONSTITUIÇÃO DO EU NA CIRCUNSTÂNCIA.....	81
3.1 A transcendência do eu pela circunstância natural.....	83
3.2 A descoberta do eu pela circunstância social.....	86
3.3 A alteração do eu pela circunstância.....	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	112
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	117

INTRODUÇÃO

Crítico do idealismo moderno, Ortega y Gasset busca dialogar, em seus escritos, com autores dessa tradição, procurando superar as lacunas deixadas pelo subjetivismo, que esconde as formas de idealismo filosófico, seja ele teórico ou prático. Ortega y Gasset assume uma postura bastante crítica ao idealismo por considerar que esse não dá conta de pensar os problemas concretos da vida cotidiana, por estar fundamentado num modelo de razão que, na sua base, não se abre a aspectos contingentes. Contudo, nosso filósofo não nega a influência que as teorias kantianas tiveram sobre ele. Seu caminho inicia-se pela escola de Marburgo, onde estuda, com afinco, as teorias neokantianas. Em vista de solucionar o problema histórico da Espanha, que se encontrava inferior ao desenvolvimento cultural, técnico e científico de outros países da Europa, o estudante madrilenho vê, no ideal cosmopolita kantiano, a possibilidade de quebrar o ciclo do subjetivismo do homem espanhol vivido desde os séculos XVIII e XIX. Para a grande maioria dos comentadores, salvar a Espanha continua sendo o projeto a alavancar a vocação filosófica de Ortega y Gasset. O que temos hoje de produção sobre a proposta orteguiana, sempre parte da necessidade de caracterizar o raciovitalismo como a filosofia da circunstância, que dá margem para reflexões de caráter metafísico e ético. No entender de Sánchez (1993), o momento que caracteriza o primeiro Ortega y Gasset propunha um homem cosmopolita capaz de produzir cultura e de realizar as formas ideais válidas para toda a humanidade. Entretanto, Ortega y Gasset reconhece que a proposta kantiana torna-se inviável pelo fato de se fundamentar num modelo de razão pura, isenta de qualquer influência sensível. Suay (2003) complementa, afirmando que Ortega y Gasset critica o racionalismo da Modernidade, porque este quer contemplar as coisas desde a tribuna da razão universal que, pretensiosamente, funcionaria sem supostos nem condições, mas além do homem real. Ortega y Gasset acredita que a superação dessa forma de pensar dar-se-á pela integração sujeito e circunstância, preconcebendo o sujeito constituído na relação com o objeto. Integra-se, a essa dialética, o perspectivismo oriundo de um pensamento circunstanciado pelo qual o indivíduo e a circunstância são elementos constitutivos e indissociáveis da realidade radical. Dessa forma, compartilha do pensamento que integra dois polos, o mundo e o eu, o sujeito e o objeto.

Pai do raciovitalismo, Ortega y Gasset busca um caminho, dentro da filosofia, que lhe permita pensar sobre a vida concreta. Longe de pretender negar o exercício da razão, o filósofo reconhece que esta foi uma grande conquista histórica, e é por isso que, através do

conceito de razão vital, pretende integrar razão e sensibilidade como dois pilares para a compreensão da realidade. Sua contribuição ininterrupta revela-se no seu primeiro livro público, *Meditaciones del Quijote*, especificamente na passagem: “eu sou eu e minha circunstância, se não a salvo, não salvo a mim”. A junção do sujeito com a circunstância possibilitou Ortega y Gasset estruturar uma filosofia que desse conta dos problemas concretos da vida. A razão vital é uma análise da vida, das categorias e dimensões fundamentais do viver. Compreendê-la implica no reconhecimento do entorno do sujeito que, imbuído em diversos mundos, constitui-se com eles. A teoria orteguiana ancora a problemática deste trabalho, que tem, por base, a constituição do sujeito na sua relação com o mundo. Superando qualquer forma de redução da vida, o método raciovitalista lança a possibilidade de pensar a vida numa dimensão relacional. Para o autor, a razão se dá na relação homem e circunstância.

Pretendemos, com isso, defender a ideia de que o conceito de circunstância é uma categoria filosófica fundamental para a compreensão da proposta orteguiana desenvolvida na sua filosofia da razão vital. No decorrer deste trabalho, acompanhamos a interpretação de Julián Marías, para o qual a filosofia de Ortega y Gasset não tem como fundamento uma antropologia, mas uma metafísica. A postura do comentador vai ao encontro do que nosso filósofo defende como realidade radical, que não diz respeito ao humano, mas à vida. A pergunta pelo humano revela a busca de uma base conceitual capaz de pensar a realidade na sua gênese, chegando a afirmar nas *Meditaciones de la técnica* que só se conhece bem o que, de certo modo, se vê nascer. A vida é a saída do nosso filósofo para dar conta de pensar o real. O pressuposto, para pensar a realidade, encontra-se na realidade radical, que corresponde à vida de cada um como acontecimento pessoal e intransferível, acontecimento ocorrido sempre na primeira pessoa. Com isso, é insustentável pensar a realidade numa única perspectiva. O esclarecimento da metafísica orteguiana não se faz sem a noção de circunstância, razão pela qual o aprofundamento do conceito de circunstância parece ser fundamental em toda a obra de Ortega y Gasset.

Seguidor do perspectivismo, a realidade para Ortega y Gasset tem uma hierarquia em que não há somente uma, mas várias possíveis. Cada dado de realidade reflete o universo em que o indivíduo está inserido e somente é possível identificá-los desde o universo geográfico e histórico de cada um. O que se compreende da realidade é, também, apenas um recorte a ser identificado. Nunca é possível apreender o real de uma forma absoluta, pois o contato com ele sempre é limitado, por partir de um sujeito que o vê.

Justifica-se, assim, a circunstância como objeto fundamental no entendimento da integração indivíduo e realidade. Nas *Meditaciones del Quijote*, o homem circunstanciado é o

primeiro informe de que a razão carece de elementos concretos, pois a salvação da vida passa pelo reconhecimento e compreensão do entorno ao eu. Casagrande (2002) escreve que a razão pura sufoca a vida quando não leva em conta o fato de que existe uma conexão ampla entre as coisas, que não se compreendem pelo cálculo puro. Viver é estar situado numa circunstância e esta carece de sentido. A vida possibilita-os manter contato com o mundo, que não é apenas um palco onde acontece o drama e a satisfação, mas um elemento integrante do humano.

Entender o que é a circunstância passa a ser, na filosofia orteguiana, uma condição primária para a compreensão da realidade. Fundamentados nessa tese, delineamos a estrutura desse trabalho dissertativo em três capítulos, que apresentam da gênese à maturação do conceito de circunstância. Com o objetivo de esclarecer como Ortega y Gasset emprega-o na sua proposta filosófica, no primeiro capítulo desenvolve-se a gênese do conceito de circunstância. Caracterizado por um pensamento ininterrupto, Ortega y Gasset, nos seus primeiros escritos, anuncia o que ganha uma clareza conceitual maior na sua obra *Meditaciones del Quijote*. Nos primeiros escritos jornalísticos anteriores a 1914, Ortega y Gasset emprega o conceito de circunstância, numa perspectiva muito próxima da fenomenologia de Husserl, ao conceber o mundo como espaço necessário à vida. *Adán en el paraíso* serve de parâmetro para tal momento, ao conceber a circunstância como moldura em que o homem pode encontrar sua integração, mas esta apenas revela algo que há interiormente. Somente nas *Meditaciones* é que Ortega y Gasset aclara a sua postura filosófica no tocante ao conceito de circunstância. O ponto de partida onde a circunstância aparece relacionada à subjetividade encontra-se na definição do sujeito como relacional. A circunstância aparece aqui como parte fundamental da constituição do humano que, entendido na perspectiva circunstanciada de Ortega y Gasset, a vida não se reduz a idealidade ou/e materialidade, mas defini-se na relação eu e mundo. Esta temática é desenvolvida nos ensaios de *El Espectador* e nas obras póstumas, como *El hombre y la gente* e *Rebelión de las masas*, onde podemos identificar o desenvolvimento do conceito de circunstância numa perspectiva pragmática, em que aparece como condição fundamental na constituição do humano.

No segundo capítulo, investigamos o fundamento metafísico do conceito de circunstância. Para isso, pretendemos apresentar o conceito de vida desenvolvido por Ortega y Gasset, visto que, para o autor, é dela que todas as coisas aparecem e ganham sentido. Partimos da definição de homem enquanto ontologicamente indeterminado em que, diferente do mito de narciso, as circunstâncias não refletem o seu ser. No primeiro contato com a circunstância, o que ocorre é o reconhecimento dessa carência ontológica, forçando-o a exercitar a liberdade. Esta acontece no primeiro momento, mediante escolha deliberada pela

existência através da superação de tudo que dificulta o viver, visto que se entregar à circunstância significa abrir mão da vida, uma vez que ela não se apresenta como uma janela da alma humana. Em seguida, detalhamos esse aspecto, baseado na obra *Meditación de la técnica*, pontuando, principalmente, a diferença entre o necessário e o supérfluo, assim como determinação e liberdade, natureza e desejo. Através da obra *El hombre y la gente*, fundamentamos a ideia de que o homem só se define na relação com a circunstância. Destacamos a importância da circunstância na efetivação do projeto de existência do homem. O reconhecimento de tudo que antecede o viver de cada indivíduo possibilita-o situar-se no mundo em que vive.

No terceiro capítulo, esclarecemos como Ortega y Gasset se apropria desse conceito e o desenvolve numa perspectiva raciovitalista. Como destacamos nos capítulos anteriores, somente é possível pensar o humano na relação com a circunstância. A reflexão filosófica orteguiana tem a preocupação de partir da realidade concreta que é a vida. Apresentamos quais são os elementos circunstanciais, apontados por Ortega, que caracterizam o viver e que se integram à constituição do humano. Ao mesmo tempo em que a circunstância aparece como elemento necessário no processo de constituição do humano, esse mesmo conceito pode servir de base para a compreensão da recusa do homem de autoconstituir-se. Como, ontologicamente, não há nada determinado para o homem, este pode, livremente, abrir mão da sua vida, assumindo um processo de identificação com o entorno. O risco que o homem corre ao se confundir com sua circunstância, ao invés de salvá-la, revela-se, principalmente, nas obras *El hombre y la gente* e *Rebelión de las masas*. Serão apresentados aqui os elementos que marcam o perspectivismo orteguiano: a história, a cultura e os outros homens. Esses três elementos são fundamentais para a compreensão da dialética eu e mundo, pois a subjetividade e as mudanças provocadas pelo sujeito estão sempre relacionadas com os mesmos. O fato de o homem ser com sua circunstância significa que ele corre sempre o risco de identificar-se com ela, de desumanizar-se. Quando isso ocorre, o homem perde de vista a sua vida e passa a viver a dos outros. O exemplo clássico, desenvolvido pelo autor, é a sociedade de massa, na qual o indivíduo reproduz a vontade da maioria, passando de uma vida autêntica para uma *pseudovida*. No entanto, não é possível pensar o humano sem a circunstância. O reconhecimento de tudo que circunda a vida faz parte da condição humana, não sendo possível encontrarmos, no pensamento de Ortega y Gasset, uma defesa à subjetividade, mas à vida, que, além da interioridade, inclui tudo que a envolve. Com isso, defendemos a tese de que o pensamento de Ortega y Gasset lança-nos, diretamente, em questões éticas que implicam, necessariamente, na compreensão da vida humana.

1 GÊNESE DO CONCEITO DE CIRCUNSTÂNCIA

1.1 O conteúdo histórico do conceito

Marías (1966) faz uma afirmação bastante incisiva aos pretensos estudiosos em Ortega y Gasset: a profundidade da obra orteguiana implica no conhecimento da circunstância histórica do filósofo. Na concepção do comentador, o fato de desconhecer a história da Espanha, principalmente a partir do século XVII, compromete a compreensão do pensamento orteguiano por se tratar de um autor cuja compreensão teórica está diretamente relacionada à sua presença física e temporal, pois “a obra de Ortega significa a inclusão da filosofia na textura mesma da Espanha”. (MARIAS, 1960, p. 20, trad. nossa).

A reflexão filosófica de Ortega y Gasset parte de um dado real: a situação do seu país. É no intuito de sermos coerentes com essa forma de pensar que, neste primeiro momento, apresentaremos a gênese do interesse de Ortega y Gasset em incluir, na reflexão filosófica, a preocupação por questões do seu cotidiano. Isso parece ser de grande importância neste trabalho, dado que a postura de Ortega y Gasset, frente a posturas dogmáticas, sempre foi bastante crítica no que tange à compreensão da vida humana, contrapondo-se aos modelos acadêmicos que sustentavam, nas suas construções teóricas, um distanciamento da vida ordinária. O caminho do nosso pensador parece ser inverso. Atento à necessidade de saber a que se ater, Ortega y Gasset faz do pensamento filosófico uma bússola capaz de orientar toda a sua vida.

Pensar vai ser, para Ortega y Gasset, agora e sempre, fazer ‘experimentos da nova Espanha’, como única maneira possível de orientar-se na vida. No seu primeiro livro, *Meditaciones del Quijote* (1914), inicia esclarecendo ao leitor que todos os temas dos quais tratará estão direta ou indiretamente relacionados à Espanha. Escolher *Quijote* para meditar sobre a Espanha é partir de um dado fundamental revelado nesse nobre fidalgo. *Quijote* representa, para Ortega y Gasset, a chave da realidade espanhola, tão problemática, tão contraditória; e, ao mesmo tempo, o problema do seu destino. No prólogo de suas obras completas afirma que por essência e presença, sua obra é circunstancial. Com isto quer dizer que jamais o homem tem feito coisa alguma no mundo que não fosse circunstancial. Todo o homem é circunstancial, reitera Marías (1960), porém Ortega y Gasset o foi deliberadamente ao decidir ser fiel ao seu destino.

Nas *Meditaciones*, reforça essa ideia, ao apresentar o seu estilo filosófico, afirmando que:

Ao lado de gloriosos assuntos, fala-se frequentemente nestas *Meditações* das coisas mais modestas. Atenta-se a pormenores da paisagem espanhola, ao modo de conversar dos lavradores, ao giro dos cantos populares, às cores e aos estilos no traje e nos utensílios domésticos, às peculiaridades de idioma, e, em geral, às miúdas manifestações que revelam a intimidade de uma raça. (O.C., v 1, 1966a, p. 318-319, grifo do autor, trad. nossa).

No entanto, esses assuntos têm como pano de fundo uma pergunta fundamental no pensamento de Ortega y Gasset: “Meu Deus, o que é a Espanha?” (O.C., v 1, 1966a, p. 360) é o motor mais ativo de toda a vida espanhola desde a geração de 98, afirma Marías (1960). Ortega y Gasset concentra, em *Quijote*, essa questão, que passa a ser fundamental no desenvolvimento de sua atuação intelectual e política, imbricando numa trajetória de vida que o levará a assumir como vocação a reflexão sobre a vida espanhola, recorrendo à Europa como parâmetro. Trata-se de destacar uma questão trabalhada na obra *España Invertebrada*, que é a definição da grave enfermidade de que a Espanha sofre, os particularismos. O aspecto da circunstância passa a ser de fundamental importância na obra orteguiana a ponto de considerar como uma das mudanças mais profundas do século XX a transformação da sensibilidade para a circunstância.

1.1.1 Circunstância histórica da Espanha

Ortega y Gasset, num primeiro momento, influenciado pelo neokantismo e, ao mesmo tempo, preocupado com a situação da Espanha, que se encontrava distante do progresso científico e intelectual em relação aos demais países da Europa, passa a defender a ideia de implementar métodos científicos, como alternativa para sair da crise do conformismo em que os espanhóis se encontravam fechados, em suas crenças e tradições. Ortega y Gasset vê na ciência uma forma de o homem espanhol buscar, nas coisas mesmas, uma saída para tal retrocesso. Na interpretação de Dominguez (1998) havia três possibilidades: aceitar essa defasagem como negativa para a Espanha, reconhecer e se manter defasado em relação à Europa, e fincar raízes nas atitudes intelectuais. A postura de Ortega y Gasset frente a essas possibilidades é a de fincar raízes na vida intelectual, passando a defender o objetivismo como necessário à Espanha.

No seu artigo de 1911, intitulado *Una respuesta a una pregunta*, Ortega y Gasset dá o diagnóstico da decadência espanhola que “[...] consiste pura e simplesmente na falta de ciência, na privação de teoria” (O.C., v 1, 1966b, p. 214, tad. nossa). No entanto não consegue ver outro caminho para sair dessa situação que não seja atentar-se para a própria teoria, justo que, “na realidade, não há prática sem teoria nem povos sem ideólogos” (O.C., v1, 1966b, p. 215). Reforça Dominguéz (1998): é o grito de Ortega y Gasset contra qualquer personalismo, contra qualquer minetismo, contra qualquer exotismo, e em favor da atitude intelectual rigorosa e metódica da ciência, o grito de volta às coisas. No entender do comentador é nas coisas que o homem pode encontrar a salvação e é na circunstância que Ortega y Gasset encontra a saída para superar o marasmo do homem espanhol.

No entanto, essa ideia passa a ser desenvolvida em 1914, na sua obra *Meditación del Quijote*, através da concepção perspectivista da realidade. Na verdade, segundo Dominguéz (1998), não há um corte no pensamento de Ortega y Gasset, mas uma linearidade. Nesse segundo momento, em que o conceito de circunstância aparece como condição de possibilidade para compreender o humano, o que Ortega y Gasset faz é juntar o objetivismo ao perspectivismo. Ortega y Gasset (1966b) continua defendendo a importância do rigor científico, porém a teoria não deve estar cindida da realidade, mas constituída desde um dado fundamental, que é a vida.

A segunda fase do pensamento de Ortega y Gasset corresponde ao momento em que ele passa a refletir a partir do seu universo histórico, procurando encontrar, na filosofia, uma contribuição capaz de contagiar aos demais para que cada qual seja fiel a sua perspectiva. A pretensão filosófica do pensador hispânico não é impor uma forma de conhecimento e de conduta, mas favorecer ao povo espanhol o reconhecimento da realidade espanhola, no intuito de avançar em vista de uma autêntica forma de ser. Por isso, sua atuação tem como pressuposto o contagiamento da esperança e da vontade do novo.

A obra *Meditación Del Quijote* inaugura esse momento que, na leitura de Dominguéz (1998), leva a cabo o mesmo programa filosófico próprio e pessoal de Ortega y Gasset, desde o descobrimento do tema da circunstancialidade do humano. Segue o comentador afirmando que nela Ortega y Gasset faz um “*descubrimientu filosófico transcendental*”, ou seja, o eu circunstanciado passa a ser base de compreensão da realidade, e mais, toda a sua trajetória intelectual e política será marcada por essa relação. Nosso filósofo põe o cotidiano, e tudo que envolve a circunstância, no mesmo grau de seriedade que todos os outros assuntos tratados pela filosofia, levando para a reflexão filosófica a circunstancialidade, que marca

fundamentalmente a vida humana, isso porque a circunstância não é simplesmente um elemento da realidade, mas parte constitutiva do humano.

Tudo que é circunstância passa a ser objeto de reflexão filosófica, ampliando os objetos e o interesse da investigação filosófica. Dominguéz (1998) considera que o descobrimento da circunstancialidade leva a vontade filosófica a fazer patente “a plenitude do seu significado”, de qualquer questão que apareça ao homem, seja ele mesmo “[...] um homem, um livro, um quadro, uma paisagem, um erro, uma dor” (O.C. v 1, 1966a, p. 311). Conecta-se, portanto, à vontade de outras correntes filosóficas de século XX: a de dar um tratamento filosófico a questões que não se havia posto anteriormente, por serem consideradas de pouca importância. E são essas questões as que fomentam o interesse orteguiano. É preciso falar da vida mesma, e esta conexa com a circunstância. A fenomenologia, o existencialismo e até mesmo a filosofia analítica vão fazer uso também desse recurso metodológico, no entanto, a circunstância, para Ortega y Gasset, não é apenas um apêndice capaz de compreender a realidade, mas é ela o próprio objeto de compreensão, atribuindo o mesmo grau de importância conceitual dado a temas maiores, trabalhados na filosofia clássica. “As circunstâncias não estão constituídas, sem embargo, somente dos graves problemas e realidades do mundo em que vivemos, senão, também, e às vezes sobretudo, pelos problemas e realidades de aparência humildes com que a cada momento nos topamos”. (MORA, 1973, p.50).

Nesse sentido, a filosofia não pode esperar o entardecer para lançar seu olhar sobre a realidade, mas ela deve observar o real no seu acontecimento ordinário, visto que a reflexão filosófica, no entender de Dominguéz (1998), nascida da circunstancialidade, vai ter uma preferência especial pelos temas que não haviam sido objeto de investigação da filosofia anterior. Spinoza é um exemplo clássico, já que considera Descartes um filósofo vulgar pelo fato de começar sua reflexão do *yo* (da criatura), considerando como digno de seriedade começar pelo mais alto, Deus. Somente depois de definir Deus, substância, acidente, o ser é que deveria buscar compreender as realidades cotidianas, marcando uma hierarquia na compreensão da realidade piramidal.

Mais do que uma preferência temática, Ortega y Gasset vê, na circunstancialidade, um conteúdo filosófico. A realidade pode ser compreendida a partir da relação das coisas com o homem, no seu acontecimento histórico, temporal. Ortega y Gasset parte da reflexão do que está entorno, do *aquí*, das coisas que estão próximas, por isso seu método é circunstancial, pois sempre parte do que está ligado ao sujeito, indo do mais próximo ao mais distante, invertendo, dessa forma, o método spinoziano. Isso representa, no pensamento de Ortega y

Gasset, que a reflexão filosófica deve partir da vida mesma para a circunstância e, a partir delas, levar a uma meditação de problemas filosóficos análogos aos tradicionais. Complementa Amoedo (2002, p.222):

Na concepção orteguiana a circunstância é a um tempo condição essencial da minha realidade e irredutível a ela: o que eu sou depende da minha circunstância, mas esta – sem a qual eu não sou – é para além do que eu sou, não obstante necessite de mim para ter sentido.

A expressão eu (*yo*) e minhas circunstâncias, desenvolvida nas *Meditações*, não significa, no pensamento de Ortega, somente a doutrina que sua obra expõe, senão que sua obra é um caso executivo da mesma doutrina.

1.1.2 Um pensamento de fronteira

Destacaremos aqui alguns aspectos históricos da circunstância espanhola, desde a interpretação de Marías (1960), que conduz a sua leitura sob o olhar do historiador espanhol *Moratín*, apresentando o cenário da Espanha dos séculos XVII ao XX, isto porque “o intento de compreender o que foi a Espanha entorno de 1900 exige lançar o olhar sobre o caminho pelo qual se chegou ali.” (MARIAS, 1960, p. 3). O ponto de partida para essa compreensão encontra-se no antigo regime, datado por volta do final do século XVIII. Marías (1960) denomina esse período de “*instalación*”, no qual a Espanha encontrava-se tendo uma vida coletiva plenamente vigente e estável. As vigências básicas eram aceitas e, até o fim do reinado de Carlos III (1788), a “sociedade descansa sobre um fundo de concórdia”. (MARIAS, 1960, p. 34).

O povo vive sob um regime plebeísta e populista, onde a aristocracia copia os costumes populares. Essa concórdia revela uma Espanha extremamente voltada para os seus costumes, cultivando uma população apegada às tradições e fechada aos avanços que despontavam na Europa. Mesmo pairando, sobre a sociedade em geral, uma espécie de encantamento pelo que era manifestação da cultura hispânica, alguns de seus membros, influenciados pelo que estava sendo produzido nos países vizinhos, fomentavam, em pequeno número, a possibilidade de produções semelhantes às europeias. A tensão que introduz o movimento interno espanhol é a que existe entre o *popularismo* e o espírito da *ilustración*: “[...] o estado de oposição afeta só as minorias dirigentes: o povo permanece instalado em suas formas tradicionais, as que precisamente se sente muito apegado, que tem para ele sabor

e pleno sentido que constituem o alvéolo em que consideram possível a felicidade”. (MARIAS, 1960, p. 34).

A grande questão não estava ligada diretamente a uma desigualdade social, pois no final do regime do reinado de Felipe V já havia ocorrido uma melhora extraordinária, superior, comparável a todas dos séculos passados. O que Mariás (1960) busca aclarar, sendo o que, na verdade, interessa-nos nesta pesquisa, é o espírito que se formou entorno dos costumes populares. Toda a sociedade, até a aristocracia, imitava, na corte, os costumes populares, participando das formas de vida do povo em geral, através das formas de vestir-se, cantar, dançar, ir às touradas e ao teatro e falar. Essa é, para Marias (1960), a raiz do populismo, considerado por ele como o grande “*tirón hacia abajo*” da vida espanhola frente ao universal impulso ascensional que caracteriza as sociedades europeias.

Essa minoria, formada por racionalistas, a maioria composta por educadores impregnados pelas ideias da enciclopédia¹, alavancavam o movimento dos ilustracionistas, que incorporavam, nos seus hábitos, o espírito dominante europeu, principalmente da França, Inglaterra, Holanda, Itália e Prússia. Isso faz com que eles se sintam chamados a superar o populismo, que se manifestava intensamente no pebleísmo, estabelecendo novas normas e formas de conduta. A primeira iniciativa começa com Feijó, na publicação do Teatro crítico universal, que fomentava a ideia da propagação do seguimento ao espírito dominante do século. Esse movimento se justificava no desnível absoluto da Espanha no campo da educação (Universidades) e da ciência. Alimentados por um ideal de contagiamento popular os idealizadores do movimento passam a acreditar que a população pode aderir às ideias por eles apresentadas, buscando, assim, uma nova forma de ser hispânico. Eles eram plausíveis e bem intencionados, recorda Mariás (1960), referindo-se aos amigos *Del país*, aos técnicos e investigadores, aos jovens do *Instituto Gijón*. No entanto, careciam de arranque para converter tudo isso em uma empresa nacional, faltando a eles, ao lado do mundo popular, força de incitação. Não havia uma figura representativa que alavancasse o movimento a ponto de provocar, na sociedade, uma transformação que possibilitasse a saída da Espanha do estado de pura espontaneidade. Quem mais se aproximou desse ideal foi Goya, genial pintor, porém faltava-lhe “*sabor y fuerza de incitación*”. (MARIAS, 1960, p. 36).

¹ Sob a influência do iluminismo uma minoria espanhola difundia a centralidade da razão na organização da sociedade. Este movimento, do Enciclopedismo, foi um movimento filosófico-cultural, desmembrado do Ilustracionismo, desenvolvido na França e que tinha por objetivo catalogar todo o conhecimento humano a partir dos novos princípios da razão. Foi impulsionado por Voltaire, Diderot e d'Alembert, além de Montesquieu, Rousseau, Buffon e do barão d'Holbach. Através desse movimento buscou-se desenvolver uma obra monumental, que constava de 28 volumes (17 de textos e 11 de lâminas), no que se resumiria o pensamento ilustrado da época, ou seja, todo o saber de seu tempo, e que se denominou Enciclopédia.

Contrariamente, o populismo apresentava-se bem mais atrativo, visto que até mesmo os mentores desse movimento de contracultura aderiam às diversas manifestações populistas. Conforme Mariás (1960), a prova é que eles mesmos, os ilustrados, cediam a esse encanto que formalmente resistiam. Nesse período, a Espanha comportava diversos partidos, toureiros, atores, entre outros, porém o que ocorria era uma convivência harmônica no seio da sociedade, que vai do final do reinado de Felipe V, passa por Fernando VI e Carlos III, mantendo-se numa vida de concórdia e associação. Esclarece Mariás (1960, p. 38):

Por isso o partidismo se dava dentro de uma convivência fundada na concórdia [...] com mútua admiração entre os bandos hostis e entre as grandes tendências que se divide a vida espanhola: se aos ilustrados *'se les van los ojos'* buscam o popular de que, por princípio, renegam, os populares e assim os plebeistas admiram e respeitam as figuras que unem ao seu prestígio intelectual a exemplaridade da conduta.

Ao longo do século XVIII o ponto de vista dos ilustrados ganha prestígio e vigência, até a Igreja passar a ver com desconfiança os ideários defendidos. Imbuídos do espírito iluminista, passavam a ser uma ameaça à moral católica, tão difundida na vida espanhola. O grande acontecimento deu-se com a condenação de Frei Gerúndio, em 1769, e com a expulsão dos jesuítas, que ficaram sem lugar para se hospedarem, por conta da perseguição do estado e das autoridades religiosas. No entanto, esse acontecimento ainda não parece ser o ponto-chave para a disseminação da ordem nacional. Na leitura de Mariás (1960, p. 40),

há que perceber que a grande maioria dos “ilustrados” espanhóis eram sinceramente católicos, com freqüência fervorosos – jovens – e que os anticlericais atacam os eclesiásticos *em nome da religião*, quero dizer, enquanto os consideram indignos dela e de seus deveres, não a religião mesma. São inimigos da inquisição, que lhes parece uma desonra da religião e da Espanha; querem superar muitas formas dominantes no culto, no teatro, no ensino, porque lhes parecem profanação do catolicismo e impróprias do século, porém aceitam integralmente a fé e a moral cristã, e a autoridade da igreja. São por demais, ao menos os homens verdadeiramente representativos, moderadíssimos politicamente, conservadores e inimigos de toda subversão e violência.

A força do discurso religioso, em vista da manutenção de uma ordem social, prevalecia até entre os que lideravam o movimento de reforma em vista de uma república. No entanto, igreja e exército continuavam monárquicos, centralizando o poder. Por isso, tudo parecia justificar a ação violenta da igreja contra os que eram contrários à “paz” nacional. Perseguir os que defendiam os ideais liberais da revolução francesa parecia mais do que justificado. O que dominava a sociedade espanhola via Igreja, nesse período, era o clima de

suspeita de tudo e o repúdio à França. A moral cristã passa a ser o conteúdo de toda ação. Marías (1960, p. 42), compreende da seguinte maneira:

Esses excessos servem para que as forças reacionárias se considerem *justificadas*. Se explicava mais ou menos dessa maneira: os franceses guilhotinaram seus reis, logo a ciência moderna é um erro e há que conservar os manuais escolásticos de quinta mão; o Comitê de Saúde Pública é criminal, logo a inquisição é admirável; os jacobinos atacam a religião, logo a teocracia é o único sistema admissível; Marta e Robespierre são execráveis, logo Galileu, Newton, Descartes, Locke, Leibniz serão eliminados de qualquer meio; a Convenção estabeleceu um erro, logo há que afirmar o absolutismo sem restrições; Voltaire contribuiu ao desenvolver o espírito revolucionário, logo os tormentos e suplícios que combateu são admiráveis e devem ser aplicados sem escrúpulos.

O antigo regime, que foi considerado no reinado de Carlos III como exemplo de Despotismo Esclarecido, entra em declínio com a ocupação francesa, em 1808, a abertura de Cádiz, em 1810, e a proclamação da Constituição liberal em 1812. O coroamento da desestabilização do clima de coesão social espanhola ocorre com a invasão francesa pelas tropas napoleônicas, onde há o abandono dos governos pelos reis, e a destruição externa e interna do Estado inteiro. Poderíamos afirmar que esse é o momento da total desorientação do povo espanhol. Surge, conseqüentemente, o desejo de uma nova Espanha, porém, o que não se encontra nesse período é um clima de concórdia, iniciando, dentro do Estado, disputas e oposição de interesses, “desde então vai predominar na vida espanhola o negativo, o polêmico, o constante destaque, a diferença e a desunião”. (MARIAS, 1960, p. 44-45). Inicia-se, no mais profundo da vida coletiva, a vida como *partidismo*. O clima na Espanha passa a ser de total divergência. A invasão napoleônica deixa, no país, um clima de intempérie e, com a divisão do povo, começam a surgir os partidismos, isso porque o acordo de criar uma Espanha republicana não era unânime, prevalecendo os ânimos de diferença e desunião. Desde a invasão francesa (1808) até a morte de Fernando VII (1833), a Espanha passa a viver um desnível em relação à Europa, pois, durante esse tempo, não se pode nada na Espanha, por isso, para Marías (1960), a Espanha do século XIX é desorientada, porque vive sem propósito, não sabe o que fazer e acaba aceitando qualquer coisa. Durante todo o século XIX e início do século XX, a Espanha não conseguiu completar, política e socialmente, a sua revolução burguesa, de forma a produzir uma institucionalidade liberal-democrática estável. A Espanha do século XIX viveu um período bastante conflitivo, com lutas entre liberais e absolutistas, entre membros rivais da Casa de Bourbon (isabelinos e carlistas) e, postumamente, entre

monarquistas e republicanos, sobre o pano de fundo da perda das colônias americanas e filipinas.

O período de restauração da Espanha corresponde ao momento em que o Estado busca uma nova coerência interna. É o momento de criação da Constituição (1876), que significou uma normalização na vida pública. No entanto, a guerra com os Estados Unidos (1898) e a perda das terras Ultramar de Cuba e Filipinas revelaram uma Espanha frágil socialmente. O tratado de Paris, assinado em 10 de dezembro do mesmo ano, foi o grande marco desse reconhecimento. Ao assiná-lo, a Espanha desistia de todos os direitos de Cuba, renunciava a Porto Rico e às suas posses nas Índias Ocidentais e entregava as ilhas Filipinas, mais a ilha de Guam, para os Estados Unidos, pondo esse sentimento de nação em declínio. Interpreta Ortega y Gasset como sendo ilusão, aparência, tramoia e fantasmagoria esse estado constitucional. A sociedade encontrava-se ainda vulnerável. Por isso, a Restauração foi considerada, por Marias (1960), como um fenômeno superficial e enganoso. Explica:

Ao restaurar a dinastia borbónica se pensou que a *restauração* fosse possível na vida espanhola, e que com ela estava feito. Em rigor, houvera sido necessária uma *instauração*, um estudo a fundo dos problemas, em lugar de dá-los para salvá-los e recobri-los de *barniz* uma reconstituição da sociedade, dissociada desde o princípio do século XIX, pelo menos, e de um Estado que desde o antigo regime existiu sempre de forma precária de desorbitada, opressora e ineficaz. (MARIAS, 1960, p. 57, grifo do autor).

É nesse cenário que surge a geração de 98, com o desejo de reconstrução da Espanha, de defini-la, numa linguagem orteguiana, de salvá-la. Foi considerada como a geração contemporânea da Espanha, que tem sua grande representatividade em Unamuno e, posteriormente, em Ortega y Gasset. O que essa geração busca é, através da cultura, criar uma identidade nacional à altura de outros países, assumindo, como missão, na interpretação de Marias (1960), cancelar a anomalia da vida espanhola, que estava presente desde o primeiro regime e que havia introduzido um tremendo coeficiente de anormalidade em toda a história do século XIX. Eles deparavam-se com uma vida nacional esgotada e sem vitalidade. O ocorrido de 98 revelou a debilidade política da Espanha frente aos demais países, a sua falta de articulação e representatividade. É preciso, mais urgentemente, saber que é a Espanha. A geração de 98 reconhece a necessidade de saber a que se ater, como uma nova forma de ser espanhol, partindo do reconhecimento do que eles eram. Foi a geração que aceitou a realidade para poder tomar posse dela. Esclarece Marias (1960, p.67):

Quando digo aceitação da realidade, não quero dizer “conformidade” com ela, muito menos “conformismo”, pelo contrário: aceitação da realidade *tal com é*, e encontram que é, paradoxalmente, *inaceitável*. Quero dizer com isto que lhe vão tomar precisamente como algo no qual se pode ficar, porém de onde se pode partir. O naufrágio em que consiste a realidade espanhola vai ser o ponto de partida.

A Espanha, como desorientação, encontrava-se na falta de produção original, ausência de crítica, produzindo uma publicidade irresponsável, sem comprometimento com o progresso do país. Para Mariás (1960) é a irresponsabilidade que marca todo esse período. Em vista de superar tal realidade é que Ortega y Gasset faz, do nivelamento da Espanha, a sua vocação. Para isso, passa a fazer filosofia a partir de um conteúdo concreto, o desnível de seu país. “Os homens de 98 fazem literatura, arte, história, ciência, porque não tinha mais remédio, porque partem de um naufrago e necessitam saber a que ater-se.” (MARIAS, 1960, p. 68). Isso se deve ao fato de que, há muito tempo, a Espanha havia perdido a sua tradição intelectual. Nas universidades, o conteúdo programático baseava-se apenas em comentadores. É contrário a esse modelo que a geração de 98 vai assumir profundamente o caráter literário como forma de salvar a Espanha.

Rigorosamente a Espanha só havia conhecido filosofia há trezentos anos atrás com Suárez (1957)², depois dele nada se produziu. A filosofia de Ortega germina nesse contexto, com toda sua profundidade reflexiva e, ao mesmo tempo, extremamente pragmática, no sentido de que esta aparece como uma forma de possibilitar à Espanha fazer filosofia, ao discutir seriamente as questões debatidas no cenário da filosofia europeia. Com Ortega y Gasset, a Espanha volta a fazer filosofia e, diferente do que poderia ocorrer, Ortega vai às fontes do que tinha de mais atual, a filosofia alemã, não em vista de reproduzir uma forma de pensamento, mas, ao contrário, com o intuito de contribuir na construção de uma reflexão correspondente a sua realidade. Sánchez (1993) afirma que o pensamento de Ortega y Gasset, centrado no problema da Espanha, apresenta um dinamismo de uma incessante busca de soluções, tanto a nível de reflexão teórica com de estratégias de atuação.

²Francisco Suárez (1548-1617) foi um importante pensador espanhol. Segundo Toledo *et al* (1999, p.147) “sua principal obra, *De Legibus*, publicada em 1612, entre outros aspectos importantes, retém o mérito de ser um dos textos fundadores do direito internacional moderno, especialmente daqueles referentes ao *direito das gentes*, ou *direito dos povos*. O autor é inscrito na reação católica contra as doutrinas e práticas dos reformadores e, mesmo assim, sua obra foi leitura necessária aos seus opositores mais imediatos. A ele coube extrapolar as formulações a respeito da lei, do direito e da justiça para um âmbito universal. Na sua concepção, as relações entre os Estados são reguladas pelo *jus gentium*, doutrina desenvolvida por ele a partir dos ensinamentos de Francisco Vitória (1492-1546), outro pensador espanhol de grande destaque no cenário político. Para Suárez, a arbitragem é necessária, mas nenhum Estado tem o direito de impor a outros suas leis. A regra, ou melhor, a denominação de comunidade solidária, assume um papel relevante e até mesmo determinante para a ciência do direito depois dele. Muitas das questões com as quais se depara hoje o direito internacional já estavam tematizadas em sua obra.”

1.2 Genealogia do conceito de circunstância

Conforme escreve Marías (1960), o termo circunstância começa a ser empregado como *milieu* pelo biólogo Geoffroy Saint-Hilaire e depois por Comte, nas lições derivadas à biologia: *Cour philosophie positive*. Comte sustenta a definição filosófica da vida como força contínua de composição e decomposição, proposta por Blainville, o qual destaca duas condições necessárias à vida orgânica: o organismo determinado e o *milieu*, circunstância exterior. No inglês, o termo aparece denominado de *environment* e aplicar-se-á ao humano, pela via psicológica, através de William James, introduzindo-o, em suas obras (*Great Men and their Environment* – 1880; *Principles of psychology* – 1890), como fator fundamental no estudo dos fatos mentais. Marías (1960) afirma que, para James, mente e mundo estão envolvidos e que, para ele, o grande defeito da psicologia racional³ antiga era tomar a alma como sendo ente espiritual absoluto, com certas faculdades próprias. Nesse caso, James defende a ideia de que a estrutura psicológica provém da relação com o meio.

Na filosofia, a noção de circunstância surge com Husserl na introdução do termo *Umwelt* atribuído ao entorno natural (*natürliche Umwelt*). Para ele, o entorno é o mundo, não como realidade física alheia ao sujeito, mas enquanto realidade que o envolve, incluindo assim o mundo prático: valores e bens. Esse termo havia sido usado pelo biólogo Jakob von Uexküll que, na publicação do seu livro *Umwelt und Innenwelt der Tiere*, em 1909, defendeu a ideia de que o mundo circundante não é o que está entorno (externo), mas o que determina o plano estrutural de cada animal, sendo esse a soma de todos os estímulos que recebe graças a estrutura de seus receptores. Nesse caso, o mundo é produto do organismo e varia de animal para animal. É criado daí um novo termo, *Merkwelt* (órgão dos sentidos ou mundo interno – *Innenwelt* – conjunto de efeitos provocados no sistema nervoso pelos fatores da *Umwelt*), para designar que, em cada animal, há um mundo espacial que se compõe de notas distintas, recolhidas por ele do mundo externo (*Wirkungswelt* – objetos aos quais estão acomodados os instrumentos de comer e mover-se do animal). Assim, é o organismo que cria dependência entre o mundo dos sentidos (percepção) e o mundo circundante. Acima de ambos (*Umwelt* e *Innenwelt*) está o *Baulplan*, o plano estrutural que domina tudo. Esse aspecto é o que define o

³ Na concepção grega aristotélica, os corpos animados eram movidos por um princípio motor denominado de alma, o qual dava toda a vitalidade do organismo. O homem é uma unidade substancial de alma e de corpo, em que a primeira cumpre as funções de forma em relação à matéria, que é constituída pelo segundo. O que caracteriza a alma humana é a racionalidade, a inteligência, o pensamento, pelo que ela é: espírito. Mas a alma humana desempenha também as funções da alma sensitiva e vegetativa, sendo superior a estas. Assim, a alma humana, sendo embora uma e única, tem várias faculdades, funções, porquanto se manifesta efetivamente com atos diversos. (ARISTÓTELES, 2001).

animal, e não os dois mundos citados anteriormente. O caráter intrabiológico da noção de *Umwelt*, em Uexküll, corresponde ao caráter intraconsciencial (meramente intencional) da consciência, desenvolvido por Husserl, que “guarda somente a ideia de que a consciência se relaciona sempre a qualquer coisa, e que existem variedades de coisas específicas da relação intencional: os modos representativo, judicativo, volitivos, emotivo, estético, nos quais o objeto é visado, cada vez, de maneira diferente.” (KELKEL; SCHÈRER, 1954, p.32).

Marías (1960) afirma encontrar em Husserl uma analogia, mesmo que seja em outro plano, à teoria de Uexküll. Para ambos há uma estrutura que liga os dois mundos (interno e externo). No caso de Husserl, a intencionalidade da consciência do sujeito; e, em Uexküll, o plano estrutural do organismo. Husserl (1986) afirma, nas meditações, que a palavra intencionalidade nada significa senão essa particularidade fundamental e geral que a consciência tem de ser consciência de alguma coisa, de portar, em sua qualidade de cogito, seu *cogitatum*, nela mesma. Escreve:

Em geral, toda vivência da consciência é em si mesma consciência disto ou de outro, como queira que eu, enquanto sujeito em atitude transcendental, me abstenha de fazer esta valoração, como de todas as minhas valorações pessoais [...] As vivências da consciência chama-se também intencionais, porém a condição de que o termo de intencionalidade não significa outra coisa que esta propriedade fundamental e universal da consciência, consiste em ser esta consciência de algo, em levar a consciência em si, enquanto *cogito cogitatum*. (HUSSERL, 1986, p. 79-80, grifo nosso, trad. nossa).

A consciência não se reduz ao cogito cartesiano, pois ela, como consciência, sempre carece do mundo. O seu conteúdo é mediador, integrando em si uma unidade de sentido. A consciência, em Husserl, corresponde ao conjunto de atos, em primeiro lugar perceptivos, que visam e tocam os objetos do mundo. O que ocorre, segundo Depraz (1999), é que a consciência, abrindo-se ao mundo via intencionalidade, enquanto consciência fenomenológica, alarga-se, integrando em si o seu *cogitatum*, o objeto mesmo que ela visa, a título de unidade de sentido (*noema*) e, certamente, não como coisa real externa. Através da intencionalidade, a consciência é alargada, integrando o objeto (*noema*) a ela mesma. Nesse caso, não integra em si a coisa mesma.

A consciência do mundo é a condição de uma possível consciência de si, ou, ainda, não nos percebemos a nós mesmos como sujeitos senão enquanto sujeitos já percipientes. Uma tal função em nada é racional nem substancial, mas espousa a lógica imamente *daquilo que aparece ao sujeito*: ela é propriamente experiencial. (DEPRAZ, 1999, p.34).

Assim sendo, a construção de sentido ocorre na relação da consciência com o mundo, não sendo ele exterior ao sujeito, como em Descartes, independente do seu modo de ser, “ele possui um sentido para mim, ele me é dado em seu sentido antes que em seu ser. Ou ainda: seu ser reside em seu sentido. Diremos, pois, que o mundo é ‘constituído’ no ego transcendental desde quando seu sentido me é dado enquanto tal” (DEPRAZ, 1999, p.40), independente do seu modo de ser.

Ortega y Gasset introduz, nas *Meditaciones del Quijote*, a noção de circunstância, de uma forma concreta, ao afirmar ser a sensibilidade à circunstância uma das grandes mudanças do século XX, levando-o, na interpretação de Marias (1960), ao esboço de uma teoria da perspectiva e da cultura. Agora a circunstância não será conteúdo da consciência, mas de toda a vida, considerando ser o destino concreto do homem a reabsorção da circunstância.

No desenvolvimento da noção de circunstância, Ortega y Gasset direciona a hermenêutica do conceito para o humano, evitando fazer uma relação direta com a biologia, mesmo quando enaltece a ciência biológica mais recente por estudar o ser vivo como unidade do corpo e seu meio particular, de modo que o processo vital não consiste somente na adaptação do meio ao corpo. Com isso, Ortega y Gasset dá um caráter inovador ao conceito, pois não há mais referências biológicas à teoria da circunstância, aparecendo apenas de forma ilustrativa. A vida humana passa a ser a grande referência ao conceito, sendo a circunstância elemento integrante da vida. Impossibilita, com isso, a separação entre consciência e mundo, descrita por Husserl, onde, pela *epoché*⁴, sujeito e circunstância ficam desconectados. O mesmo, em Ortega y Gasset, é impossível, pois o sujeito só é com a circunstância, descartando a possibilidade de uma consciência intencional, mas o que temos é um conteúdo relacional. Na concepção de Marias (1960), o que distingue o conceito de circunstância em Ortega y Gasset para o de *Umwelt* é que este encontra-se no campo da intencionalidade; enquanto circunstância, para Ortega y Gasset, está no campo do real, integrando sujeito e mundo. O eu orteguiano “[...] não se pode esgotar em [...] em ser mero sujeito de vivências intencionais” (MARIAS, 1960, p. 369), portanto, nunca é solitário.

⁴ A *epoché* husserliana consiste na abstração dos objetos da experiência cognoscitiva em que o mundo é posto em parênteses. Pôr o mundo entre parênteses significa abster-se de fazer uso das evidências e certezas que ele me oferece, “[...] não tomar posição a seu respeito, “não participar” nesse jogo fascinante do mundo, fazer-me simples espectador não interessado do drama que se representa diante de mim e do qual sou ator, mas no qual não devo deixar-me apanhar, sem pretender por isso, como o filósofo shopenhauriano, que esse jogo não passa de uma ilusão.” (KELKEL; SCHÉRER, 1954).

Se compararmos os termos “circunstancia” e *Umwelt*, encontramos uma diferença notória: o primeiro é meramente funcional e não interpretativo; o segundo inclui o que poderíamos chamar sua interpretação mundana. *Um-welt* é “mundo em torno” ou “mundo circundante”; circunstância (circum-stantia) no singular com valor de plural neutro é “o que está entorno” – seja o que queira –. Que o que está entorno é o mundo, é algo que vai mais além da estrita evidência: esta se reduz a algo mais limitado: que o mundo está entorno. Quero dizer que a identificação do entorno com o mundo não é lícita, porque deixa fora possíveis realidades que, sendo “intramundanas” não seja “mundo”, e aquelas outras que podem ser intramundanas. (MARIAS, 1960, p. 388, grif. nosso).

Para o Comentador, a contraposição *Ich – Umwelt (yo - mundo en torno)* é meramente intencional e não real, prova disso é que o homem pode se desconectar do seu entorno pela *epoché*, de forma que homem e mundo ficam cindidos. O grande salto de Ortega y Gasset a essa teoria fenomenológica consiste em considerar a vida humana integrada a todo o universo circundante e isso ser, necessariamente, um dado de realidade.

1.3 O conceito de circunstância nas obras de Ortega y Gasset

Ortega y Gasset começa desenvolvendo o conceito de circunstância por uma via estética nos seus primeiros ensaios de caráter jornalístico⁵, com publicações sobre obras de arte, especificamente pintura. Residem questões referentes à vida humana, que são retomadas e ampliadas, posteriormente, no seu projeto filosófico, que se estende até a sua maturidade. Na gênese dos escritos orteguianos demonstra-se uma preocupação em precisar a inter-relação das coisas, apontando certa dependência de tudo entre si, que depois aparecerá nitidamente nas *Meditaciones del Quijote*, mediante o conceito de homem circunstanciado.

La pedagogia del paisaje (1906) surge como o primeiro ensaio de relevância no que tange à temática da circunstancialidade no pensamento orteguiano. Através de uma memorável recordação, Ortega y Gasset descreve a experiência que teve em Segóvia junto ao místico *Rubin Cendoya*. O ambiente que os circundava era totalmente propício a uma experiência interior, por estarem envoltos a uma natureza viva, que propicia o recolhimento, momento este descrito por Ortega y Gasset da seguinte forma:

Como Sêneca ensinou na sua casa de campo a arte estranha da velhice, iniciei o meu auto-conhecimento com esta paisagem numa religião. Cada paisagem me ensina algo novo e me induz ao uma nova virtude. Em verdade te digo que a paisagem educa melhor do que o mais hábil pedagogo, e se tenho algum alívio te prometo compor frente a admirável “pedagogia social” do professor Natorp outra mais

⁵ Marías (1966) recorda a afirmação de Ortega y Gasset, presente no prólogo de suas obras completas, de 1932, que a circunstância fez com que sua obra brotasse na praça intelectual, que é o jornal.

modesta, porém mais substancial: “pedagogia da paisagem”. (O.C., v 1, 1966b, p. 54, grifo do autor).

O religioso revela encontrar no entorno uma significação para existir. Através da natureza é possível chegar a sua interioridade, reconhecendo o que há de melhor em si, sinceridade e serenidade, afirma Ortega y Gasset (1966b) ao apontar para a possibilidade do homem manter um contato consigo, via natureza. É possível reconhecer, no tronco de um arbol, uma fortaleza; e nos seus ramos, uma caprichosa indecisão. A relação causal que Ortega y Gasset apresenta, através da fala do religioso, revela quase como em Alberto Caeiro⁶ uma necessidade do homem de retorno à natureza como uma forma de encontrar consigo. Reconhece Ortega y Gasset que a fala do monge não tem mais tanta força, visto que o homem contemporâneo perdeu essa relação direta com a natureza, pois considera que ela, para nós, é um grande morto, que só se pode chegar através da ciência ou da arte e que hoje as paisagens não nos ensinam a natureza, porque esta morreu há tempos, envenenada por um silogismo⁷.

A relação homem e circunstância, descrita na fala do monge, não tem um conteúdo ontológico, mas pedagógico, sendo possível chegar à interioridade via manifestação da natureza. Mesmo esta aparecendo ao homem como mediadora do autoconhecimento, ainda não é possível identificarmos, nesse texto, a inclusão do conceito de circunstância como conteúdo basilar da vida. Os elementos presentes no texto não são suficientes para uma fundamentação filosófica dessa natureza. Porém revela, desde então, uma intuição da dimensão relacional da vida, que marcará, anos depois, o seu programa vital.

Avançando nos escritos do filósofo, deparamo-nos, em 1910, com uma referência direta à palavra circunstância, mas também sem conotação filosófica, pelo menos a princípio. Para Marías (1960), o conceito de circunstância aparece pela primeira vez no ensaio *Adán en el paraíso*. No referido texto, Ortega y Gasset revela a sua pretensão de pôr a Espanha dentro do cenário Europeu, com alguma contribuição significativa, visto que, para ele, a ciência moderna é de origem ítalo-francês; os alemães criaram a ética; os ingleses, a política; e aos

⁶ A referência feita aqui a um dos pseudônimos de Fernando Pessoa é apenas ilustrativa, para explicitar a relação causal do homem com a natureza, descrita por Ortega y Gasset no texto aqui apresentado. Caeiro é o símbolo do retorno à natureza como uma fuga da vida urbana tumultuada, expressa em seu poema “O guardador de rebanhos”, ao revelar que, na cidade, a vida é menor que em sua casa acima do outeiro. (PESSOA, 1942).

⁷ Aparece nessa referência, uma sutil crítica às consequências do racionalismo moderno no mundo ocidental, que acreditou, através da razão, descortinar o mundo, dominá-lo. Contrariamente, afirma Ortega y Gasset (1982, p. 29), “não pode existir qualquer coisa, uma que tão remota que não seja finalmente possível chegar a ela, nem tão oculta que não possa ser descoberta”. No entanto, “três séculos de experiência racionalista nos obriga a recordar o esplendor e os limites daquela prodigiosa razão cartesiana. Essa razão é só matemática, física, biológica. Seus fabulosos triunfos sobre a natureza, superiores o quanto puderam sonhar, sobraram tanto mais fracasso ante os assuntos humanos que nos convida a integrá-la a uma outra razão mais radical, a razão histórica”. (O.C., v 4, 1955a, p. 135-136, trad. nossa).

espanhóis compete à justificação pela estética. Nessa tentativa, Ortega y Gasset, em seu ensaio, desenvolve a fórmula de buscar o ideal de pintura. Esta vai se definir na vida como forma de manifestação diversa, ancorada no seu pensamento perspectivista e holístico. Interroga-se: “[...] O que é uma coisa? Um pedaço do universo: nada é solitário, nem estanco. Cada coisa é um pedaço de outro maior, faz referência as demais coisas, é o que é graças as limitações e confins que estas lhes impõem. Cada coisa é uma relação entre várias”. (O.C., v 1, 1966c, p. 474-475, trad. nossa).

Assim como no texto anterior, de 1906, Ortega y Gasset conserva a ideia de relação. Elege, como objeto investigativo, o quadro, afirmando que nele se encontra uma unidade de coisas, não sendo, ao mesmo tempo, uma coisa, no sentido de que não revela, de um todo, o que é a inspiração do pintor.

Na pintura, aplicam-se vários elementos, mas principalmente a visão de mundo do artista. Relacionado diretamente à valoração das coisas, ver e tocar são maneiras de pensá-las, pois não existe uma suposta realidade imutável e única com que possa comparar os conteúdos das obras de arte, por exemplo. Há tantas realidades como pontos de vista, por isso a realidade de um quadro não é da coisa copiada, mas sim, dele mesmo. O ponto de vista cria o panorama. A terra é percebida de forma distinta, dependendo de quem a observa. A forma como um lavrador a vê é diferente de como é vista por um astrônomo. Por isso, a pintura nada mais é do que o ponto de vista do pintor, que está diretamente relacionado à sua vida. “O mundo é um instrumento por excelência que o homem produz, e ao produzi-lo é uma e mesma coisa com sua vida, com seu ser. *O homem é um fabricante nato de universos*”. (O.C., v 5, 1955a, p.33, grifo nosso).

Na alusão à figura bíblica de Adão, Ortega y Gasset (1966c) elege-o como ideal da pintura. Na verdade, Adão representa a vida que acontece num espaço onde ele encontra forças para continuar existindo. Esse é o primeiro ser a reconhecer-se vivente. A vida, para ele, é o seu grande problema. Por isso, o ideal da pintura, para Ortega y Gasset, é o homem e a natureza, não o homem histórico, mas habitante do planeta. O protótipo da pintura é Adão, por não ser alguém em particular e por ter o paraíso como cenário, onde o homem luta e se reconforta para voltar a lutar, e isso é circunstância. Ortega y Gasset vai afirmar que o homem é o problema da vida, mas poderíamos inverter essa frase para sermos ainda mais fiéis ao seu pensamento na maturidade: a vida é o problema do homem. Mencionaremos aqui a primeira citação direta ao conceito de circunstância:

Quando Adão apareceu no Paraíso, como um árbol novo, começou a existir isto que chamamos vida. Adão foi o primeiro ser que vivendo, se sentiu viver. Para Adão vida existe como um problema.

Quem é, pois, Adão, com a verdura do Paraíso entorno, *circundado* de animais; [...] os rios com seus peixes inquietos, e mais além os montes altos de pedras, e logo os mares e outras terras, e a Terra e os mundo?

Adão no paraíso é pura e simples vida, é o débil suporte do problema infinito da vida.

A gravitação universal, a dor universal, a matéria inorgânica, os seres orgânicos, a história inteira do homem, suas ânsias, suas exaltações, Nínive e Atenas, Platão e Kant, Cleópatra e Don Juan, o corporal e o espiritual, o momentâneo e o eterno e o que dura [...], tudo gravitando sobre o fruto roxo, subitamente maduro do coração de Adão. Se compreende tudo o que significa a sístole e a diástole daquela minudencia, todas as coisas ignoráveis, tudo isso que expressamos com uma palavras de *contornos infinitos*, VIDA. (O.C., v 1, 1966c, p. 480, grifo nosso).

Ortega y Gasset avança opondo-se à redução do conceito de vida feito pela ciência, tanto pela biologia, que distingue seres vivos (animais) e seres que não vivem (pedras), como a fisiologia, que define a vida simplesmente pelo biológico. No entanto, para Ortega y Gasset, a vida de uma coisa é seu ser, contínua, e o que é o ser? Responde exemplificando: “O sistema planetário não é o sistema de coisas, neste caso de planetas: antes de idear-se o sistema planetário não existia planetas. É um sistema de movimentos; portanto conjunto de relações: o ser de cada planeta é determinado, dentro deste conjunto de relações [...]” (O.C., v 1, 1966c, p.481). Portanto, cada coisa concreta está constituída por uma suma infinita de relações. Para Pillet (1968), o artigo *Adan en el paraíso* vem significar a intuição da antropologia de Ortega y Gasset, desenvolvida nas *Meditações*, ao definir o homem como sendo com sua circunstância, eu e meu mundo. Esse mundo não é propriamente uma coisa ou a soma delas, senão um cenário, porque a vida é drama, algo que o homem faz e lhe acontece em seu mundo, no tempo. Por isso que o autor considera ser o eu circunstanciado de Ortega y Gasset distinto do eu em situação⁸, visto que este não é um estado de consciência ou ânimo, mas uma condição ontológica.

Num novo artigo, publicado em janeiro de 1911, *Vejamen del orador*, Ortega y Gasset emprega o termo circunstância associado à ferramenta discursiva do orador político. Destacando a função do redator chefe do jornal imparcial, Ortega y Gasset avalia como é de difícil execução o trabalho de *Cuartero*. A dificuldade encontra-se no fato de que a maior parte dos textos trata do cenário político, onde não há uma preocupação com a escrita, mas

⁸ Sartre concebe que o sujeito exercita a sua liberdade sempre em uma situação, algo imediato em que o sujeito se depara, por sua vez, “toda liberdade está em situação e não há situação sem liberdade”. (BORNHEIN, 2007, p. 118). Circunstância, em Ortega, não é apenas o acontecimento com o qual o sujeito se confronta, é mais que isso, circunstância inclui tudo que envolve o humano, “[...] portanto, não é só o imediato; tudo o que rodeia ou circunda o homem, inclusive o que está além de seu alcance; não só o físico, mas também as realidades de outra ordem, o histórico, o espiritual [...]”. (PILLET, 1968, p. 8).

com a oralidade. E o que o redator faz é revelar o vício originário desses oradores: “tomar posse das circunstâncias – público, momento, lugar, etc –, é requisito da destreza oratória”. (O.C., v. 1, 1966c, p.562).

Diferente do louco e do místico⁹, o orador não tem uma preocupação direta em manter uma coerência entre o que ele pensa e o que está a falar, mas, “segundo o senhor *Cuartero*, o orador representa o extremo oposto, e só cuida de buscar convivência com a circunstância” (O.C., v 1, 1966c, p. 562). O orador aparece, nesse artigo, como a figura que usa a circunstância como ferramenta de ação, no caso o discurso político, de modo que o orador nasce com a circunstância, com ela morre, nela se esgota, e quando ela se transforma em outra, renasce de si mesmo com uma nova condição. O orador é o homem circunstanciado. No caso em questão, a circunstância não aparece como elemento antropológico, mas apenas como ferramenta de um tipo de ação, sendo o político um sujeito que pensa a partir da circunstância. No entanto, Ortega y Gasset, explicita o conceito ao interrogar-se:

São estas cem pessoas, estes cinquenta minutos, esta questão miúda? Toda a *circunstância* está encaixada em outra mais ampla: porque pensar que só me rodeia dez metros? Grave olvido, pesada inércia é não responder senão a tão poucas circunstâncias, quando em verdade, nos rodeia tudo! Eu não simpatizo com o louco, nem com o místico: merece todo o meu entusiasmo o homem que assume as circunstâncias contanto que não se esqueça de nenhuma. (O.C., v. 1, 1966c, p. 557, grifo nosso).

Essa passagem revela uma ideia muito aproximada do que Ortega y Gasset precisará, três anos depois, em seu primeiro livro, porém oculta a noção de circunstância como condição de possibilidade do humano. Somente em 1914, ao publicar as *Meditaciones del Quijote*, é que o pensamento de Ortega aparece, definitivamente, como circunstanciado. Marías (1960) afirma que é a partir de então que Ortega y Gasset define o seu projeto filosófico, incluindo a noção de circunstância como categoria estrutural na definição do humano. O homem só pode ser compreendido e definido na relação com a circunstância, conceito esse que será ampliado além do mundo circundante, estendendo-o para tudo que o homem necessita para viver.

⁹ Ortega y Gasset deixa escapar certa ironia no parentesco do louco com o místico, seu irmão menor, por ambos partirem de elucubrações puramente subjetivas. No seu livro *O que é filosofia?* marca a distinção entre o místico e o filósofo. Enquanto este busca imbuir-se do mistério, o filósofo incute em si o desejo de desvendá-lo, contrariamente, escreve Ortega y Gasset (1994, p. 83), “o misticismo tende a explorar a profundidade e especula com o abismático; pelo menos, entusiasma-se com as profundidades, sente-se atraído por elas. Não lhe interessa submergir do profundo até a superfície. Contra o que é costume supor-se, é a filosofia um gigantesco anseio de superfície, quero dizer de trazer para a superfície e tornar patente, claro, evidente se é possível, o que estava subterrâneo, misterioso e latente”.

Desenvolve, nessa obra, a concepção de indivíduo como resultado da totalidade das relações com o mundo, algo que já apareceu nos artigos citados anteriormente.

A primeira referência ao conceito de circunstância encontra-se no início da obra, quando se volta ao leitor com a seguinte afirmação: “Versam alguns – como esta série Meditações de Quixote – sobre temas de elevado alcance; outros, sobre temas mais modestos; mais de um, sobre temas humildes; todos, direta ou indiretamente, acabam por referir-se às circunstâncias espanholas” (O.C., v.1, 1966a, p. 311). O projeto filosófico de Ortega y Gasset desenvolve-se imbuído de um conteúdo histórico, clarificado nas Meditações, com a referência direta à realidade hispânica. A partir de agora, fazer “experimentos de uma Espanha” será uma maneira de Ortega y Gasset orientar sua vida.

Ao escolher *Quijote*¹⁰ como norte para pensar a Espanha, Ortega y Gasset (1966a) reconhece, nessa figura literária, o modelo típico do homem espanhol. O velho fidalgo, amante dos livros de cavalaria, no auge de sua loucura, confunde o real com o imaginário, no entanto, conserva em si o desejo de salvar a Espanha dos invasores. Certamente, Ortega não assume a dimensão épica de *Quijote*, todavia, faz desse desejo de salvação um projeto vital. Assim, a filosofia orteguiana assume um caráter de duplo sentido: emerge de uma situação concreta da Espanha, exemplificada na figura do *Quijote* e, em seguida, revela a dimensão semântica da filosofia, que é o amor ao saber; posteriormente, definir-se-á como condição fundamental na constituição do humano pelo saber a que ater-se.

Uma filosofia circunstanciada trata-se, portanto, de uma doutrina do amor, entendendo-o como ligação de duas coisas, no caso, o eu e a circunstância. Ele é o ponto-chave que liga tudo, pois, no amor, os pares se tornam necessários para continuar existindo. Ortega y Gasset (1960, p. 77) afirma ainda que, “amar uma coisa é estar empenhando em que exista, não admitir, no que depende de nós, a possibilidade de um universo onde aquele objeto esteja ausente”. Reportando-nos ao banquete de Platão, o amor é definido por Sócrates como

¹⁰ Cervantes (2004, p. 27-31) descreve *Don Quijote* da seguinte forma: “en un lugar de la Mancha, de cuyo nombre no quiero acordarme, no há mucho tiempo vivia un hidalgo y galgo corredor [...] se daba a leer libros de cabalarías, con tanta afición y gusto, que olvidó casi de todo punto el ejercicio de la caza y aun la administración de su hacienda [...] En resolución, él se enfrascó tanto en su lectura, que se le pasaban las noches leyendo de claro em claro, y los días de turbio en turbio; y así, del poço dormori y del mucho leer, se lê seco el cerebro de manera que vino a perder el juicio. Llenósele a la fantasía de todo aquello que leia en los libros, así de encantamientos como pendências, batallas, desafios, heridas, requiebros, amores, tormentas y disoarates imposibles; y asentósele de aquellas somadoras invenciones que leia, que para él no había outra historia más cierta en el mundo [...] En efecto, rematado ya su juicio, vino a dar en el más extraño pensamiento que jamás dio loco en el mundo, y fue que lê pareció conveniente y necesario, así para el aumento de su honra como para el servicio de su república, hacerse caballero andante y irse por todo el mundo com sus armas y caballo a buscar las aventuras y ejercitarse en todo aquello que él había leído que los caballeros andantes se ejercitaban, dashaciendo todo gênero de agravio y poniéndose en ocasiones y peligros donde, acabándolos, cobrase eterno nombre y fama”.

busca da parte que falta em vista de um complemento: “primeiramente ele é sempre pobre, e longe está de ser delicado e belo, como a maioria imagina, mas é duro, seco, descalço e sem lar, sempre por terra e sem forro, deitando-se ao desabrigo, às portas e nos caminhos, porque tem a natureza da mãe, sempre convivendo com a precisão” (PLATÃO, 1972, p.41). Numa perspectiva orteguiana, a circunstância é sempre o que completa o homem, o que o possibilita ser o que se é pretendido. O amor aparece como a marca da relação, pois, no amor, não é possível pensar o amado separado do objeto do seu amor. Marías (1967) insere ao pensamento de Ortega y Gasset a seguinte “fórmula”: coisa a coisa e tudo conosco. Explica:

Neste sentido ainda mais fundo, a filosofia de Ortega é circunstancial, e o é de maneira intrínseca, quer dizer, consiste como doutrina, em ser circunstancial. Ou poderíamos dizer se prefere, que filosofar e circunstancializar, fazer disto que está aí, circunstância ou mundo, conexão amorosa na perspectiva do sujeito que vive ali, com seu perto e seu longe, seu mais e seu menos, seu grande e seu pequeno, sua hierarquia, em suma. (MARIAS, 1967, p. 23, trad. nossa).

Nas meditações preliminares, Ortega y Gasset (1966a) descreve a fonte de inspiração para o conteúdo a ser desenvolvido, reportando-se a um lugar semelhante ao referido no ensaio de 1906: *la pedagogia del paisaje*. Nas Meditações, faz referência a um ambiente composto por uma paisagem natural, onde a experiência de silêncio torna-se favorável ao reconhecimento da realidade. O lugar é o mosteiro do Escorial, onde fica situado num bosque, cuja importância será fundamental para a introdução do conceito de realidade e de circunstância. A partir desse escrito, Ortega y Gasset define o homem como envolvido pelo seu entorno e, assim como *Quijote*, ele vai fazendo experiência de duas realidades: a que cria imaginariamente e a que encontra nas manifestações das coisas.

Ortega y Gasset (1966a) lança a seguinte questão: o que é o bosque? O verdadeiro bosque, para ele, compõe-se de árvores que não se vê, de uma totalidade que não é possível apreender no concreto, por isso, o que define por bosque é a natureza invisível, estando sempre um pouco mais além de onde nos encontramos.

[...] eu não sou minha efetiva realidade. Minha realidade, meu sentido estar por trás de mim, oculto por mim. Para chegar a ela tenho que não fiar-se em mim, não tomar a mim mesmo como realidade, senão, ao contrário, tenho que interpretar a mim, e isto supõe buscar como verdadeiro sentido deste hieroglífico outra coisa bem distinta do aspecto que suas figuras me oferecem. (O.C., v 5, 1955a, p.15).

Isso parece ficar mais claro quando ele, em sua obra *En torno a Galileo*, cita o exemplo da laranja. Nunca é possível vê-la em sua totalidade, sempre fica algo oculto, uma

parte a ser vista, até por conta da nossa limitada visão, que só consegue perceber as coisas em partes; é nesse sentido que o bosque, para Ortega y Gasset, aparece como infinitas possibilidades, podendo ser visto de diversas formas.

Tudo vai depender de quem o vê e de que ponto se encontra, no entanto, todos identificarão aquele espaço como bosque. Aqui aparecem dois elementos necessários para a compreensão do que está sendo trabalhado: as impressões e a interpretação. Esta é ativa e exige esforço para a construção do que, depois, Ortega y Gasset (1966a) vai chamar de conceito, o qual pode ser entendido como interpretação, enquanto que as impressões formam uma rede superficial de onde parecem sair caminhos ideais em direção a outra realidade mais profunda. O primeiro contato é aprofundado através da meditação ou reflexão, o que corresponde, ao movimento em que se abandonam as superfícies, costa da terra firme, e onde nos sentimos lançados a elemento mais tênue, em que não há partes materiais de apoio. A partir de ambos é que se desenvolverá o conceito de realidade, algo que trabalharemos com mais cuidado e precisão no capítulo seguinte.

Ortega y Gasset está de acordo que a estrutura da realidade encontra-se no apaziguamento dos contornos, que procede da nossa atenção ordenadora, que estendeu a tudo uma rede de relações. O sentido de algo passa pela compreensão de uma coisa com as demais, pois “[...] não me basta ter a materialidade da coisa, necessito, além disso, conhecer o *sentido* que tem, quer dizer, a sombra mística, que sobre ela veste o resto do universo.” (O.C., v 1, 1966a, p.351, grifo do autor, trad. nossa). Dar sentido, para Ortega y Gasset (1966a), é apreender as impressões. Por meio delas, temos a forma, o sentido e a moral das coisas. Etimologicamente, a palavra “percepção” alude a colher, apresar. Para o autor, o conceito é o verdadeiro instrumento ou órgão da percepção e apresamento das coisas. Esclarece:

Se arrancarmos qualquer peça de um mosaico, restará o perfil deste em forma de oco, circunscrito pelas peças confinantes. Do mesmo modo, o conceito expressa o lugar ideal, o vazio ideal correspondente a cada coisa no sistema das realidades. Sem o conceito não saberíamos bem onde começa e onde acaba uma coisa, como impressões, as coisas são fugazes, fugidias, deslizam-se de nossas mãos e não as possuímos. O conceito interligando uma às outras acaba por fixá-las e aprisioná-las. Diz Platão que as impressões se nos escapam se não as amarramos com a razão, como segundo a lenda, as estátuas de Demetrios fugiriam dos jardins durante a noite se não estivessem atadas. (O.C., v 1, 1966a, p. 353).

Certamente o conceito não é resultado de uma mente solitária e autossuficiente, mas de uma razão que funciona a partir da sua relação com a vida. O que dá ao “conceito” caráter espiritual é seu conteúdo esquemático. Da coisa, ele retém meramente o esquema. Num

esquema só possuímos os limites das coisas, e tais limites não significam mais do que a relação em que eu e o objeto encontramos-nos com os demais. Segundo Ortega y Gasset (1966a), o conceito será visto como órgão que capta as coisas precisamente, porque ele não necessita sempre da matéria para inferir alguma coisa sobre a realidade. Por isso a compreensão sobre as coisas ganha clareza por meio do conceito, significando, assim, “[...] tranqüila posse espiritual, domínio suficiente de nossa consciência sobre as imagens, um não padecer da inquietude ante a ameaça de que nos fuja o objeto apresado”. (O.C., v 1, 1966a, p. 357).

Em *Quijote*, chegamos à compreensão de que as coisas têm duas vertentes: uma, o sentido, sua significação, o que são enquanto interpretadas¹¹; outra, a materialidade, sua positiva substância, o que as constitui por cima de toda interpretação. Justifica-se, portanto, a relação da realidade como os gigantes imaginários de *Quijote*, com as suas miragens.

Impulsionado a definir o que é o real, Ortega y Gasset (1966a) introduz a noção de circunstância nas *Meditações*, ancorado numa visão perspectivista da realidade, ao sustentar a ideia de que este é uma construção relacional, como já foi aqui abordado através da figura de *Quijote*. A circunstância, enquanto conceito filosófico, é antecedida por um apelo orteguiano ao abandono da convicção metafísica, fundada, exclusivamente, na materialidade ou na idealidade do mundo, afirmando que este é uma perspectiva e, portanto, relacional. O apelo de Ortega y Gasset (1966a, p. 322) segue-se de uma pista metodológica:

Havemos de buscar para nossa circunstância, tal como ela é, precisamente o que tem de limitada e peculiar, o lugar acertado na imensa perspectiva do mundo. Não nos deteremos perpetuamente em êxtase perante os valores hieráticos, mas conquistemos para a nossa vida individual o posto oportuno entre eles: a reabsorção da circunstância é o destino concreto do homem.

Esta ideia será mais tarde desenvolvida, em outros escritos, com o conceito de vida. Viver é, para Ortega y Gasset, saber a que se ater e, neste momento, essa parece ser a preocupação do autor ao tomar posse de sua circunstância hispânica. A saída encontrada por ele, para integrar homem e mundo em que narrava as *Meditações* no escorial, abre-se pelos desfiladeiros do Guadarrama ou campo de Ontígola. Atentemos a frase que marca antecipadamente o caráter filosófico do conceito de circunstância: “este setor da realidade circundante forma a outra metade da minha pessoa: só através dela posso integra-me a ser eu

¹¹ A imagem que *Quijote* tem da realidade é uma imagem por ele criada. Diante dos moinhos de ventos o que vê não são os mesmos, mas monstros que estão invadindo a Espanha, por isso é preciso guerrear.

mesmo”. (O.C., v. 1, 1966a, 322). Esse é o resumo da antropologia orteguiana, que parece definir, de um todo, sua trajetória filosófica. Ortega y Gasset marca, definitivamente, a base de todo o seu pensamento, ao afirmar, logo no parágrafo seguinte, que o homem agora só pode ser com sua circunstância:

Eu sou eu e minha circunstância, e se não a salvo a ela não me salvo a mim. *Benefac loco alli quo natus es*, lemos na Bíblia. E na escola platônica se nos dá como empresa de toda a cultura, esta: “salvar as aparências”, os fenômenos, quer dizer, buscar o sentido do que nos rodeia. (Grifo do autor).

A frase inicial deve ser dividida em dois momentos: primeiro, o que o homem é; segundo, o que ele precisa fazer para se tornar. Quando Ortega y Gasset afirma ser o eu com a circunstância, esse eu não esgota o humano, desviando da sua visão antropológica qualquer ranço de idealismo. O homem só pode ser com a circunstância, por isso o primeiro eu é o que caracteriza o pensamento de Ortega y Gasset, é o eu que corresponde ao homem envolvido com o seu entorno. Eu e a circunstância é a intuição radical de Ortega y Gasset, a qual reúne duas dimensões da vida humana: heroísmo¹² e tragédia¹³, por isso, *Quijote* é o que melhor representa essa condição humana. Esse setor da realidade circundante forma, em Ortega y Gasset, a outra metade do sujeito e, somente através dela, é possível integrar-se a si mesmo.

A palavra *yo* tem duas funções na interpretação de Marías (1967, p. 408-409):

Somente em primeiro é rigorosamente *real*, é a totalidade de minha pessoa, e compreende a “outra metade” desta, a saber, a circunstância. O segundo *yo* é “insuficiente”: é só um elemento ou ingrediente inseparável da circunstância, justamente o momento da *yoidad* (grifo nosso) do homem, que não esgota a sua realidade. Este segundo *yo*, que poderia indentificar-se com o *yo* do idealismo – nem sequer isto é rigorosamente exato – é o sujeito do viver, centro de uma circunstância; esta, com efeito, está constituída por estar entorno – *circum* – a um *yo*: seu modo de ser é “*circundar*” ou “*circunstar*”, é pois, o eu quem dar a circunstância seu caráter de tal, portanto, unitário, e em suma, vital; porém, ao contrário, a circunstância só se constitui entorno a um eu que não está simplesmente definido por ser seu “*centro*”, que não é um eu qualquer, senão um *eu mesmo* capaz de entrar em si, e que é alguém.

¹² Nas meditações, Ortega y Gasset escreve que todos levam, dentro de si, os despojos de um herói. O herói é sempre aquele que carrega em si a vontade de ser o que ainda não é. Ser herói consiste em alguém ser si mesmo. “O herói está definido pela não aceitação da realidade, do que é, e por uma vontade de modificação do real; quer dizer, de aventura; esta consiste fundamentalmente num projeto”. (MARÍAS, 1967, p. 360). A humanização tem, na história da humanidade, um dos maiores desafios do humano.

¹³ O trágico aproxima-se do que Ortega y Gasset (1969) desenvolve, depois das Meditações, na metáfora do naufrago. A vida também tem um conteúdo dramático, porque a escolha desse projeto, o ser si mesmo, não é algo passivo, mas carece do exercício constante da liberdade, sendo a tragédia outra forma de considerar a vida humana. Por essa condição, Ortega y Gasset acredita que o *drama* seja a palavra que mais se aproxima da definição de vida humana. Para o homem, não há uma realidade pronta, mas ele tem que ganhar sua vida.

Marias (1967) vê, nessa definição, a fórmula¹⁴ mais condensada da intuição fundamental de Ortega y Gasset. Circunstância é, portanto, tudo o que nos rodeia, tudo o que está *circum me*, no meu entorno, ao meu redor. É um conceito puramente funcional e que nada prejudica, limitando-se a tomar a realidade e toda a sua imediatez e pureza. Nesse sentido é muito mais radical que *Umwelt*, de Husserl, entenda o mundo entorno como mera intencionalidade. Em Ortega y Gasset, e essa é a sua grande contribuição para a Filosofia, circunstância é condição de possibilidade, sem ela não é possível pensar o real, pois a fonte da realidade é a vida e essa só pode ser pensada circunstancialmente. O possessivo “*mi circunstancia*” não indica uma mera localização, no entender de Marias (1967), senão uma efetiva posse, por ser eu mesmo. É possível afirmar que algo é meu e esse meu é a circunstância, eu a tenho como um dado que me possibilita continuar vivendo, que me dá o suporte necessário para existir. No entanto, o comentador faz uma ressalva importante:

Poderíamos dizer que eu estou “definido” por minha circunstância, porém que minha circunstância não me define, em outros termos, me circunscreve, não sou mais com ela, me condiciona, porém não esgota a minha realidade, não a determina. Minha verdadeira realidade não está dada quando estão dados minha circunstância e um eu abstrato, pontual, puro sujeito dela. Nem o momento da “*yoidad*” nem o da “*subjetividad*” esgotam minha realidade pessoal. Eu, em sentido real do termo, não sou mero sujeito ou suporte da circunstância, não sou só “o que” vive nela, senão quem faz sua vida com ela, dando a esse quem seu rigoroso sentido pessoal. (MARIAS, 1960, p. 409, grifo nosso).

O primeiro *yo* é o que há de inovação na filosofia orteguiana, pois *yo* e a *circunstancia* poderiam ser entendidos tanto como idealismo como realismo. Quando Ortega y Gasset acrescenta mais um *yo*, antecedendo a *yo y mia circunstancia* designa e denomina que a minha realidade pessoal, esse primeiro *yo*, não pode ser abstrato. O segundo pode ser identificado com o eu do idealismo, o sujeito do viver, sendo este centro de uma circunstância. O significado do termo “minha circunstância” implica num pronome possessivo “meu”, que indica uma efetiva posse. O sentido real do termo *yo* encontra-se no que é feito com a vida, e isso é uma condição circunstancial. O primeiro *yo* é correlação que não significa, no entender de Marias (1960), uma coexistência, visto que isso daria margem para uma dimensão dualista, mas o que há no pensamento de Ortega y Gasset, via circunstância, é uma mútua pertença.

¹⁴ Marias usa essa expressão no seu livro *Circunstancia y vocación*, no entanto, a consideramos incoerente com o pensamento de Ortega y Gasset, visto que a frase “eu sou eu e minha circunstância” marca um esforço teórico de superar a razão físico-matemática na compreensão do humano. O “eu em circunstância” não é uma fórmula, mas o próprio conceito de humano.

Na expressão “*yo soy yo y mi circunstância*” Ortega y Gasset (1966a) defende que o *yo* não pode ser reduzido a uma entidade ontologicamente independente. Em Ortega y Gasset, eu não posso conceber-me a mim mesmo sem conceber, de uma vez, minha circunstância e, simultaneamente, não posso conceber a mim mesmo como centro dinâmico. O homem só é com sua circunstância, e essa é a luta de Ortega y Gasset contra o idealismo. Mora (1973) sustenta que é preciso um convênio entre a vida e a razão, por isso desenvolver a relação entre conceito e perspectiva, em Ortega y Gasset, parece ser o único modo de apreender a realidade e, portanto, o único modo de formular verdades universais.

Ortega y Gasset segue a esteia de uma ontologia relacional. Desde os seus primeiros ensaios, aclarando, definitivamente, nas *Meditações*, compartilha da ideia de que o sentido é sempre construção, e esta necessita tanto do sujeito quanto do objeto. Ortega y Gasset se pergunta quando é que abandonaremos a convicção de que o ser definitivo do mundo não é a matéria, nem a alma, nenhuma coisa determinada, e sim uma perspectiva. O conceito de perspectiva está diretamente relacionado à circunstância, pois a vida acontece, como foi apresentado por ele em *Adan e el paraíso*, no mundo. É por isso que a salvação do homem passa pelo reconhecimento da sua circunstância, pela compreensão do que ela é. Salvá-la é salvar a si mesmo, visto que ambos estão imbricados um no outro. Afirma: “o homem rende o máximo de sua capacidade quando adquire plena consciência de suas circunstâncias. Por ela se comunica como o universo”. (O.C., v 1, 1966a, p. 319). Daí procede todo o esforço exegético da cultura para interpretar, explicar, esclarecer a vida, visto que “a vida é um texto eterno, a sarça ardente à margem do caminho que Deus faz ouvir sua voz”. (O.C., v 1, 1966a, p. 357, trad. nossa).

Esse desejo de compreensão do humano revela-se na figura do *espectador*, o qual dá título a uma obra de transição de Ortega y Gasset, e que reúne vários de seus artigos. A junção dos escritos, por volta de 1916 a 1934, representa a maturação do pensamento circunstancial e perspectivista de Ortega y Gasset. O título da obra aponta para um tipo de homem, cujo ponto de vista individual possibilita-o ver o mundo, sendo que tudo o mais é apenas artifício. Essa ideia integra-se ao que nosso pensador desenvolve no seu raciovitalismo, o qual parte de uma realidade radical, a vida, e esta enquanto acontecimento único e intransferível. Em *Verdade e Perspectiva*, Ortega y Gasset associa o *espectador* a um decifrador de enigmas em que a sua busca primeira é a verdade, importando, para ele, olhar o mundo no que é. O que Ortega y Gasset está ressaltando aqui é da atitude filosófica em que o estado de busca e de observação é uma constante. No entanto, o processo de observação carece de um elemento da circunstância, que é o tempo.

O texto *De Madrid a Astúrias o los dos paisajes* revela a insuficiência do tempo no conhecimento da circunstância, carecendo do *espectador* uma intensa dedicação e cuidado. O imperativo temporal marca a vida humana, mesmo quando esta desmembra presente, passado e futuro. Como uma moldura, a vida assume a circunstância, enquanto cenário em que a paisagem tem o destino de ser fundo de algo que não é ele e servir de cenário a uma cena vital. Essa circunstância envolve o humano como necessitando sempre do outro, do que o reconhece e do que o antecede temporalmente para a legitimação das coisas. No texto *Elogio del Murciélagos*, o tempo revela a determinação da circunstância sobre o indivíduo, que não age somente seguido de sua vontade, mas também pela imposição da circunstância. O que esses textos anunciam é o caráter determinante da circunstância e, ao mesmo tempo, a capacidade do humano de sobrepor-se a essas determinações.

Essa ideia aparece bem clara nas obras posteriores às meditações, através da qual Ortega y Gasset desenvolve o conceito de circunstância, diretamente relacionado ao de vida. Na verdade, a chave do pensamento de Ortega y Gasset não está na circunstância, mas na vida, e essa só pode ser entendida circunstancialmente. No seu ensaio *Meditación de la Técnica*, obra que representa uma extensão do seu pensamento filosófico sobre o ser e a vida do homem diante da técnica, considera que o homem, ao ter que estar no mundo, encontra uma rede intrincada, tanto de facilidades como de dificuldades, tendo ele que assumi-las ao assumir a vida. Viver significa, portanto, contar com sua circunstância, não sendo possível abrir mão da mesma, pois, retomando a idéia aqui já apresentada, a salvação pessoal passa pela salvação do entorno, por isso, fazer técnica é fazer a si mesmo. Em *Meditaciones de la técnica*, Ortega y Gasset apresenta a dimensão fatalista da circunstância que antecede o viver. “O mundo, a circunstância, se apresenta desde logo como primeira matéria e como possível máquina. E para existir tenho que estar no mundo, e este não realiza por si e sem mais o ser do homem, senão que ele põe dificuldades [...]”. (O.C., v 5, 1955b, p.342).

O desenvolvimento do conceito de circunstância, nas Meditações, está diretamente relacionado ao que Ortega y Gasset entende por vida humana. A vida, como escolha deliberada dos homens, implica na eleição da circunstância como conteúdo necessário da própria existência. Na citação abaixo, Ortega y Gasset descreve a circunstância como condições de possibilidades que o homem se depara ao viver. Cito:

Existir é para nós nos encontrarmos tendo que realizar a pretensão que somos em uma determinada circunstância. Não nos é permitido elegermos de antemão o mundo ou circunstância em que temos que viver, senão que nos encontramos, sem nossa anuência prévia, submergidos em um contorno, em um mundo em que é o aqui e agora. Esse mundo ou

circunstância em que me encontro imerso não é só a paisagem que me rodeia, senão, também, meu corpo e também minha alma. Eu não sou meu corpo, me encontro com ele e com ele tenho que viver, seja são, ou enfermo; porém tão pouco sou minha alma, também em encontro com ela e tenho que usar dela para viver, mesmo que as vezes me sirva mal porque tem pouca vontade ou nenhuma memória. (O.C., v. 5, 1955b, p. 339).

A escolha pela vida ocorreu desde o homem primitivo, ao reconhecer suas limitações naturais fez uso da própria natureza para superá-las. Ortega y Gasset esclarece tal fato ao incluir como exemplo a superação da necessidade de se aquecer através da criação do fogo. No entanto, a vida é muito mais do que o material. O homem primitivo já entendera essa dimensão ao criar as “casas de sudar”, onde se reuniam para usar substâncias alucinógenas, as quais escapavam totalmente da necessidade biológica. De acordo com o que se entende por vida tem-se a interpretação da circunstância.

Em *Rebelión de las masas*, Ortega y Gasset (1951a) amplia esse conceito, estendendo sua concepção ontológica para questões políticas. Entende agora que a circunstância, enquanto tudo que envolve o homem, aparece a ele de forma muito mais complexa, visto que a vida se mundializou: o conteúdo da vida do homem de tipo médio é hoje todo o planeta; que cada indivíduo vive habitualmente todo o mundo. O conceito aparece, nessa obra, correspondendo ao ambiente de possibilidades determinadas em que o indivíduo se encontra. Nas declarações do filósofo,

Tanto vale dizer que vivemos como dizer que nos encontramos em um ambiente de *possibilidades determinadas*. A este âmbito chama-se “as circunstâncias”. [...] Porque este é o sentido originário da ideia de “mundo”. Mundo é o repertório de nossas possibilidades vitais. Não é, pois, algo a parte ou alheio a nossa vida, senão que é sua autêntica periferia. Representa o que podemos ser, portanto, nossa potencialidade vital. Esta tem que concentrar-se para realizar-se, ou, dito de outra maneira, chegamos a ser só uma parte mínima do que podemos ser. Daqui que nos parece o mundo uma coisa tão enorme, e nós, dentro dele, uma coisa tão pequena. O mundo ou nossa possível vida é sempre mais que nosso efetivo destino. (O.C., v 4, 1951a, p.163, grifo nosso).

A circunstância, enquanto possibilidade de vida, tem crescido mais do que nunca no entender de Ortega y Gasset. O aumento da produção intelectual, da ciência, da técnica, ampliaram os horizontes do homem médio, a ponto de sua vida romper a dimensão fronteira da cultura e da geografia, local representando, para o autor, o crescimento das potencialidades subjetivas que tudo isso supõe. Isso não quer dizer que a vida moderna seja melhor do que as anteriores, mas, a nível potencial, esta teve um enorme avanço. Com isso, Ortega y Gasset demarca o terreno que será objeto do declínio da modernidade:

[...] vivemos em um tempo que se sente capaz fabulosamente para realizar, porém não sabe o que realizar. *Domina todas as coisas, porém não é dono de si mesmo*. Sente-se perdido em sua própria abundância. Com mais meios, mais saber, mais técnica do que nunca, resulta que o mundo atual vai com ele mais desafortunado que tem sido: puramente a deriva. (O.C., v 4, 1951a, p.167, grifo nosso).

O que determina o homem médio é o que Ortega y Gasset vai denominar de sociedade de massa, e esta não com o sentido de aglomeração, mas como um fator psicológico que gera uma identidade coletiva. O conceito aqui trabalhado não é algo novo na literatura do filósofo. Esse aspecto, determinante da circunstância, já aparecera em obras anteriores, o que há de novo é a sua relação efetiva com um aspecto histórico do homem contemporâneo: o homem visto como massa, contrapondo-se, aqui, à individualização do sujeito como condição de autenticidade ao aspecto fundamental na teoria orteguiana.

A vida humana encontra-se numa circunstância, podendo confundir-se com ela, isso porque “tanto vale dizer que vivemos como dizer que nos encontramos em um ambiente de possibilidades determinadas. Este âmbito chama-se circunstâncias. Toda a vida acontece dentro da circunstância ou mundo” (O.C., v 4, 1951a, p.165). Trata-se de apresentar, nessa obra, a sociedade de massa, constituída por aqueles que se confundem com o seu entorno ao definirem-se como algo específico, seja a ciência, a política, ou qualquer ideologia que apareça em forma de ideias ou crenças. Por sua vez, perde-se de vista o sentido da vida ao desconhecer sua dimensão fundamental: a necessária relação.

Ser humano é ser “com”, é contar sempre em vista “de”, e não ser “o”, tornar-se o que se “é”. Portanto circunstância não é o condicionamento social, ela envolve o homem inteiro, na sua relação com o universo cultural de uma época. O motivo da vida não se confundir com a circunstância é que ela acontece em primeira pessoa, sendo de caráter intransferível, na interpretação de Carvalho (2003), por ser única. Adversamente, Ortega y Gasset diz ser o homem-massa aquele que está adaptado por identificar-se com a circunstância a que pertence, vivendo segundo os parâmetros da padronização social. O adaptar implica sempre no risco de confundir-se com a circunstância, daí o homem massa ser aquele homem que se sente com a padronização. Ortega y Gasset ressalta que massa não diz respeito somente ao operariado, mas ao homem médio em geral, por ser ele quem repete, em si, um tipo genérico, identificando massa, não no seu aspecto quantitativo, mas qualitativo, por ter, na modernidade, um caráter psicológico. Inclui, no rol de massa, todo aquele que não se valoriza a si mesmo, que sente-se a vontade ao sentir-se idêntico aos demais. O que há, numa sociedade regida pela massa, é um grande coro e uma enorme ausência de protagonistas. Isso

significa que Ortega y Gasset, através do conceito de circunstância, está falando da vida mesma, dela como acontecimento relacional, que corre o constante risco de ser alterada.

El hombre y la gente ajuda-nos a perceber, mais detalhadamente, o desdobramento do conceito de circunstância, relacionando a possibilidade de uma vida alterada. Ortega y Gasset desenvolve, nessa obra de veio sociológico, os aspectos sociais que compõem a circunstância contemporânea, os quais determinam o agir humano. Afirma ser a circunstância as coisas; e o que fazemos com ela é o que entendemos por vida. Por isso o homem não é sua circunstância, pois a vida é *quehacer* e a circunstância é o que temos aí, o que está dado, é no que necessitamos nos agarrar para viver, pois,

Viver significa ter que ser fora de mim, no absoluto fora que é a circunstância ou mundo: é ter queira ou não eu enfrentar que enfrentar e chocar constante, incessantemente com tudo quanto integra esse mundo, minerais, plantas, animais, os outros homens. Não tenho remédio, tenho que afrontar-me com tudo isso”. (O.C., v 7, 1969, p.106, trad. nossa).

Ao falar da humanização, na conversão paulatina do outro nele mesmo, Ortega y Gasset introduz, desta forma, nesse escrito, o conceito de circunstância: o homem vive em constante conflito entre o que ele considera ser originariamente seu e o que é de sua circunstância, no entanto, mesmo buscando uma originalidade, imprimindo na circunstância as suas ideias, adaptando-a a si, ao invés de adaptar-se a ela, o homem não deixa de sofrer interferências da circunstância. Antes de reconhecer-se enquanto personagem individualíssimo, o homem se descobre e se reconhece dentro de um mundo em que ele tem que se adaptar para viver. Ortega y Gasset exemplifica isso com a linguagem. Através dos signos lingüísticos, reconhecemo-nos primeiro no outro, na circunstância, depois é que nos vamos descobrindo enquanto indivíduo, marca da dimensão pessoal e intransferível da vida. Ele se descobre tendo que ser em meio à sua circunstância. Isso implica num risco constante de o homem não conseguir ser ele mesmo, e esse si mesmo nunca se realiza em sua totalidade. Ao mesmo tempo em que é capaz de ensimesmar-se¹⁵, ao ser com sua circunstância corre-se o risco constante de confundir-se com ela. Ortega y Gasset recorda de um ocorrido numa de suas viagens a trabalho. Um ilusionista, com um ovo e um lenço, fazia com que ambos se

¹⁵ Etimologicamente significa pôr-se consigo mesmo, concentrar-se, meditar. É esse sentido originário que Ortega y Gasset utiliza quando emprega o termo ensimesmamento. Essa expressão é utilizada no espanhol para designar o contato do homem consigo mesmo, ultrapassando, principalmente, o conceito de ação alterada, própria dos animais. Estes agem sempre em função do *outro*, do que está fora, enquanto a ação proveniente do *ensimesmamento* corresponde ao “poder que o homem tem de retirar-se virtual e provisoriamente do mundo, e meter-se dentro de si”. (O.C., v 5, 1955b, p.80, trad. nossa), agindo desde uma prévia contemplação.

envolvessem a ponto de confundi-los, assim é o homem, ao mesmo tempo em que é protagonista da vida, também pode ser alterado pela circunstância.

Nesse sentido, Ortega y Gasset apresenta a circunstância como uma dimensão necessária do humano, pois ela impõe ao homem várias ações na execução de sua tarefa primária, que é a vida. “O homem não pode dar um só passo sem antes antecipar, com mais ou menos clareza, todo o seu futuro, o que vai ser; entende-se, o que decidiu ser em toda a sua vida. Porém isto significa que o homem é obrigado a fazer sempre algo na circunstância [...]” (O.C., v 5, 1955a, p.23). Pelo fato de ele não ser isolado, precisa contar com o mundo que o envolve, no entanto, o mundo, enquanto circunstância, envolve tudo, por isso, o que temos na circunstância são assuntos, e estes o homem tem que ir elegendo para viver. Esse dado é importante, porque o fato de a circunstância ser assunto significa que ela interessa diretamente ao homem e que pode ser modificada, diferente de uma coisa a qual, para Ortega y Gasset, tem a conotação de algo fechado, separado de todo o mais. Por isso, circunstância, em Ortega y Gasset, é sempre *pragma*, algo dinâmico, por ter uma finalidade para a vida. O mundo é ocupado por “campos de assuntos”, mais ou menos localizados em regiões espaciais e cada coisa nos aparece pertencendo a um desses campos ou regiões.

Na apresentação do que é o mundo humano, Ortega y Gasset inclui a circunstância como o terceiro ponto¹⁶, pois ela representa a possibilidade de ser, portanto, ao mesmo tempo em que a vida é pessoal, ela também é circunstancial, e isso não aparece em Ortega y Gasset como dualidade, dicotomia, mas como complementação. A circunstância é sempre o *aqui* em que cada um se encontra vivendo, por isso, as coisas são vistas e sentidas do lugar em que se está, portanto, a vida só pode ser compreendida a partir desse *aquí*, vida e aqui são inseparáveis. Para Pillet (1968), a introdução do conceito de circunstância, no pensamento orteguiano, parte para a superação da oposição entre consciência e mundo.

Incluir a circunstância como conceito filosófico é elevá-la a categoria fundamental para pensar a realidade. Mora (1973) recorda que, seguindo a tradição propagada por Georg Simmel, Ortega y Gasset proclamou que nenhuma realidade, por humilde que parecesse, e nenhum problema, por insólito que fosse, deveriam ser desconectados por nenhum filósofo digno desse nome. Há uma hierarquia na realidade e cada coisa tem que ser pensada seriamente, elevando cada realidade à plenitude de sua significação. Ortega y Gasset faz isso com sua teoria da circunstância, pois, mediante ela, o homem se põe em comunicação com o universo.

¹⁶ O primeiro corresponde à vida no seu sentido originário, a vida pessoal, e o segundo, consiste na decisão do humano em continuar vivendo, reagindo contra as dificuldades impostas pela circunstância.

No entanto, não podemos entender, aqui, circunstância como fundamento da realidade, esta é um elemento importante, mas o que garante o aspecto relacional é a vida. O desfazer-se da circunstância, parece ser para o nosso filósofo, um esforço inútil. A circunstância envolve, não somente os grandes problemas do mundo, mas também as simples realidades com as quais o homem se depara constantemente, pois a vida não implica só as grandes questões, mas todas as questões que dizem respeito à existência de cada um. E é essa realidade que parece ser desconsiderada dentro do discurso filosófico que Ortega y Gasset quer falar. Esse é o seu grande objeto de investigação, a vida na sua concretude, no seu acontecimento cotidiano. Ter a circunstância como conteúdo da vida é dar ao ordinário uma importância, assim como é dada às grandes teorias.

1.4 Circunstância e perspectiva

O conceito de circunstância articula-se, em Ortega y Gasset, com a noção de perspectiva. No seu artigo *Adan en ele paraíso*, nosso filósofo, seguindo a tradição heraclitiana, bem nos mostra que a realidade é dinâmica e se forma desde um ponto de vista, não concebendo, na leitura de Mora (1973), uma realidade imutável e única, com que possa comparar os conteúdos das obras artísticas. Articulando circunstância e perspectiva há tantas realidades como pontos de vista.

No seu texto *Verdad e Perspectiva* (1916), Ortega y Gasset amplia essa ideia ao traçar o antecedente clássico do conceito de perspectiva por meio da teodiceia leibniziana, que trata de explicar a desordem aparente a que se refere o homem. Visto como um pequeno Deus dentro do seu próprio mundo, microcosmo, o homem faz maravilhas ou grandes faltas, e Deus converte todos os defeitos desses pequenos mundos em um movimento de seu grande mundo. Segundo Marías (1966), Leibniz acredita que a perspectiva não vem da condição da realidade, mas da irreduzível pluralidade de Mônadas. Essa doutrina está imbuída de um realismo monológico, cuja múltipla infinidade de substâncias simples não tem comunicação real entre si e entre o universo, gerando múltiplas perspectivas. Tal concepção sustenta que:

As mônadas não tem *ventanas*, por isso em estrito rigor não se comunicam. Se trata de um pluralismo ontológico e ôntico das substâncias. Cada Mônada tem um princípio interior que Leibniz chama percepção quando percebe do exterior e a percepção do seu estado interno [...] Deus vem a ser o único sistema de comunicação de todas as Mônadas [...]. (URIBE, 2002, p.72, trad. nossa).

A noção de perspectiva, em Ortega y Gasset, parece ser bem diversa¹⁷. Embebido de um realismo pluralista, parte do pressuposto de que dois pontos de vista sobre a mesma coisa não podem coincidir, é único para quem o ver. O que pode ocorrer é uma complementação, isto porque “[...] a realidade não pode ser vista senão desde um ponto de vista que cada qual ocupa, fatalmente, no universo”. (O.C., v 2, 1966, p.19). Há de se notar que a condição de realidade funda a noção de perspectiva, e a realidade é sempre resultado da relação entre *yo* y *circunstancia*: “Cada homem tem uma missão de verdade. Donde está minha pupila não está a outra: O que da realidade minha pupila vê minha pupila não vê outra.”.(idem).

Desse modo, o ponto de vista individual parece o único ponto através do qual se pode ver o mundo em sua verdade, na medida em que o acesso à realidade passa pelo lugar que o sujeito ocupa no mundo, “outra coisa é artifício”. (O.C., v 2, 1966, p.18). A verdade provém da fidelidade ao ponto de vista, pois esta, no entender de Ortega y Gasset, só existe enquanto tal perspectivamente. Cada homem tem uma missão de verdade, por ser um personagem individual e insubstituível. De fato, a realidade se oferece em perspectivas individuais: visão, inteligência, valoração, imaginação, desejo, sendo esses os ingredientes que a constitui.

Ao contrário do que possa parecer, a doutrina perspectivista orteguiana nada tem a ver com as doutrinas de Nietzsche¹⁸, Vaihinger e Teichmüller, cuja perspectiva individual funda-se na desconfiança da verdade, abstraída da relação sujeito e mundo. Ortega y Gasset faz um caminho contrário, sustentando a ideia de que a realidade funda-se na noção de perspectiva, resultando numa relação dinâmica: eu e circunstância.

Segundo Marías (1960), o termo perspectivismo aparece por volta do século XIX, com Nietzsche, através da obra *Die fröhliche Wissenschaft* e, postumamente, em *Der Wille zur Macht*, com a ideia de que a consciência não pertence propriamente à existência individual do homem, senão ao que é natureza comum, na medida em que as ações são ilimitadamente

¹⁷ Salas (2003) afirma que os escritos de Ortega y Gasset desenvolvem uma ética da perspectiva, pois seu pensamento constitui-se no esforço de ajustar a realidade tal e como a vivemos hoje. Toda sua obra intenta responder à questão do homem frente ao que ele tem que ser num mundo circunscrito no lugar e no tempo. Para o comentador, o perspectivismo orteguiano implica reconhecer que o indivíduo é princípio de si mesmo, não só porque compartilha com outros homens o uso da razão, senão porque a exerce dentro desse contexto determinado privativo a ele, onde encontra a sua identidade. O destino do indivíduo, na escolha do seu comportamento, tem um conteúdo circunstancial em virtude de sua experiência passada, assim sendo, “a perspectiva não é um conjunto de valores abstratos senão uma disposição formada ao longo dos anos onde a cultura resulta interpretada num contexto de uma vida e de um caráter individual”. (SALAS, 2003, p. 97, trad. nossa).

¹⁸ Ortega y Gasset (1967, p. 18) retoma um dado fundamental na história da ciência do conhecimento: “[...] *la logica, oscilando entre el escepticismo y el dogmatismo, há sólido partir siempre de esta errónea creencia: el punto de vista del individuo es falso. De aquí emanaban las dos opiniones contrapuestas: es así que no hay más punto de vista que el individual, luego no existe la verdad – escepticismo; es así que la verdad existe, luego há de tomarse un punto de vista sobreindividual – racionalismo*”. E complementa esclarecendo que o seu perspectivismo nada tem a ver com o que pensa Nietzsche em sua obra póstuma *La Voluntad de Poderio*, nem com o que, seguindo-o, sustentou Vaihinger, em seu livro recente *La filosofía do como si*.

individuais da forma como a consciência entende ser. Nos escritos póstumos aparece o tema da perspectiva com uma nova configuração: como a verdade e o conhecimento. As ideias de Nietzsche sobre o perspectivismo aparecem na obra de *Hans Uailing, Die Philosophie des Als Ob*, que aborda as ideias de ficção, ilusão, engano. O conhecimento passa a ser entendido desde o ponto de vista da utilidade vital. Verdade para Nietzsche é a classe do erro sem a qual poderia viver uma determinada espécie de seres vivos. Marques (2003) comenta ser o conhecimento para Nietzsche a falsificação do heterogêneo e do incontável no igual, semelhante, inumerável. Por isso, a vida é só possível devido a um tal aparelho de falsificação, assim sendo, pensar é criação de formas falsas. A verdade fica reduzida ao valor que se dá a cada coisa que, oriunda da necessidade de prosperar, atribui valor à vida como instância última de decisão.

Em Ortega y Gasset, a ideia de “ponto de vista” aparece em 1910, em “*Adán en el Paraíso*”, pela noção de “suposição” ou “sistema de valoração” (interpretação). O sentido de “ponto de vista” não tem sentido imediato sensível, limitado à percepção. Ver e tocar tornam-se maneiras de pensar. Conforme Marías (1960), o que há de considerável no pensamento de Ortega y Gasset em relação ao perspectivismo é a relação feita entre o ponto de vista e a realidade. Não há uma suposta realidade imutável e única, à parte, como em Nietzsche, mas esta corresponde ao ponto de vista do sujeito.

Nas *Meditações* aparece formalmente a noção de perspectiva. A primeira coisa dita é que ela consiste em ser definitivo do mundo. A primeira atribuição da perspectiva não é a ilusão, mas o real. Nietzsche e Teichwüller veem, na perspectiva, uma oposição à realidade. Ponto de vista significa aparência, convenção, ilusão, que se desvanece quando se suprime à visão perspectivista. Contrariamente, Ortega y Gasset considera a perspectiva como condição do real e possibilidade de acesso à verdade. A falsidade consiste em não aludir à perspectiva, em ser infiel, ou em fazer absoluto um ponto de vista particular. Nas *Confesiones de El Espectador* no texto *Verdad e Perspectiva*, Ortega y Gasset (1957) justifica o tema escolhido para essa publicação relacionando teoria e realidade, vida e contemplação. A noção de verdade desenvolve-se anelada à especulação do Espectador que quer ver a vida segundo o que acontece ante ele.

O conceito de perspectiva vai permitir a Ortega y Gasset assegurar que a verdade não lhe escapa. Enquanto para Nietzsche a perspectiva é de certa forma uma ilusão da verdade, para Ortega y Gasset (1957) é ela a própria verdade, pois o que temos na relação com a circunstância são interpretações e estas sempre marcam um aspecto da realidade, a perspectiva. A realidade, portanto, não pode ser identificada senão do ponto de vista que cada

qual ocupa fatalmente no universo. Para Husserl (1986), o real nos escapa e o que temos é o sentido que a consciência tem de alguma coisa. Diria Ortega y Gasset que o real é esse sentido, ou melhor, é a interpretação que o homem faz das coisas na relação com elas. São as diferentes formas de ver a realidade que dá a ela o estatuto de verdade. Enfim, destaca Ortega y Gasset (1942, p. 93, trad. nossa):

Agora vemos que a divergência entre os mundos de dois sujeitos não implica na falsidade de um deles. Ao contrário, precisamente porque o que cada qual ver é uma realidade e não uma ficção, tem que ser aspecto distinto do que o outro percebe. Essa divergência não é contraditória senão complemento.

Certamente, o perspectivismo orteguiano não vem da subjetividade senão da medida em que esta fica condicionada pela estrutura do real, que, na interpretação de Marías (1960), naturalmente envolve o sujeito, não pelo que tem de sujeito, senão pelo que tem de real e efetivo.

A teoria perspectivista de Ortega y Gasset foi confirmada e desenvolvida em 1923, ao incluí-la na sua obra *El tema de nuestro tiempo* (1924). Trata-se de um primeiro intento de apresentar, de forma consistente e completa, todos os argumentos que podem estar a favor do perspectivismo. Nessa obra, ele relaciona a noção de “perspectiva vital” com a de “perspectiva histórica”. Segundo o Filósofo (1942, p. 94, trad. nossa), “cada vida é um ponto de vista sobre o universo. Em rigor, o que ela ver não pode outra ver. Cada indivíduo – pessoa, povo, época – é um órgão insubstituível para a conquista da verdade”. A peculiaridade de cada ser, sua diferença individual é precisamente o órgão pelo qual pode ver a porção da realidade que lhe corresponde. Desta maneira, conclui Ortega y Gasset (1942, p. 97), “[...] aparece cada indivíduo, cada geração, cada época como um aparato do conhecimento insubstituível. A verdade integral só se obtém articulando o que o próximo ver com o que eu vejo, e assim sucessivamente. Cada indivíduo é um ponto de vista essencial”.

2 O FUNDAMENTO METAFÍSICO DO CONCEITO DE CIRCUNSTÂNCIA

2.1 A construção do conceito de realidade: da razão pura à razão vital.

Herdeiro do pensamento heraclítico¹, Ortega y Gasset (1966a) compreende a realidade como uma constituição relacional entre o eu e a circunstância. Ser é sempre situar-se numa circunstância. Para o filósofo a vida é a relação do homem com o seu entorno, num contínuo *quehacer*. Essa forma de pensar tem como pano de fundo a problematização da subjetividade kantiana², que se constitui na visão de Ortega y Gasset, mediante a cisão entre o sujeito cognoscente e a realidade fenomênica.

Jaguaribe (1982) considera sistemático o pensamento orteguiano porque, como Hegel, embora em diferentes termos, tinha uma visão global da realidade e considerava que só se pode entendê-la a partir do todo. No entanto, o pensamento orteguiano é sistêmico, mas não forma um sistema, como ocorre com o idealismo absoluto de Hegel. A realidade não pode ser vista no seu entendimento distinto da subjetividade a qual ele vai chamar de *yo* (eu), nem o mundo ou *circunstancia* pode ser compreendido separado do sujeito, mas sim, na coexistência de ambos, eu e mundo, o “sujeito afrontando o mundo, e o mundo pressionando sua consciência” (JAGUARIBE, 1982, p. 9). Assim como o planeta, a vida é marcada por um sistema que liga todos os seres ao seu entorno:

¹ A realidade, para Ortega y Gasset (1966) define-se no movimento, numa linguagem heraclítica, no devir. Sua metafísica implica sempre relação. Tudo faz parte do contato entre o homem e o mundo, e a compreensão da realidade parte da vida, realidade considerada por Ortega y Gasset como radical, fonte de compreensão de todas as outras. No parecer do pensador hispânico, cita Kujawski (1994, p. 60), “[...] para falar, portanto, do ser-homem temos que elaborar um conceito não eleático do ser, da mesma forma que foi elaborada uma geometria não euclidiana. É chegada a hora de Heráclito produzir sua grande colheita”. Complementa o comentador que o homem é feito da substância do tempo, ou seja, de mudança, de alteridade, por isso não pode ser pensado eleaticamente.

² O homem moderno é marcado pela dúvida no mundo, diferente do homem antigo. “A alma aristotélica é de tal modo uma entidade semi-corporal que fica encarregada o mesmo de pensar que de fazer vegetar a carne. Isto revela que o pensar não está aí visto desde dentro, senão, como um fato cósmico igual ao movimento dos corpos”. (O.C., v 4, 1951a, p. 36). Ortega y Gasset, falando do idealismo alemão, afirma que o alemão pensa bem distinto do homem grego, pois não conhece senão a si mesmo, projetando o seu eu, *yo*, no próximo, fazendo dele um falso tu, um *alter ego*. A realidade passa a ser compreendida na modernidade exclusivamente a partir da subjetividade.

O sistema planetário não é um sistema de coisas, neste caso, de planetas: antes de idear-se o sistema planetário não havia planetas. É um sistema de movimentos; conseqüentemente, de relações: o ser de cada planeta é determinado, dentro do conjunto de relações, como determinamos um ponto numa quadrícula. Sem os demais planetas, pois, não é possível o planeta Terra; e vice-versa, cada elemento do sistema necessita de todos os demais: é a relação mútua entre os outros. Segundo isto, a essência de cada coisa resolve-se em puras relações. Não é outro o sentido mais profundo da evolução desde o Renascimento até agora: dissolução da categoria de substância na categoria de relação. (O.C, v 1, 1966a, p. 481).

A proposta filosófica de Ortega y Gasset representa, no entender de Jaguaribe (1982), um esforço para superar as barreiras do idealismo kantiano³ sem recair no realismo ingênuo. O realismo, para o filósofo, apoia-se no preconceito arbitrário de supor que as coisas constituem a realidade e a esgotam, enquanto o idealismo, principalmente de Hegel, apóia-se na razão como princípio absoluto na constituição da realidade. A filosofia moderna da subjetividade, para Oliveira (1993, p. 74), “permanece no nível de uma diferença fundamental: a diferença da contraposição entre o sujeito e o objeto. Nessa perspectiva o pensamento é apenas subjetivo, o pensamento sobre a coisa e não auto-revelação da coisa em suas múltiplas determinações”. Na concepção de Ortega y Gasset, a subjetividade moderna se constitui, desde Descartes, num modelo de razão, isento das influências sensíveis, culminando em Kant numa ética fundada na razão pura. Essa concepção representará a base da filosofia prática kantiana, da qual Ortega y Gasset sofrerá influência no início de sua formação filosófica, mas com a qual romperá⁴, alguns anos mais tarde, chegando a afirmar que, durante dez anos, o pensamento kantiano foi sua casa e sua prisão, e que se libertou com muito esforço.

O problema fundamental, para Ortega y Gasset (1951b), em relação a Kant, é que ele não tem uma preocupação primeira com a ontologia, ao contrário, retém exclusivamente o

³ Kant representa, juntamente com Descartes, a base do pensamento moderno. Em ambos o sujeito é visto a partir de si mesmo, da sua capacidade reflexiva frente ao mundo fenomênico, que produzido pelo entendimento humano, sofre as interferências da razão. O idealismo Kantiano supõe que o espírito intervém ativamente na elaboração do conhecimento e que o real, para nós, é resultado de uma construção. O objeto, tal como conhecemos, é, em parte, obra nossa e, por conseguinte, podemos conhecer a priori, em relação a todo objeto, as características que ele recebe de nossa própria faculdade cognitiva.

⁴ O pensamento orteguiano sofre, em seu primeiro momento, influência de dois representantes do neokantismo da escola de Marburgo, Hermann Cohen e Paul Natorp. Partindo do diagnóstico da geração espanhola de 98, Ortega y Gasset busca superar os problemas internos da Espanha, principalmente a falta de objetividade nas ações culturais e políticas do seu país, estando aquém do desenvolvimento ocorrido em todo o resto da Europa do século XIX. Ortega y Gasset encontra, no ideal kantiano, de um desenvolvimento cosmopolita via valores objetivados universalmente, a solução para resolver o problema do subjetivismo e do particularismo espanhol. Sánchez (1993) ressalta que o Ortega y Gasset neokantiano propunha um homem produtor de cultura, realizador de formas ideais, um indivíduo humano empenhado na construção de uma cultura válida para toda a humanidade. No entanto, Ortega y Gasset vai descobrir que o indivíduo moderno de Kant é uma abstração, e que o racionalismo se esqueceu do homem concreto. O distanciamento do neokantismo aparece publicamente em 1914, ao lançar seu primeiro livro, *Meditaciones del Quijote*, defendendo, a partir de então, a ideia do indivíduo circunstanciado.

problema do conhecimento, convertendo a filosofia em epistemologia ao retratar a realidade como espelho da subjetividade, visto que “o contato com a realidade exterior não será nunca, em rigor, contato imediato, evidência, senão um artifício, uma construção mental precária e sem firme equilíbrio”. (O.C., v 4, 1951b, p. 35, trad. nossa).

Nesse sentido, Ortega y Gasset, reconhece que o idealismo kantiano não oferece um fundamento capaz de lidar com as questões contingentes da vida humana, visto que este corresponde a “toda teoria metafísica donde se começa a afirmar que a consciência só são dados seus estados subjetivos ou ‘ideais’”. (O.C., v 4, 1951b, p. 39). Em tal caso, os objetos só tem realidade enquanto são idealizados pelo sujeito individual ou abstrato. Portanto, o idealismo kantiano, transcendental, é a doutrina segundo a qual todo objeto de conhecimento é determinado a priori pela própria natureza de nossa faculdade de conhecer.

A lógica de Kant culmina para Ortega y Gasset (1951b), na ética do dever ser. O agir será bom se este refletir logicamente os princípios postos pela subjetividade. “A moral não pode ser extraída da experiência, pois seu objeto é o ideal, e não o real, o que deve ser, e não o que é” (O.C., v 4, 1951b, p. 125). A espontaneidade que faz parte da vida fica suprimida pelo imperativo da razão. Tudo que não é racional passa a ser visto, no entender do filósofo, como uma “infravida”. Explica Ortega y Gasset (O.C., v 4, 1951b, p. 42):

Como a percepção da moral deve ser paralisada, examinada, e somente será honesta quando a razão reflexiva tiver dado seu visto de bom, elevando-a ao rigor do dever. Uma mesma ação será mal se é desejada espontaneamente por ela, e boa quando a reflexão tiver investido com a forma ou uniforme do ‘dever’.

Refletindo sobre o fundamento da moral kantiana, Ortega y Gasset reforça sua crítica à crença excessiva no poder da razão que ganha força no ocidente desde o iluminismo. A atitude desenvolvida pelo racionalismo é imperativa. O imperativo categórico impõe-se pelo espírito que projeta sobre o mundo a estrutura racional. Esse ponto é um suposto capricho e uma peculiar cegueira do racionalismo que consiste, para Ortega y Gasset (O.C., v 3, 1950, p. 277-278, trad. nossa),

[...] em não querer ver as irracionalidades que [...] suscita por todos os lados o uso puro da razão mesma. A suposta arbitrariedade que caracteriza o racionalismo é crer que as coisas – reais ou ideais – se comportam como nossas idéias. Esta é uma grande confusão, a grande frivolidade de todo racionalismo.

No entender de Dominguéz (1998), o uso ilimitado da razão, feito pelos racionalistas, é considerado, por Ortega y Gasset, como sendo um excesso. No pensamento grego já é possível perceber a objetividade da razão, principalmente em Aristóteles, que fala da mutabilidade das coisas, porém, para o Estagirita (2001), a razão aparece como o elemento capaz de formular uma objetividade, chegar à substância da coisa que, subjacente às mudanças, permanece imutável. A busca aristotélica é pelo invariável que há na realidade. Contrapondo-se a visão aristotélica, Kujawski (1994, p. 60) faz a seguinte declaração:

Essa razão presa ao idêntico e invariável domina a Antiguidade, penetra a Idade Média e culmina na chamada razão matemática dos racionalistas do século XVII (Descartes, Espinosa, Leibniz), elaborando a moderna ciência da natureza (Galileu, Newton) e sublimando-se na *razão pura* de Kant. Mas é o conhecimento do homem e das ciências humanas que essa razão pura, ou físico-matemática, encontra seu limite. A razão pura, instrumento excelente para conhecer a natureza, os entes dotados de ser fixo e invariável, revela-se inadequada para captar a realidade ondulante e temporal da vida humana. Porque o homem não tem natureza, ele tem história. Não é seu corpo, nem sua alma, e sim o que ele faz com eles; e o que faz agora não fez ontem, nem fará amanhã. Por isso o homem não tem identidade, nem estabilidade, nem invariabilidade.

Turbiano (1956) assevera que os grandes temas da história e da vida que irromperam o cenário filosófico, com as obras de Nietzsche, Bergson e Dilthey, convenceram Ortega y Gasset da insuficiência do racionalismo clássico e logicista para tratar os problemas do homem e da história. A incompetência do racionalismo clássico nasce da pretensão de ampliar a esses temas os conceitos e os instrumentos lógicos da razão físico-matemática. Com a razão vital, Ortega y Gasset não só pretende fazer compreensível a história e a realidade humanas, mas, prioritariamente, dar o verdadeiro sentido da razão para a vida, enaltecendo-a na sua função iluminadora do viver, pois “nem tudo é pensamento, porém sem ele não possuímos nada em plenitude”. (O.C., v 1, 1966b, p.354).

Na obra *Meditación del Quijote* (1914), Ortega y Gasset afirma que o homem é com sua circunstância e para continuar existindo carece salvá-la, o que, no entender de Santos (1993), significa também compreendê-la. Reforça Amoedo (2002) afirmando que salvar a circunstância, procurar o seu sentido, transforma-se na tarefa prioritária de que depende a realização do destino concreto do homem. Essa segunda afirmação assegura a contemporaneidade de Ortega y Gasset com a modernidade. Para ele, a razão continua exercendo sua função, no entanto, essa razão deve ser alargada, possibilitando compreender a vida, o cotidiano, não sendo apenas objeto de fundamentação dos sistemas filosóficos. A crítica orteguiana funda-se no modelo de racionalidade posta como fundamento único na

compreensão do humano. Não é pretensão sua criticar a razão em suprimento da vida, pois ambas, em Ortega y Gasset, não se excluem. Distinto de Nietzsche⁵, não faz uma crítica dirigida à razão, no intuito de negar a conquista da racionalidade moderna. O que ele combate, através do seu *raciovitalismo*, é a centralidade excessiva da racionalidade.

O movimento feito por Ortega y Gasset para superar a lacuna entre razão e realidade aparece no desenvolvimento da doutrina da razão vital. Para Dominguéz (1998), o *raciovitalismo* é uma tentativa filosófica orteguiana de superar o irracionalismo que leva ao vitalismo, assim como corrigir a miopia intelectual representada pelo racionalismo. A crítica feita por Ortega y Gasset a essas duas formas de pensamento não significa desconsiderar as contribuições que ambas deram para a reflexão filosófica. O *raciovitalismo* é uma forma de juntar o que essas teorias tem de fundamentais para refletir sobre a vida humana. Não é possível pensar a vida partindo de concepções herméticas que considerem como absoluto o primado da natureza ou da razão. Partir desse ponto significa comprometer a reflexão, visto que a vida é dinâmica e relacional. Ortega y Gasset une duas perspectivas: a vida e a razão. A vida como um dado, como realidade radical que diz respeito ao sujeito na sua singularidade; e a razão como o esforço humano de compreender a realidade, o modo de conhecer a si e o mundo.

A vida não pode ser compreendida nesta dinâmica, dissociada da razão. Combatendo a ideia de que a vida é irracionalidade, Ortega y Gasset (1982) entende que a vida funciona como razão, e não distinta dela. A reflexão, feita a partir da razão vital, é que a razão é posta como um elemento da vida que possibilita o homem conhecer a realidade naquilo que ele consegue perceber e não no que ela tem de essencial. Nesse sentido é que a sensibilidade e o pensamento não se excluem, mas, pelo contrário, andam mesclados. Esclarece Kujawski (1994, p. 2):

Para Ortega, viver é já entender. Viver é constantemente ver-se vivendo. A vida humana ganha transparência consigo mesma nesse ver-se vivendo, de modo a dar conta da sucessão de seus passos e da direção que assumem. A transparência da vida consigo mesma ilumina por dentro, e isso é entender. Entender uma coisa na acepção mais primária e radical, significa ver como ela funciona dentro da minha vida em movimento. A razão vital é a vida mesmo funcionando como razão.

⁵ Na interpretação de Oliveira (1993, p.75) Nietzsche não faz “[...] uma crítica dirigida contra os males da modernidade a partir de seus valores mesmos, o que desemboca, em última análise, numa rejeição da modernidade enquanto tal, entendida como perda de sentido, esvaziamento, esterilização dos valores fundamentais da existência pela racionalidade”.

Jaguaribe (in. ORTEGA Y GASSET, 1982) vai denominar a razão vital de *logos* concreto. É a razão que acontece junto com a vida, não se reduzindo a uma forma pura e abstrata da realidade, reforçando a ideia de ser o raciovitalismo uma tentativa orteguiana de superar o idealismo kantiano sem recair no realismo ingênuo. A realidade é, para Ortega y Gasset (1966), a coexistência do eu e do mundo, concluindo, então, que a razão vital é uma e mesma coisa que o viver. “Porque eu não vivo sem decidir o que vou ser, e não decido o que vou ser sem medir o que faço e o que me acontece, com o argumento da minha vida em processo”. (KUJAWSKI, 1994, p.63).

Em sua obra *História como um sistema*, Ortega y Gasset (1982) aponta como problemático o pensar sobre a vida humana a partir do modelo de razão instaurado na modernidade, a razão físico-matemática. A preocupação desse modelo de racionalidade se expressa na busca de mensurar o real, entendendo-o como possível de ser apreendido em conceitos. A crítica orteguiana surge quando essa forma de pensar é transferida para a compreensão do humano. A vida, enquanto drama, não pode ser pensada dentro de um modelo puramente objetivo, pois o drama já implica na ausência de uma certeza dos acontecimentos. Essa reflexão acompanha uma pergunta fundamental: o que é o homem? Responde Ortega y Gasset (1982, p. 42):

O homem não é seu corpo, que é uma coisa, nem sua alma, psique, consciência ou espírito, que é também uma coisa. O homem não é nenhuma, senão um drama – sua vida, um puro e universal acontecimento que acontece em cada qual e que em cada um não é, por sua vez, senão acontecimento.

Não há uma certeza na definição da vida humana, sendo inviável determiná-la conceitualmente. A vida aparece ao homem como radical, que acontece sempre em primeira pessoa. Isso corresponde à razão vital, que se baseia na perspectiva de que a vida é acontecimento e, como tal, o homem orienta o seu existir, reconhecendo a realidade e interferindo nela.

Afirma Ortega y Gasset (1982) que o humano escapa à razão física assim como a água escapa por uma peneira. Tal metáfora reforça a ideia de que o homem não se reduz a dimensão conceitual e, como acontecimento, sua vida ultrapassa o campo da objetividade. Diante da circunstância é dada ao homem a possibilidade de escolher sempre algo. Portanto, conforme define Ortega y Gasset (1982, p. 36), “a vida humana pelo que se pode ver não é uma coisa, não tem uma natureza, e, por conseguinte, é necessário decidir-se a pensá-la por

categorias, por conceitos radicalmente diferentes dos que nos são esclarecidos pelos fenômenos da matéria”.

Ortega y Gasset (1969) entende que o racionalismo concebe o viver como o eu existindo dentro do indivíduo, flutuando no oceano de suas próprias ideias, sem ter que contar com nada mais que com elas mesmas. Ao entender que a vida não se reduz à matéria, Ortega y Gasset (1982) aponta para a historicidade da existência humana. Aqui deve centrar o corte conceitual feito pelo filósofo em relação ao racionalismo. A compreensão do humano somente é possível a partir da circunstancialidade. Segundo Jaguaribe (in. ORTEGA Y GASSET, 1982), através da vida, Ortega y Gasset integra o eu e a circunstância, seguindo assim, a uma tradição que entende o eu no mundo, historicizado⁶. O real não é mais visto como reprodução mental, mas como consequência da relação entre subjetividade e mundo. Carvalho (2008, p.118) evidencia que “é a noção de circunstância que Ortega tece para vincular o eu com o que está a sua volta”, certo de que a razão vital é sempre uma razão circunstanciada, ou seja, o homem é sempre capaz de orientar as suas escolhas.

De acordo com Dominguéz (1998), a vida humana, segundo Ortega y Gasset, possui características que a diferencia do conceito de vida desenvolvido pelos biólogos⁷: a vida é pessoal, o homem age sempre em uma determinada circunstância, a circunstância oferece ao homem diversas possibilidades, e a vida é intransferível. A circunstancialidade aparece no *raciovitalismo* porque a vida só pode ser entendida enquanto em relação com uma circunstância. Interpreta Dominguéz (1998) que são as circunstâncias da vida humana que permitem entendê-la como realidade radical da qual deve partir toda reflexão filosófica. A radicalidade da vida para o homem não é, pois, a de qualquer vida, senão a vida de quem tem consciência para dar conta e razão a ela.

⁶ Heidegger desenvolve o conceito de ser-aí, construindo uma filosofia que parte do existente concreto. Ao homem “não lhe foi fornecida a razão de sua entrada no mundo, cabendo-lhe elaborar o sentido de sua existência no contato que passa a estabelecer com os outros depois que dá conta de sua condição. Esse sentimento de se encontrar com um ser por fazer é a facticidade. A transcendência exprime o caráter incluso desse empreendimento que somente subsiste devido o processo contínuo de superação de si. O homem está possuído por esse desafio de chegar ao ponto que projeta, de antecipar uma realidade que ainda não é presente, mas realiza seu projeto sem garantias, eis o principal de *Ser e tempo*, ou melhor, estamos buscando um poder-ser próprio do ser-aí, cuja possibilidade existencial resulte atestada pelo ser-aí mesmo”. (HEIDEGGER, 1989, p. 291).

⁷ A biologia define o humano dentro da categoria de ser vivo que apresenta características vitais semelhantes a outros seres presentes na natureza. Dentre as características comuns a todo ser vivo, destacam-se as seguintes: o nascimento, o metabolismo (crescimento, nutrição e assimilação de energia externa), a reprodução, a evolução e a capacidade de adaptação ao meio. O que caracteriza, no entanto, a vida biológica é a parte orgânica em que todas essas características funcionam de forma interdependente. (MORATO; RIU, 2003).

O *raciovitalismo* orteguiano compreende uma síntese entre o vitalismo⁸ e o racionalismo. Em vista de superar o extremismo existente nessas duas correntes de pensamento, Ortega y Gasset (1982) insere, na reflexão filosófica, a noção de razão vital. A existência humana parte da vida, sendo esta quem possibilita toda e qualquer experiência, no entanto, essa vida possui, como conteúdo fundamental, a razão. Por ela a vida pode ser entendida enquanto capacidade de escolha e objeto de estudo. A postura de Ortega y Gasset não é ir contra a razão, visto que não admite outro modo de conhecimento teórico que este: vai somente contra o racionalismo.

No entanto, o pensamento orteguiano faz uma inversão no racionalismo moderno de Descartes. Não é a razão que garante o existir, mas ela é possível porque existe um ser que vive. A vida, para Ortega y Gasset (1969), é a fonte do pensar, certo que o homem pensa porque vive. Distinto dos seres da natureza, o homem cria, através do pensamento, meios para continuar existindo. O pensamento forja no homem a possibilidade de reconhecer o seu entorno, sendo a fonte de sentido da ação humana, pois o seu agir é antecedido por uma prévia contemplação à qual corresponde a teoria. Ortega y Gasset (1955b, p. 324) argumenta da seguinte forma:

Não vivemos para pensar, senão ao contrário: pensamos para poder viver. Este é um ponto capital em que, a meu juízo, urge opor-se radicalmente a toda a tradição filosófica e resolver-se a negar que o pensamento, em qualquer sentido suficiente do vocábulo, foi dado ao homem de uma vez para sempre, de sorte que o encontra, sem mais, a sua disposição, como uma faculdade ou potência perfeita, pronta a ser usada e posta em exercício, como foi dado ao pássaro o vôo e ao peixe a natação.

A tentativa de Ortega y Gasset é tirar a razão do espaço da abstração e colocá-la como condição necessária do existir humano, que carece constantemente do exercício da liberdade individual, tendo o homem que escolher sempre o que fazer, e isso acontece devido à sua capacidade cognitiva de compreensão. Na análise de Turbiano (1956, p. 2),

A razão não só é capaz de conhecer a história e o homem, senão que é algo mais que um instrumento do conhecimento teórico. A vida nos é unicamente atividade cognitiva, senão problematidade, programa, necessidade perpétua de decidir-se. A razão ilumina a ação. A razão está na vida. É a vida mesma. Segundo Ortega [...] o pensamento é uma função vital como a digestão ou a circulação do sangue. Por isso a vida funciona com tudo que envolve o aparato cognitivo como razão, entendimento, memória e imaginação, e como ele o homem vai se definindo

⁸ Indica qualquer doutrina que considere os fenômenos vitais irreduzíveis aos fenômenos físico-químicos, postulando a existência de uma força ou impulso vital sem a qual a vida não poderia ser explicada.

enquanto tal através de suas escolhas na superação das limitações impostas pela circunstância.

Nas declarações de Turbino (1956), a razão para Ortega y Gasset, não é apenas um aparato conceitual capaz de possibilitar a compreensão de um determinado objeto, mas é um elemento constitutivo do humano, e mais, a razão é uma função que nos integra com a realidade, capaz de operar tanto no concreto e singular de cada situação como no universal e abstrato. O conhecimento teórico é um aspecto da capacidade cognitiva do humano, e este não se encerra totalmente nele. Antes de tudo, para Ortega y Gasset (1966), viver é entender. A vida está em sua totalidade impregnada de razão. O primário é saber a que ater-se. Nossa ação fica em suspenso, quando nos falta a interpretação. A função da razão consiste em integrar o indivíduo na totalidade. Nele radica o racional do ato vital. Conclui-se então que a vida é o órgão da compreensão. Reforça Marías (1966, p. 272, trad. nossa):

A razão sem a qual não é possível a vida; a razão que é a vida em sua função de apreender a realidade. Se a realidade radical é a vida, a metafísica pretende encontrar a certeza radical acerca dessa realidade, seu método, isto é, o método em que consiste, o caminho efetivo para apreender, possuir e dominar essa realidade enquanto realidade – portanto, enquanto a encontro e me encontro com ela, vivendo – esse método não pode ser outro que a razão vital.

O método utilizado por Ortega y Gasset no raciovitalismo é a narração. A vida só pode ser compreendida dentro de uma perspectiva narrativa, visto que vida é a de cada um e esse cada um está sempre numa circunstância, numa realidade particular. A razão vital, portanto, é singular ao sujeito que vive, e esta, segundo Turbiano (1956), é a pretensão de afirmar que a razão é capaz de funcionar no singular e concreto, imbricada na vida. Complementa Marías (1966, p. 273, trad. nossa) afirmando que,

Isto significa que a realidade humana apresenta uma dupla vertente inseparável. A única vida real, a individual, é algo que acontece a mim, aqui e agora nestas circunstâncias precisas, e o modo de acesso a ela é *contá-la*; a forma de “enunciação” que a ela corresponde é o relato, a narração, e por isso a razão vital é uma razão narrativa. Mas, por outro lado, não posso contar ou narrar, não posso entender *minha* vida a não ser a partir de um esquema em que a estrutura da vida se manifesta.

Distinto de pensadores como Dilthey⁹, que se propôs a construir uma doutrina do saber histórico para compreender a vida desde a história, Ortega y Gasset parte da vida mesma, enquanto um dado biológico e ontológico, para assim pensar a história. A vida e a história têm, como função essencial, a razão que, segundo a doutrina raciovitalista de Ortega y Gasset, compreende a razão histórica, porque a vida é essencialmente histórica. A vida tem um conteúdo que escapa aos pressupostos formais, por se tratar de um conteúdo contingente e circunstanciado.

Os filósofos modernos, a partir de Descartes, alimentaram a crença no poder absoluto da razão de compreender toda e qualquer realidade. Assim como era possível compreender a natureza e dominar o mundo pela razão, também acreditou-se que era possível conhecer o homem mediante os esquemas da razão formal. O fracasso desse modelo de racionalidade se encontra quando ela busca compreender o humano dentro das categorias aplicáveis às coisas. Ortega y Gasset, em boa parte de sua obra, anuncia essa lacuna existente no pensamento moderno, visto que as ciências físico-matemáticas podem explicar o mundo físico, porque o esquema filosófico que utilizam para entendê-lo não diverge do objeto, pois o mundo físico é o mundo dos fatos, onde se identifica substâncias e natureza. No entanto, o mundo humano é bem distinto do mundo natural, nele não há fixidez capaz de ser apreendido em conceitos objetivos, mas o que define o homem é a sua condição de vazio ontológico, chegando a afirmar que o homem não tem natureza, mas história. Dito de uma forma mais orteguiana, a natureza do homem é ser história. Ainda segundo Marías (1966, p.277, trad. nossa),

A teoria da vida humana, com efeito estuda a estrutura do viver, mais imediatamente do meu viver, e por necessidade intrínseca, mas secundária, da vida humana “em geral”. Começa, pois, em certo sentido, comigo; fala de coisas que me acontecem, do eu, da circunstância, do fazer, da insegurança e da certeza, do naufrágio, do tempo e da história, da autenticidade, dos estilos vitais, do enimesmamento ou da alteração, das crenças e das idéias, talvez da angústia e até, se quiser, da náusea e do asco, quem sabe também da felicidade.

Somente uma razão que parta dessa condição histórica do homem é capaz de compreendê-lo, de refletir sobre ele e sobre tudo o que fala da sua vida. Destarte o caminho para a compreensão do humano não passa pela irracionalidade, mas pela compreensão da

⁹ Carvalho (2002) afirma que se Ortega y Gasset tivesse que escolher o mais importante dos filósofos do século XIX, escolheria Dilthey, por ter colocado a vida no centro da sua meditação, considerando que a compreensão do sujeito e das suas criações é essencial para desvendar o conhecimento histórico e este, por sua vez, revela a realidade básica da investigação que é a vida. Complementa o autor, que para Dilthey, o estudo do homem parte sempre das suas manifestações no mundo. São várias as influências do pensamento histórico de Dilthey em Ortega y Gasset, principalmente no que se refere à razão histórica.

razão na relação com a vida. É necessário um modelo de razão que permita o entendimento da realidade humana no seu desdobramento concreto. A inadequação da razão pura na compreensão do humano apresenta-se mediante a pretensão de totalidade que ela porta, não dando conta de captar o homem na sua singularidade, nas suas realizações históricas. Ortega y Gasset (1982) propõe a razão histórica, dado que o homem vai se definindo ao longo da vida. Marías (1966, p.273) argumenta que “só é possível minha vida, por conseguinte, quando entendida como ‘vida’, isto é, quando dou razão dela. Viver é dar razão, e só se dá razão de algo vivendo, isto é, fazendo-o funcionar realmente no âmbito ou área da minha vida”. A razão deve se pautar numa metodologia que estude a biografia dos indivíduos concretos, as gerações e seus conflitos, assim como o programa vital, a vocação e o destino dos indivíduos. Uma proposta de universalização da razão, de princípios racionais, como propõe a moral kantiana, torna-se inviável, isto porque, o indivíduo deve ser visto em sua singularidade, pois a vida acontece sempre numa dimensão única, a minha vida, a vida de cada homem.

2.2 O fundamento metafísico do conceito de realidade

O esclarecimento do conceito de realidade, para Ortega y Gasset, é determinante neste trabalho, visto que o núcleo do seu pensamento, segundo Kujawski (1994), está na metafísica. Marías (1966) considera que a metafísica é um caminho em relação à realidade mesma. Na obra *Meditación de la técnica* Ortega y Gasset (1955 b) afirma que só se conhece bem o que, de certa forma, vê-se nascer. Assume, desde então, uma postura metafísica, na busca de esclarecer os conceitos, desde a sua raiz vital, como eles são entendidos e vivenciados. Essa dimensão genética do conceito ganha força em Ortega y Gasset, devido a sua preocupação em apresentar a vida como a grande chave de toda e qualquer compreensão do real.

Ortega y Gasset (1966a) parte dos gregos para esclarecer o conceito de realidade. Ao recordar uma atitude de Plotino, que jamais consentiu que se lhe fizesse um retrato seu, o que seria, segundo ele, legar ao mundo a sombra de uma sombra. Com isso, Ortega y Gasset marca o entendimento de realidade do homem grego e do homem contemporâneo. Para os antigos, o real era visto como o mais profundo, o latente, o que estava além das aparências; já para o realismo moderno, o real corresponde ao fenômeno que é sensível, o que os olhos e ouvidos nos trazem para dentro. Segundo Ortega y Gasset (1982), fomos educados por uma idade rancorosa que laminou o universo e dele fez pura superfície e aparência.

Marías (1966) defende a ideia de que há, no pensamento Orteguiano, uma metafísica no seu sentido originário, enquanto método. Aristóteles designa a metafísica como *alétheia*,

como desvelamento ou potência do real, do que as coisas são de verdade, isto é, do que já eram, sempre, em seu fundo arcaico e primário, *arké*, e, portanto são e serão sempre. Com o surgimento da filosofia, a compreensão da realidade não parte mais de uma verdade revelada, por exemplo, pelo oráculo, mas, é o próprio homem que a verifica como sendo ele um decifrador de enigmas. A verdade, portanto, não é o que está dado, mas o que ele descobre. O enigma corresponde ao que ele deve fazer da própria vida, visto que a realidade não lhe é dada, mas tecida por meio do enfrentamento com as coisas. O que há de absoluto nessa relação é a vida enquanto acontecimento individual, o mais são construções. O ser, para Ortega y Gasset, nada mais é do que interpretação da realidade. Vejamos como ele apresenta essa questão na leitura de Marías (1966, p. 255):

Ortega mostrou algo decisivo: que o perguntar pelo ser, o procurar o que as coisas “são”, tem um pressuposto: *a crença no ser*, a crença preteorética e – nesse sentido – injustificada de que as coisas “são”, têm um ser ou consistência que podemos procurar e encontrar. O ser não é a realidade que podemos procurar e encontrar. O ser não é a realidade *sem mais*, e sim uma interpretação dela, repito, daquilo que “há” – expressão que nos parece sumamente vaga e que o é com efeito, porque é prévia a todas as interpretações –. O que há é um constitutivo meu, porque eu sou eu ao ter que me haver com o que há.

Na obra *El hombre y la gente* Ortega y Gasset (1969) interroga-se pela gênese da palavra realidade e vai buscá-la nos antigos gregos. Esta tem sua origem etimológica do latim *res*, que significa coisa. Ortega y Gasset entende esse conceito de forma pragmática, pois o homem sendo relação com o mundo, tudo que faz parte do seu entorno, de certa forma, assume alguma função para o viver. Então a ideia de coisa enquanto algo fechado, acabado, é substituído por *pragma*. A realidade, portanto, deixa de ser formada por coisas e passa a ser composta por interpretações. Isso implica o que o nosso filósofo já anunciara em seu primeiro livro *Meditación del Quijote*: que o homem é com sua circunstância. O eu é um ingrediente da vida, assim como seu entorno. Eles são inseparáveis por assumirem o caráter de coexistência, portanto, pensar a realidade em Ortega y Gasset é pensar a vida acontecendo. Por isso, ainda nessa obra, o filósofo convida o leitor a um passeio pelo bosque¹⁰, a fim de que ele possa compreender de um todo o que é a realidade, e mais, que esta não é indissociável do cotidiano, daí justifica-se a sua intenção em partir da realidade tal como a percebe (vivência).

¹⁰ Ortega y Gasset (1969) convida o leitor da *Meditaciones del Quijote* a fazer um passeio pelo bosque chamado de *La Herrería*, pequena floresta à sombra do mosteiro Escorial. Um lugar coberto de árvores espessas, águas claras correntes, aves cantantes e um ambiente predominantemente silencioso.

A partir de D. Quixote, Ortega y Gasset chega a uma compreensão da realidade, pautado na sua experiência com as coisas que aparecem metaforicamente na figura do bosque. Para ele as coisas têm duas vertentes: uma, o sentido, sua significação, o que elas são enquanto interpretação; e a outra é a sua materialidade, sua positiva substância, o que as constitui antes e acima de toda interpretação. Na avaliação de Ortega y Gasset (1959, p. 34),

[...] o que costumamos chamar mundo real ou “exterior” não é a nua, autêntica e primária realidade com que o homem se encontra, senão que é uma interpretação dada por ele a essa realidade, portanto, uma idéia. Esta idéia se consolida na crença. Crer em uma idéia significa crer que é realidade, portanto, deixa de vê-la como mera idéia.

Segundo Marías (1967) o ponto de vista de Ortega y Gasset não é o da lógica, nem da ontologia formal, como ele esclarece numa nota de rodapé onde comenta a superioridade do conceito orteguiano de ser quando comparado a Heidegger no conceito de ser. Para Heidegger (1989) a metafísica deve partir da pergunta pelo ser, e este se manifesta no *Dasein*, sendo o homem o que mais se aproxima desse conceito. Contrariamente, conforme Marías (1967), para Ortega y Gasset, isso nega a metafísica, pois parte de uma certeza, enquanto a metafísica origina-se na dúvida. “Toda metafísica que comece com o ser, que parta do ser, deixa para trás a questão decisiva, justamente a derivação do ser, e renuncia a uma certeza radical, isto é, não é metafísica”. (MARIÁS, 1966, p. 256). É preciso ter presente que a realidade é sempre pensada e vivida a partir de uma interpretação. O que temos por realidade é apenas a vida individual, no mais, tudo aparece como interpretação que ganha pelo homem conceito de real. Na maneira apresentada por Marías (1966), o pensamento de Ortega y Gasset supõe uma nova ideia de realidade que parte de um conceito radical, que é o de vida humana.

“O real”, “o mundo”, “as coisas”, “a consciência”, são apenas abstrações, entenda-se, da unidade real em que se constituem. A conexão efetiva da realidade é o sistema da vida mesma, isto é, do viver. A realidade em sua forma concreta é minha vida. Somente o verbo viver, melhor dito, o verbo viver pessoalmente conjugado – eu vivo – é concreto. Unicamente nele transparece a conexão e a concretude da realidade. Viver é encontrar-se em uma situação concreta, que se faz transparente e conexa no sentido de que seus componentes ficam realmente ligados em uma figura a qual se chama mundo. (MARIÁS, 1966, p. 271).

A realidade é a soma de nossas possibilidades. Distintamente do pensamento idealista e realista, a realidade, para Ortega y Gasset (1969), é a soma da relação do homem com o mundo. O real é sempre a interpretação que o homem faz do mundo, o contato com ele.

Ortega y Gasset segue uma tradição que entende o eu no mundo, historicizada, e não na idealidade. O real não é mais visto como produção ou reprodução mental, mas como consequência de sua relação entre eu e mundo.

A vida é, portanto, o que o homem tem como dado concreto que o possibilita manter contato com todas as demais realidades. Qualquer que seja, aparece sempre de forma concreta na relação com a vida, e só ganha a dimensão de realidade quando toca em sua dimensão pessoal: “[...] ao procurarmos dar razão à realidade para saber a que nos atermos em relação a ela, deparamos em absoluto com suas interpretações, e entre elas o ser, que constitui nossa tradição intelectual” (MARÍAS, 1966, p. 257). É nesse sentido que o pensamento de Ortega y Gasset supera a ontologia heideggeriana, pois não é uma busca pelo ser, mas pela realidade. É preciso, conforme sugere Marías (1966), transcender a noção de ser para se chegar à realidade.

Para Marías (1966) reconhecer a vida como realidade radical não se trata de equiparar o pensamento orteguiano ao de Heidegger. Partir da vida como condição de possibilidade de compreensão do real não é o mesmo que reclamar por uma ontologia do *Dasein* ou da *existência*. O caminho de Heidegger parece ser inverso. Ele vai do *Dasein* ao ser, e toda a analítica existencial pergunta pelo modo de ser desse ente que se chama *Dasein*. Esse ente onde o ser se revela já é falho, visto que, sendo o homem o ser que mais se aproxima do conceito de *Dasein*, este, por sua vez, já é uma construção, uma interpretação da realidade. O ponto de vista de Ortega y Gasset parece ser bem diverso na interpretação de Marías (1966, p. 260).

Minha vida, pois, não é o homem, nem é o eu, nem é o modo de ser de um ente privilegiado que somos nós. A vida não se esgota no eu – este é apenas um ingrediente ou seu modo abstrato -, nem é coisa alguma, porque toda coisa está em alguma parte, e a vida é, pelo contrário, o “onde” em que as coisas aparecem. É essa área em que se constituem as realidades com tais, em que acontece meu encontro com elas, meu ter que haver com elas. E na medida em que isso acontece, todas elas são ingredientes da minha vida.

Para Ortega y Gasset (1966a), a vida humana não pode ser a certeza fundamental capaz de conduzir como realidade radical a compreensão do humano. Essa já é uma interpretação, assim como os demais elementos que constituem a circunstância. Somente a minha vida, eu com as coisas, eu fazendo algo com a circunstância, é que pode ser considerada como realidade estrita.

É por esta razão que a teoria da vida humana, desenvolvida por Ortega y Gasset, na compreensão de Marías (1966), não é uma propedêutica para a metafísica, nem uma fundamentação desta, mas é, desde logo, a metafísica, visto que Ortega y Gasset procura a certeza radical acerca da realidade radical. Essa certeza é saber a que se ater, o que devo fazer da vida, imbricando necessariamente numa compreensão de si e do mundo, partindo da certeza fundamental que é a vida, e que esta é sempre dinâmica.

Em *Meditación del Quijote*, Ortega y Gasset (1966a) afirma ser a realidade formada por partes, sendo o todo abstração. O exemplo dado por ele é o bosque, já referido aqui. Explorando um pouco mais essa metáfora, Ortega y Gasset convida o leitor a adentrar e observar as diversas possibilidades que dão forma ao que o homem denominou de realidade. Na observação de Ortega y Gasset, ao entrarmos no bosque, nunca o apreendemos como um todo, estando sempre além da nossa experiência, assim é a realidade, nunca é dada de um todo, sempre fica além da nossa sensibilidade, há algo que fica oculto ao olhar. Não há um bosque em totalidade, o que temos são partes que dão um conjunto na visão de quem as ver. Desenvolve desde então a idéia de perspectiva. A experiência do real se dá numa perspectiva vista que no contato com as coisas o homem não toca tudo. Portanto, Ortega y Gasset está se referindo à vida mesma.

Na experiência com as coisas, Ortega y Gasset (1966a) aponta duas dimensões. Primeiro o contato imediato que se dá por meio das impressões. O que é percebido a princípio é o que, de certa forma, toca a sensibilidade, isso corresponde ao que as coisas provocam no sujeito, sendo ele passivo nesse primeiro contato. As impressões formam uma rede superficial de onde parecem sair caminhos ideais em direção a outra realidade mais profunda. O que dizemos ser a realidade fruto do esforço do sujeito, não sendo algo dado, mas construído por ele próprio. Corresponde ao que Platão chamou de ideias, sendo que Ortega y Gasset (1969a) vai chamar de interpretação, isto é, o que denominamos ser a realidade. Esta, no entanto é fruto de meditação, “[...] movimento em que abandonamos as superfícies, costas da terra firme, e nos sentimos lançados a elementos mais tênues, onde não há pontos materiais de apoio” (O.C. v 1, 1966a, p. 340).

Partimos do pressuposto de que, para o pensador, o que o homem afirma ser a realidade é uma obra imaginária. Considerando que a realidade *coisificada* resiste ao homem, ele, por sua vez, busca dominá-la pela compreensão. O homem não caminha sobre as coisas, mas sobre interpretações que ele faz de tudo que constitui a circunstância, do mundo material ao social. Nesse sentido Ortega y Gasset rompe com toda forma de realismo, por não ver a realidade como reprodução das experiências sensitivas, mas também não cai num idealismo,

visto que o que entende por real é sempre uma construção mental que ocorre na relação “eu e a circunstância”. Completa: “esse apaziguamento e fixidez dos contornos procede de nossa atenção ordenadora, que estendem em torno uma rede de relações” (O.C., v 1, 1966a, p. 351).

Duas características próprias do humano são aqui fundamentais: o ver e o meditar. Numa abordagem realista o ver é fundamental para definir o que é a realidade, enquanto numa abordagem idealista, o meditar já é o ponto-chave para definir o conceito. O que apreendemos através da razão, Ortega y Gasset (1966a) chama de conceito que, em relação à coisa na sua materialidade, nada mais é do que um espectro, sendo que o que dá a ele esse caráter espectral é seu conteúdo esquemático. Da coisa ele retém meramente o esquema. Num esquema só possuímos os limites das coisas, e tais limites não significam mais que a relação em que o eu e o objeto se encontram com as demais. O conceito nos dá a forma, o sentido físico e moral das coisas. É por meio dele que percebemos o mundo. De acordo com Ortega y Gasset (1966a), o conceito é o órgão da percepção pelo qual apresamos as coisas. Faz uso de um exemplo estético para explicitar a função do conceito no apresamento da realidade:

Se arrancamos qualquer peça de um mosaico, restará o perfil deste em forma de oco, circunscrito pelas peças confinantes. Do mesmo modo, o conceito expressa o lugar ideal, o vazio ideal correspondente a cada coisa no sistema das realidades. Sem o conceito não saberíamos bem onde começa e onde acaba uma coisa. Como impressões as coisas são fugazes, fugidias, deslizam-se de nossas mãos e não as possuímos. O conceito, interligando umas com as outras acaba por fixá-las e aprisioná-las. Diz Platão que as impressões se nos escapam senão as amarramos com a razão, como, segundo a lenda as estátuas de Demétrio fugiriam dos jardins durante a noite, se não estivessem atadas.”(O.C., v 1, 1966a, p.353).

Em sua obra *En torno a Galileo*, Ortega y Gasset (1955a) afirma ser a realidade uma obra da imaginação, descartando a possibilidade de ser a realidade a adequação entre o pensamento e o mundo exterior. Esse termo adequação, tomado no sentido de igualdade, é, para Ortega y Gasset, falso. O que se tem são ideias da realidade, criação imaginária, por isso afirma em *Ideas y creencias* (1959) que não há como entender o homem se não repara que os diversos saberes são arquiteturas que o homem se constitui, sendo que a matemática brota da mesma raiz que a poesia, do dom imaginativo. A realidade é, portanto, construção que o homem faz com o material dado, e isso é o que ele vai chamar de circunstância, do que está aí e que o homem necessita contar para continuar vivendo.

A fantasia, considerada pela tradição católica como a louca da casa, vai ser posta, por Ortega y Gasset (1955b), como a mola propulsora na construção da realidade. O que o homem entende por real nada mais é do que interpretação do seu entorno, sendo este construído

imaginariamente. Como mostram os textos orteguianos, a imaginação é a absoluta realidade do homem.

Não há, pois, como entender a dimensão metafísica em Ortega y Gasset sem entender o conceito de perspectiva, isso porque a realidade não pode ser observada senão do ponto de vista que cada qual ocupa, fatalmente, no universo, sendo que o que para alguém está em último plano, para outro pode estar em primeiro. No confronto com as coisas materiais o homem vai formando conceitos, ideias acerca destas coisas a qual denominará de realidade. Ortega lança a seguinte pergunta: quando nos abandonaremos à comunicação de que o ser definitivo do mundo não é matéria, nem alma, nem coisa alguma determinada, e sim, uma perspectiva?

2.3 A vida como realidade radical

O perspectivismo¹¹ orteguiano está fincado numa analítica da vida humana. A visão de vida humana, em Ortega y Gasset, possibilita afirmar que a compreensão é sempre fruto de uma relação, carecendo sempre do sujeito que é tocado em sua sensibilidade e que apreende o real através da razão. No entanto, a realidade fundamental é a própria vida. A partir dela o sujeito é ligado a tudo que está à sua volta. Viver é o que fazer com a circunstância. O ser humano é uma conquista, necessita construir a si mesmo, numa linguagem orteguiana, necessita humanizar-se. Diferente do animal, a sua vida não está dada, ele precisa realizá-la, sobrepondo à sua condição de carência ontológica, construindo realidades que sejam favoráveis ao seu existir. Ortega y Gasset (1982) considera-o “um fabricante nato de universos”, nele tudo tem que ser feito. Marcado constitutivamente pela falta, o homem vive por decisão pessoal e intransferível, vive porque decide permanecer elegendo para si o que pretende ser.

A constituição do humano já traz em si a necessidade da racionalidade vital, visto que o existir pede escolhas e justificação de ordem racional. O homem pensa, reflete, porque a vida é um desafio contínuo, daí o pensamento ser uma atividade laboriosa, justamente porque o homem pensa como resposta à vida, sendo que a razão de viver não se fecha no ato de pensar. Segundo Carvalho (2008, p. 119), “para Ortega, a vida é o fato radical, o mais importante, aquele no interior do qual todos os demais ocorrem. Tudo o que não é a vida de

¹¹ Segundo a definição de Morató e Riu (2003), se a perspectiva é a construção de uma imagem em função do ponto de vista do observador, o perspectivismo, como concepção filosófica, supõe que toda representação é dependente do sujeito que a constitui. Na história da filosofia, esse termo se associa geralmente a Nietzsche e, especialmente, a Ortega y Gasset.

cada qual é uma realidade que deriva dela”. Entende-se por radical aquilo que é originário e próprio de um ser, nele todo o mais é incluído. Como pode-se observar nas declarações de Ortega y Gasset (1969, p.47),

A chamada realidade radical não significa que seja a única nem que seja a mais elevada, respeitável ou sublime, ou suprema, senão simplesmente que é a raiz – *de aquí, radical* – de todas as demais o sentido de que estas sejam as que foram, tem, para sermos realidade, que fazer-se de algum modo presentes ou, ao menos, anunciar-se os âmbitos estremecidos da nossa própria vida.

O que marca a vida dita humana, para Ortega y Gasset (1955b), é a capacidade que o homem tem de imaginar e atuar, modificando o seu entorno. A vida, entendida numa esfera universal, envolve todos os seres que seguem um ciclo dado naturalmente. Dois aspectos são fundamentais para que haja vida, seja ela vegetal, animal ou mesmo humana: a existência e o programa vital. É isso que diferencia os seres animados dos inanimados, pois, além de existirem como realidade fenomênica, estes últimos trazem, em si, potencialmente, um programa natural a ser efetivado. Trata-se de realidades que independem da ação do próprio ser vivente. Ele pode até retardá-las, mas não há como impedir que elas aconteçam. As modificações são provenientes do próprio programa dado naturalmente.

Ortega y Gasset (1955b) denomina esse ciclo de programa vital. Cada ser traz, em si, uma determinação biológica que conduz toda a existência. O código genético¹² é o que há de mais concreto nessa definição, visto que ele contém os elementos determinantes da estrutura fisiológica do ser vivo. Por ele é possível conhecer a identidade física de um ser. Por si mesmo, o animal, por exemplo, é incapaz de mudar ou de permanecer existindo, pois toda a sua vida consiste em ser o que é, e não o que poderia ser. Isso se aplica a categoria de coisa, ou seja, tudo aquilo cujo modo de ser consiste em ser o que já é, e o qual, portanto, coincide, desde logo, sua potencialidade com sua realidade. Aqui está a grande diferença entre o homem e os outros seres viventes, em particular os animais. Enquanto para o animal a vida é dada pronta, para o homem é oferecida somente a possibilidade de viver, pois a vida humana, diz Ortega y Gasset (1982, 95), “não está aí, não é uma coisa, mas tenho eu agora de inventá-la, construí-la num esquema intelectual, em suma, numa crença sobre ela”. De acordo com Alves (1999, p. 18-19),

¹² Para a biologia, o código genético forma os modelos hereditários dos seres vivos. É nele que está toda a informação que rege a seqüência dos aminoácidos, codificada pelo encadeamento de nucleotídeos. Estes são compostos de desoxirribose, fosfato e uma base orgânica, do tipo citosina, adenina, guanina ou timina, que determinarão o desenvolvimento do ser vivo.

[...] o animal é seu corpo. Sua programação biológica é completa, fechada, perfeita. Não há problemas não-respondidos. E por isso mesmo, ele não possui qualquer brecha para que alguma coisa nova seja inventada [...] Porque o homem, diferente do animal não é seu corpo, *tem*, seu corpo. Não é o corpo que o faz. É ele que faz seu corpo. É verdade que a programação não nos abandonou de todo [...] De fato a programação biológica continua a operar. Mas ela diz muito pouco, se é que diz alguma coisa, acerca do que iremos fazer por este mundo afora [...] O fato é que os homens se recusam a ser aquilo que, à semelhança dos animais, o passado lhes propunha.

Certamente o conceito de “coisa” não se aplica à vida humana, por não definir-se de todo pelo biológico. Ortega y Gasset (1955b) compara o homem a um *centauro ontológico*¹³. “Pelo visto, o ser do homem tem uma estranha condição de que em parte resulta afim com a natureza, porém em outra parte não, que é ao mesmo tempo natural e extra-natural”. (O.C., v 5, 1955b, p. 338, trad. nossa). Sua vida em parte está ancorada na natureza, mas o que a especifica como humana é exatamente a vida que ele constrói, ao homem “não só economicamente, senão metafisicamente, ele tem que ganhar a vida”. (O.C., v 5, 1955b, p. 337, trad. nossa). Conclui Ortega y Gasset (O.C., v 5, 1955a, p.23, trad. nossa):

Para permanecer nesta circunstância tem que fazer sempre algo – porém este que fazer não lhe é imposto pela circunstância, como ao gramofone lhe é imposto um repertório de seus discos, ou ao astro a linha de sua órbita. Ao homem, cada homem tem que decidir a cada instante o que vai fazer, o que vai ser em seguida. Esta decisão é intransferível: ninguém pode substituir-me na tarefa de decidir-me, de decidir minha vida. Quando me ponho nas mãos do outro, sou eu quem decide e sigo decidindo que ele me dirija: não transfiro, pois a decisão, senão tão só seu mecanismo.

Entra, aqui, um aspecto importante da realidade humana que é a liberdade, a vida como algo a ser feito. Por não ser determinado, o homem tem o privilégio e a obrigação de escolher o seu próprio ser, de *autofabricarse*. Também a liberdade aparece ao homem pelo estranhamento que ele tem para com a realidade exterior, que é totalmente diferente de si. Ortega y Gasset (1982, p. 40) encontra a saída para a superação dessa dramaticidade do humano na solidão, certo de que “a realidade da vida consiste, pois, não no que é para quem de fora a vê, mas no que é para quem desde dentro dela o é, para o que vai vivendo enquanto e na medida em que a vive”. Em meio à realidade de abandono ontológico o homem é capaz de pensar a vida na primeira pessoa. É ele mesmo, na sua interioridade, que se vê forçado a

¹³ Na mitologia grega os centauros (em grego Κένταυρος *Kentauros*, «matador de touros», «ser fortes») são uma raça de seres com o torso e cabeça de humano e o corpo de cavalo. Ortega y Gasset (1955b, p.338) faz essa relação com o humano porque considera que “meia porção dele está imersa, desde logo, na natureza, porém outra parte transcende a ela”. Essa parte que transcende caracteriza o propriamente humano.

encontrar uma definição do seu existir. Por ter que escolher a sua maneira de ser no mundo é que “[...] está condenado, queira ou não, a ser livre, a ser por sua própria conta e risco [...]”. (O.C., v 7, 1969, p. 104). Viver, é portanto, na compreensão de Ortega y Gasset (1955a, p. 171), “[...] sentir-se fatalmente forçado a exercitar a liberdade, na decisão do que vamos ser neste mundo. Nem um só momento se deixa descansar a nossa atividade de decisão, inclusive quando nos abandonamos ao que nos possa ocorrer”.

A liberdade, para Ortega y Gasset (1955b), não aparece como livre arbítrio, mas como condição de escolha da própria vida, na circunstância em que ela acontece. Isso significa que o homem tem, como ocupação fundamental, eleger para si o que ele quer ser, um projeto de vida. O conceito de liberdade, em Ortega y Gasset, insere-se numa perspectiva criadora da vida humana como parte da constituição do si. No entanto, é na relação com a circunstância que o homem se define, exercitando a sua liberdade. A circunstância aparece a ele como possibilidade, forçando-o constantemente a escolher o que deve ser feito. Portanto, reforça Ortega y Gasset (1982, p. 27):

A nota mais trivial, porém ao mesmo tempo a mais importante da vida humana, é que o homem não tem outro remédio senão fazer alguma coisa para manter-se na existência. A vida nos é dada, visto que nós não a damos a nós mesmos, senão que nos encontramos nela de uma hora para outra e sem saber como. Porém essa vida não nos é dada feita, cada um deve fazer a sua própria.

O estar no mundo é, para o homem, fruto de uma escolha, certo de que a necessidade do viver não lhe é imposta à força. Isso significa que se não a abandonamos é porque queremos viver. Segundo Ortega y Gasset (1955b), a vida só é necessária apenas no sentido subjetivo, enquanto escolha deliberada do homem. Ele se governa mediante outras faculdades, como a reflexão e a vontade que imperam sobre os instintos. Portanto, o viver é a necessidade originária da qual todas as outras derivam. O que Ortega y Gasset sedimenta é que a vida não aparece ao homem como um dado da natureza, mas como uma possibilidade. De acordo com Alves (1999, p. 21), “os animais sobrevivem pela adaptação física ao mundo: os homens ao contrário, parecem ser constitucionalmente desadaptados ao mundo, tal como ele lhes é dado”. A essa consideração segue uma pergunta fundamental desenvolvida por Ortega y Gasset: por que o homem prefere viver a deixar de ser?

Na tentativa de compreender a vida, Ortega y Gasset não encontra na vida biológica uma resposta para a sua interrogação e, nesse sentido, o seu pensamento não é vitalista, pois a vida, como um dado natural, biológico, não é capaz de justificar a si mesma. Há um elemento

metafísico que marca a vida humana. É o fato de ela não ser somente natureza, mas também história, fato que permite eleger para si um projeto de existência. Em seu livro *Meditación de la técnica* Ortega y Gasset (1955b) afirma que a vida é uma necessidade criada por um ato de vontade. Cioran (1988) enriquece essa perspectiva orteguiana ao afirmar que o homem vive porque sabe que pode morrer. Vida, portanto, não é uma fatalidade, mas opção livre que cada indivíduo faz. Como diz Ortega y Gasset (1982, p. 26),

A vida é uma ocupação, e o mais grave dessas ocupações que constituem a vida não é que seja preciso realizá-las, mas, de uma certa forma o contrário – quero dizer que nos encontramos sempre obrigados a fazer alguma coisa, mas nunca nos encontramos estritamente forçados a fazer algo determinado, que não nos é imposta esta ou aquela tarefa, como lhe é imposta ao astro a sua trajetória, ou à pedra sua gravitação.

O conceito de liberdade está ancorado ao de vida humana, cujos fundamentos ontológicos são construídos no existir. Viver significa, para o homem, escolher, a cada instante, o que pretende fazer, não havendo fatalmente sobre si uma determinação biológica. O fato do viver não ser algo pronto resulta de uma escolha deliberada. A vida é, para Ortega y Gasset (1955b), intransferível, sendo de responsabilidade individual permanecer existindo.

A liberdade aparece no conceito de vida humana, em Ortega y Gasset, como central na compreensão do humano. Por não ter um ser determinado, o homem tem o privilégio e a obrigação de escolher seu próprio ser. Existir significa assumir a vida enquanto tarefa que implica numa escolha. O fato de continuar existindo é uma opção pela vida. Escreve Ortega y Gasset (1969, p.102):

Essa vida que nos é dada, nos é dada vazia e o homem tem que ir preenchendo-a, ocupando-a. São isso nossas ocupações. Isto não acontece com a pedra, a planta, o animal. A eles é dado seu ser prefixado e pronto. Mas ao homem é dada a necessidade de ter que estar fazendo sempre algo, sob pena de sucumbir, mas não lhe é, de antemão e de uma vez para sempre, presente o que tem que fazer.

O fato de a vida humana ser um *quehacer* implica que o homem reaja às condições que naturalmente lhes são desfavoráveis. Hernández-Rubio (1956) reforça a ideia ao afirmar que, para ocupar-se da circunstância, é necessário preocupar-se, tendo que se projetar, que realizar forçosamente um projeto de existência para decidir, a cada instante, e em vista da circunstância, o que será feito no futuro. Recordando a mitologia grega sobre a origem do mundo, o homem, ao ser feito por Epimeteu, foi o único dos seres criados que ficou sem

habilidades naturais para sobreviver, carecendo do fogo dos deuses, trazido por Prometeu, para criar a própria vida, com seu esforço e presteza. Não encontrando, na natureza, a completude do seu ser, ao invés de abrir mão do existir, o homem decide, por conta própria, inventar a sua vida, superando a condição natural de indeterminação. Compara-o Ortega y Gasset (1969) a um artista, pela capacidade que o homem tem de criar e vivenciar situações diversas. Todos os outros seres que compõem o universo têm seu ser pré-estabelecido. O mesmo ocorreria com o homem se sua vida fosse reduzida ao biológico, mas o que o caracteriza é exatamente a capacidade de sobrepor-se à natureza. Ser para ele, é ainda não ser, é ser um projeto de si mesmo. Viver, portanto, é inventar esse projeto e estar sempre buscando realizá-lo, visto que “ao homem lhe é dado à necessidade de estar fazendo sempre algo sob pena de sucumbir, mas não o é de antemão, e de uma vez para sempre, presente o que tem que fazer”. (O.C., v 7, 1969, p.102, trad. nossa). É a condição de vazio ontológico que abre, para o homem, a possibilidade de criar para si um projeto que venha a ancorar o desejo de efetivação do que se pretende ser, imaginando realidades que efetivem o seu viver, ultrapassando o campo material. Afirma Ortega y Gasset (1955a, p. 33, grifo nosso):

Com maior ou menor originalidade e energia, o homem faz mundo, fabrica mundo constantemente, e temos visto, que mundo ou universo não é senão o esquema ou interpretação que cria para assegurar-lhe a vida. Diremos, pois, que o mundo é um instrumento por excelência que o homem produz, e o que produz é uma e mesma coisa com sua vida, com seu ser. *O homem é um fabricante nato de universos.*

É o próprio homem na sua solidão radical que está forçado a encontrar respostas para sua existência na escolha do seu ser. Na obra *Meditación de la técnica*, Ortega y Gasset, ao tratar da técnica, reforça a ideia de que a vida é uma tarefa, visto que, desde os primórdios, o homem tem buscado meios para realizá-la. Esse *quehacer* faz com que o homem entre em contato consigo mesmo, ultrapassando os desafios postos pela circunstância, aperfeiçoando, cada vez mais, os meios que ele mesmo vai criando através de sua capacidade reflexiva, ultrapassando o simples existir pelo desejo de realização ou, segundo Ortega y Gasset, de viver bem. Mas para que o homem esteja bem é preciso pensar a sua realidade como um todo, desde o aspecto biológico até o ontológico. Isso é possível porque o homem é capaz de pensar a si mesmo e eleger para si o seu ser. Assim sendo, o mundo sofre interferências de seu desejo de realização. No movimento de adentrar-se, o homem busca adaptar o mundo a si ao invés de adaptar-se a ele. “A vida humana, pois, transcende a realidade natural, não lhes é dada como é

dado [...] ao animal o repertório rígido de seus atos orgânico – comer, dormir, habitar, etc. – senão, o que se faz dela, e este fazê-la começa por sua invenção”. (O.C., v 5, 1955b, p. 335).

Quando o homem passa a existir, o primeiro problema a ser resolvido é a sua vida como realidade radical, que é intransferível. Torna-se responsável por si mesmo. Esse ser individual causa, no próprio homem, uma estranheza em relação aos outros seres, pois, além do mundo exterior, ele consegue perceber que tem um mundo interior ou intimidade.

Ao optar pela existência, o homem faz uso da imaginação, que o torna capaz de criar novas realidades, que acredita corresponderem à sua carência ontológica, “porque o ser do homem não lhe é dado, senão que é, provisoriamente, pura possibilidade imaginária”. (O.C., v 5, 1955b, p. 340).

Pela imaginação, o homem alivia o peso do drama que é a vida, ou melhor, vive esse drama que, a cada momento, exige que ele represente diversos papéis, em diferentes situações, pois “eu sou eu e cada qual, não é senão um programa imaginário”. (O.C., v 5, 1955b, p. 341). O imaginar antecede toda ação humana, sendo que as ações apenas revelam um projeto feito imaginariamente pelo próprio homem, no desejo de resolver o problema da possibilidade do não existir e do não ser. Ortega y Gasset (1955b) chama isso de *pré-coisa*, através da qual o homem cria a realidade. Nossa vida é, de certo, afirma Ortega y Gasset (1955b), uma obra da imaginação. E, com efeito, a todo instante temos que imaginar, que construir mediante a fantasia o que vamos fazer de imediato.

Porém, quando nos pomos a pensar sobre nossa vida mediante ideias, estas serão valorizadas de acordo com a significação vital ou crença, não sendo qualquer ideia objeto de entusiasmo, mas apenas aquelas com que realmente o homem pode contar sempre no direcionamento de suas opções.

Para Ortega y Gasset (1969), a relação do homem com a circunstância o obriga a pensar, pois a experiência do homem com o mundo não ocorre narcisicamente. Diferente do mito grego em que Narciso encontra, no seu entorno, o reflexo do seu ser, a identificação plena, a experiência ocorrida com o homem na relação com a circunstância é um pouco distinta. No contato com a realidade material e social o homem se descobre tendo que fazer algo para viver, mesmo estando tudo pronto circunstancialmente, ele necessita escolher, eleger o que lhe parece melhor para continuar existindo. É isso que vai lhe obrigar a pensar. O pensamento, no entanto, não é simplesmente um dado genético, mas, uma necessidade oriunda da relação do homem com a circunstância. Diferente de Descartes, Ortega y Gasset (1969) entende que o homem não é suas idéias, mas elas são um elemento a mais que ele precisa para viver. O conjunto dessas ideias forma o que ele chama de horizonte ou mundo.

O horizonte são as *interpretações* feitas pelo homem, e delas tem-se a constituição da realidade. Interpretação, segundo Ortega y Gasset (1969), corresponde ao sentido que é atribuído às coisas, como já abordamos anteriormente. Assim, se contrapõe ao conceito de coisa em Kant. Não existe, na concepção de Ortega y Gasset, um ser das coisas na relação que o homem trava com elas, mas sim uma utilidade. Isso significa que as coisas são de acordo com o que elas representam para o viver humano e, nesse sentido, elas aparecerão ao homem como uma rede de facilidades ou de dificuldades ao viver. Ortega y Gasset evita usar esse conceito de coisa, visto que, para ele, tal conceito significa algo fechado, sem alteração e, no entanto, o que se constata na relação do homem com os elementos circunstanciais é sempre uma relação de alteração, de modificação, onde ele busca imprimir, no seu entorno, as suas ideias e interpretações do mundo.

2.3.1 A vida como drama

Comparando a vida a um naufrago, Ortega y Gasset (1969) reforça a ideia de que a vida é um drama, repleta de incertezas, o que exige, constantemente, do homem, o exercício da liberdade. A vida, metaforicamente comparada a um naufrago, aparece ao homem, que é desafiado a lidar com uma situação caótica. Naufragar é, ao mesmo tempo, ser lançado em um ambiente que exige do tripulante um esforço para sobreviver. Tejada (2003) afirma que o homem-naufrago caminha através dos problemas da vida, que são sempre desestabilizadores e flutuantes como o elemento líquido. Nesse sentido, Ortega y Gasset vai afirmar que a vida é luta, conquista, e a ação do homem é em vista de conquistar a própria vida. “O humano é a vida do homem, não o seu corpo, nem sequer sua alma. O corpo é uma coisa; a alma é também uma coisa, porém o homem não é uma coisa, senão um drama – sua vida”. (O.C., v 5, 1955b, p. 59). Nessa certeza, ele constrói ideias, objetos, cultura, técnica. Tudo isso representa o horizonte que garante segurança para o homem continuar existindo.

Por isso, Ortega y Gasset (1955a) vai afirmar que o homem se agarra à sua circunstância como condição de vida, pois o viver, para o homem, consiste em relacionar-se com tudo que está ao seu redor. Ao existir, o homem se depara com diversos mundos, ou com o *aquí*. Encontra, de antemão, um mundo pronto, porém sua vida é um *quehacer*, escapando sempre de suas mãos a certeza do que se é, forçado pela sua própria condição de indeterminação ontológica a ter que eleger para si o seu ser. Por essa condição, Ortega y Gasset acredita que o *drama* seja a palavra que mais se aproxima da definição de vida humana. Para o homem não há uma realidade pronta, mas ele tem que ganhar sua vida.

Ortega y Gasset (1955a) retoma uma frase do século XV: “só me é seguro o inseguro e incerto”. Nada é certo em definitivo para o homem, pois sua condição é de insegurança, por nada ser definitivo. “A vida é, pois, radical insegurança, é sentir-se naufragado em um elemento misterioso, estrangeiro e frequentemente hostil: se encontra com essas coisas que chama enfermidades, fome, dor.” (O.C., v 5, 1955a, p. 60). As civilizações são exemplos dessa dimensão humana, pois, segundo Ortega y Gasset, a história da humanidade aponta para inumeráveis retrocessos de decadências e degenerações. Não há um progresso natural¹⁴, como acredita o pensamento positivista. O que há é uma luta constante do homem para conquistar a si mesmo. O fato de a vida não ser seguramente certeza gera no indivíduo um sentimento de caos, insegurança e desamparo. Portanto, o caos não é a circunstância, mas a existência do próprio homem, pelo fato de não ser dado de antemão o que tem que fazer do seu próprio existir.

É essa carência que possibilita o homem conhecer. Conforme Ortega y Gasset (1955b), para existir na circunstância é preciso fazer sempre algo, e o primeiro que tem que fazer é decidir o que vai fazer. “Mas para decidi-lo, tem antes que se forjar uma interpretação geral da circunstância, formar um sistema de convicções sobre o seu contorno que lhe sirva de plano para atuar, entre, e sobre as coisas”. (O.C., v 5, 1955a, p. 60). O conhecimento acontece quando há o reconhecimento de si e da circunstância. É a própria carência que desafia o homem a perceber as coisas e a transformá-las em vista de suas escolhas. É o fato de não ser que o possibilita fazer, e esse fazer tem um conteúdo metafísico, pois o agir humano é em vista de ser, de realizar um projeto para si, tanto que, segundo Ortega y Gasset, não interessa para o homem somente o existir. Significa dizer que a existência para o homem não é um desafio entusiasta, mas o viver, o que ele faz com a vida.

Na avaliação de Mariás (1960), Ortega y Gasset recusa o existencialismo pelo fato de ver que a vida, além de ser carência e indeterminação, também é encarada, pelo homem, como esporte. Ao assumi-la como tarefa entusiasta inclui na compreensão da vida o sentido de que o esforço de existir envolve satisfação. Nesse sentido é que Ortega y Gasset também se distancia da fenomenologia de Heidegger em que, na interpretação do filósofo, não fez outra coisa a não ser dar atenção aos aspectos trágicos, dramáticos e sóbrios da existência. A vida, para Ortega y Gasset (1994), não pode ser reduzida a tragédia, mas esta é apenas um dos aspectos do viver, não acreditando, pois, no sentimento trágico da vida como formalidade última do existir humano.

¹⁴ Ortega y Gasset (1969) se contrapõe ao pensamento progressista que acredita num desenvolvimento natural em todas as esferas sociais.

Conforme Camineiro (1987) a vida, na concepção orteguiana, transita entre a angústia e o esporte, a morte e a ressurreição. Se a vida é escolha deliberada, esta implica em uma série de momentos satisfatórios para o humano, na busca constante de salvação, no intuito de dar sentido sempre ao que faz, por isso a vida também é uma exuberância de jovialidade e bom humor.

2.3.2 Ensimesmamento

Arelado à ideia de projeto, Ortega y Gasset (1955b) desenvolve o conceito de *ensimesmamento*, que representa um ponto-chave no seu pensamento. Para *des-cubrir* a realidade, o homem precisa se retirar do mundo factual e, por alguns instantes, ficar atento à sua interioridade. No seu entendimento, somente o homem é capaz de ficar a sós consigo mesmo, desligando-se, por alguns instantes, do mundo circunstancial, para pensar em realidades que não estejam diretamente ligadas ao biológico. O animal é sempre escravo das coisas, do mundo que o circunda, inexoravelmente tendo que ocupar-se delas, por isso sua vida define-se pela alteração, por viver sempre em função da circunstância. É a capacidade de reconhecer a vida como sua e de assumi-la na elaboração de realidades favoráveis ao viver que garantem ao homem libertar-se dessa condição zoológica. Isso é possível porque ele tem a capacidade de refletir, de pensar e de imaginar na solidão de seu ser realidades que não estão diretamente ligadas ao orgânico, tanto é que “o homem não tem empenho algum em estar no mundo, ele se empenha é em estar bem”. (O.C., v 5, 1955b, p.328). Segundo Ortega y Gasset, para o homem existir significa desde logo e sempre *bienestar*.

Esse aspecto da solidão é fundamental na construção do conceito de realidade radical, visto que é nesse momento em que o homem teoriza a vida. O pensamento, em Ortega y Gasset (1969), não pode ser entendido cartesianamente, como algo que caracteriza o sujeito e o define, separado do mundo, adversamente, Ortega y Gasset, através da sua visão circunstancial, aproxima o pensamento da vida. A razão assume uma função vital no direcionamento do que o homem faz com a vida.

Uma das dimensões fundamentais da vida humana é essa capacidade de escolha via razão. Essa capacidade reflexiva o diferencia dos outros seres da natureza. A ação dita humana é sempre uma ação refletida, antecedida pelo mecanismo do pensamento, distinta da ação dos animais, que é sempre automatizada, por seguir sua condição natural. O homem já necessita imaginar, criar realidades que antecedam ao seu agir e que lhe sejam favoráveis à vida, isso porque, “viver é sentir-se *fatalmente* forçado a exercitar a liberdade, a decidir o que

vamos ser neste mundo. Nem um só instante se deixa descansar nossa atividade de decisão. Inclusive quando desesperados nos abandonamos ao que queira vir, decidimos não decidir”. (O.C., v 4, 1955a, p. 171, grifo do autor). No entanto, não há criação sem ensimesmamento.

O projeto e a atuação são duas realidades indissociáveis para Ortega y Gasset (1955), visto que viver é fazer algo para continuar existindo. Portanto, o *ensimesmamiento* corresponde ao que o homem faz primeiramente com a sua existência, na busca de transformá-la possível de garantir o seu viver. Na visão de Ortega y Gasset (1955a, p. 88) “[...] não pode falar de ação senão na medida em que estará regida por uma prévia contemplação, e vice-versa, o ensimesmamiento não é senão um projetar a ação futura”. Com isso, lança uma crítica a partir da relação do pensar com o agir humano ocidental, por acreditar que o seu destino é exercitar o intelecto, construindo uma civilização baseada no primado grego do pensamento, capaz de se justificar por si mesmo. Toda a sua teoria é, na verdade, uma luta contra esse tipo de concepção, pois tudo deve estar a serviço da vida e não a vida ser um elemento de submissão de um elemento circunstancial, como no caso, a razão humana, isso porque “o homem que é si mesmo, que está ensimesmado, é o que, como se costuma dizer, está sempre sobre si, portanto, que não se solta das mãos, que não se deixa escapar e não tolera que seu ser se aliene, se converta em outro que não é ele”. (O.C., v 5, 1955a, p. 73). O que Ortega y Gasset defende, nesse caso, não é uma recusa do pensamento em vista de um vitalismo ou de um emotivismo, pelo contrário, contrapõe-se a qualquer forma extremista de pensar a vida, defendendo a valorização de tudo que o homem precisa contar para o seu existir, desde que estes estejam vinculados a um projeto de existência. É por isso que considera a mais grave aberração intelectualista da beataria da cultura o fato de a cultura e o pensar serem postos como algo à parte da vida.

No *ensimesmamiento*, portanto, o homem não exercita somente sua inteligência. Ensimesmar-se vai além do pensar, pede também o uso da imaginação, a qual lhe permite ver-se diferente do que é e elaborar um projeto para si. É a própria vida que se faz nesse momento, totalmente permeada de imagens, situações que o homem constrói, no desejo de construir a si mesmo e a seu mundo. Por sua vez, Ortega y Gasset (1955b) acredita que, se o homem não tivesse o mecanismo psicológico de imaginar, o homem não seria homem, pois o ser homem é pura “possibilidade imaginária”.

É pelo fato do orgânico não ser para o homem um primado fundamental que Ortega y Gasset desenvolve, em sua obra *Meditación de la técnica*, um novo conceito de humano. Segundo o filósofo (1955b, p.329), “o homem é o animal para o qual só o supérfluo é necessário”. Ocorre que, para Ortega y Gasset, estar no mundo não é a questão fundamental

do humano, mas, como estar bem, isto sim, é a “necessidade das necessidades”. A técnica surge, para Ortega y Gasset (1955b), como expressão desse desejo humano de ter uma vida boa. É pela técnica que ocorre a criação do *supérfluo*¹⁵. Essa dimensão da vida ocorre principalmente pelo desejo de existir de acordo com o que se elege para si como necessário à existência. Justifica-se que a ação humana é sempre uma ação refletida, antecedida pelo mecanismo do pensamento. O homem ensimesmado é aquele que assume o papel de protagonista da sua vida, convertendo o mundo em si mesmo.

Deste mundo interior emerge e volta para fora. Porém volta em qualidade de protagonista, volta com um *si mesmo* que antes não tinha – com seu plano de ação, - não para deixar-se dominar pelas coisas, senão para governá-las, para impor nelas à sua vontade e seu desígnio, para realizar nesse mundo exterior suas ideias, para modelar o planeta segundo as preferências de sua intimidade (O.C., v 7, 1969, p.86, grifo do autor).

Somente o homem tem esse privilégio de, por alguns instantes, desligar-se da circunstância, e *meterse* dentro de si para atender à sua própria intimidade:

[...] o homem goza desse privilégio de libertar-se transitoriamente das coisas, poder meter-se e descansar em si mesmo, e porque com seu esforço, seu trabalho e suas ideias, não se voltar sobre as coisas, transformá-las e criar em seu entorno uma margem de segurança sempre limitada, porém sempre ou quase sempre em crescimento.(O.C., v 7, 1969, p.85).

A capacidade de viver pensando é o que torna o indivíduo humano. São momentos em que torna capaz de manter contato com o que lhe é mais íntimo. No entanto, esses momentos estão diretamente relacionados à circunstância, pois se o homem se desliga dela por alguns instantes é porque esta, de certa forma, o desafia. É por isso que as inovações sociais sempre estiveram relacionadas a homens voltados para a própria intimidade, como Buda, Maomé, Jesus e Newton, homens que refletiram sobre si e sobre a circunstância em que estavam imersos.

No movimento de reflexão, o homem busca adaptar o mundo a si, ao invés de adaptar-se a ele, fazendo com que a trágica realidade da vida, ontologicamente vazia, transforme-se em tarefa entusiasta que se aceita, isto é, em aventura e empresa. “O homem, queira ou não,

¹⁵ O *supérfluo*, na concepção de Ortega y Gasset (1955b), corresponde a tudo que ultrapassa o campo da necessidade orgânica. A ação humana está ligada diretamente ao bem estar que “implica na adaptação do meio a vontade do sujeito”. Nesse sentido o *supérfluo* passa a ser para o homem uma necessidade. O exemplo dado por Ortega y Gasset são as “*casas de sudar*” onde os povos primitivos usavam para aquecerem-se e embriagarem-se.

tem que fazer a si mesmo, se *autofabricar*”. (O.C., v 5, 1955b, p. 341, grifo nosso, trad. nossa). Ao assumir a vida como sua, o homem se depara com as condições materiais e sociais que se opõem a ele. Para enfrentá-las, busca criar virtualmente novas estratégias que considera vitais para si, transformando o mundo exterior de acordo com suas ideias.

2.3.3 Ideias e crenças

No *ensimesmamento*, o homem liga sua vida aos mundos interiores que o possibilita pensar a realidade. Isso é o que Ortega y Gasset (1969) vai chamar de intimidade. A formação desses mundos que compõem a vida dá-se através da criação de um mundo imaginário formado pelas ideias. Estas, por sua vez, são o que pensamos sobre o real. Ortega y Gasset entende (1955b) por circunstância tudo que o homem conta para viver, o que sustenta sua vida, direcionando o seu agir e o seu pensar. Nesse caso, as ideias não têm valor de realidade pelo fato de que não é a teoria que determina a conduta do indivíduo, mas as crenças. São elas que atuam de forma latente, orientando a vida humana. Segundo o argumento de Ortega y Gasset (1959, p. 7, trad. nossa), a “[...] nossa relação com elas consiste em algo muito mais eficiente; consiste em [...] contar com elas, sempre, sem pausa”. Complementa o pensador (1959, p. 10, grifo do autor):

As crenças constituem a base de nossa vida, o terreno onde ela acontece. Porque elas nos põem diante do que para nós é a realidade mesma. Toda nossa conduta, inclusive a intelectual, depende de qual seja o sistema de nossas crenças autênticas. Nelas “vivemos e somos”.

Usando a metáfora da terra firme, Ortega y Gasset (1959) afirma ser na crença onde acontece a vida, pois esta possibilita o homem estar no mundo com uma margem de segurança. Quando a realidade passa a ser problematizada, aí aparece o que ele chama de dúvida. Nela o homem passa a viver inseguro, carecendo de ideias que deem estabilidade. O homem em dúvida encontra-se como num abismo, caindo, sem certezas. Por isso, forçosamente, na dúvida, o homem se agarra ao intelecto, buscando criar ideias que sejam capazes de reordenar o seu viver. O mar de dúvida é a figura metafórica encontrada por Ortega y Gasset para visualizar o estado de insegurança do homem ao carecer de certeza que assegure o seu viver, isso porque, no fundo, o homem é crédulo, sua vida está formada pelas crenças que possui. Por isso ele faz poesia, filosofia, ciência, religião, conhecimentos que representam a busca pela certeza que a vida humana carece. Essa distinção entre ideia e

crença é mais um recurso usado por Ortega y Gasset para fundamentar o seu pensar metafísico de que a vida é invenção, obra da imaginação. Retoma uma ideia muito presente em seus escritos, que é a vida enquanto conquista. Por ser dadas ao homem somente as penalidades e as alegrias de sua vida, necessita criar sua ideia de realidade, a fim de orientar o seu existir. É o que diz Ortega y Gasset (1959, p. 21) ao afirmar que, “com esta finalidade cria figuras imaginárias de mundos e de possível conduta nelas. Entre elas, uma lhe parece mais firme, e a isso chama de verdade”.

Viver é, na concepção de Ortega y Gasset, estar em alguma convicção. As convicções representam o universo de certezas que geram segurança, possibilitando ao homem continuar existindo. É sentir-se sobre algo importante. Distingue Ortega y Gasset a convicção positiva da negativa, esta, por sua vez, corresponde ao pouco grau de importância que elas desempenham no agir humano, são elas consideradas como ideias duvidosas, que não asseguram ao homem construir sua vida baseada nelas. Essa certeza é o que caracteriza a crença. “A orientação, os pontos cardinais que dirigem nossos atos é o mundo, nossas convicções sobre o mundo” (O.C., v 5, 1955a, p. 71). Nesse caso, a crença porta um conteúdo histórico, pois, quando um homem nasce, ele já é antecedido por um repertório de crenças que orientam o agir dos indivíduos daquele momento histórico, dito de outra forma, “o homem não é nunca um primeiro homem, senão sempre um sucessor, um herdeiro, um filho do passado humano” (O.C., v 5, 1955a, p. 124). Ele sempre faz parte de um momento histórico, circunstanciado. Segundo Ortega y Gasset (1955a), por sua condição de indigente, necessita do outro para apoiar-se, para continuar existindo, daí a crença fazer parte do conteúdo da vida.

Ortega y Gasset (1955b) define o homem como sendo um novelista, pois sua vida consiste em um fazer constante, criando, a partir da dúvida e da insuficiência do mundo exterior, ideias que norteiem seu estar no mundo. Ortega y Gasset (1959) usa um exemplo para esclarecer o conceito de crenças. Quando se está dentro de um determinado ambiente, ninguém se pergunta se, ao sair, não haverá terra firme, pois já parte da certeza de que lá fora tudo está da mesma forma como estava antes de entrar no determinado local. Por isso, sempre se está em uma crença. É a convicção de que aquilo acontece sempre e da mesma forma, possibilitando ao homem segurança. Quando uma determinada certeza passa a ser duvidada, a ser pesada, Ortega y Gasset (1955a) anuncia que nasce aí uma crise, ou seja, aquela ideia, que antes ordenava o existir de determinada pessoa ou grupo social, não é mais creditada ao ponto de o indivíduo guiar-se seguramente por ela. O exemplo clássico, por ele apresentado, é o cristianismo a partir do século XV. O surgimento de teorias científicas nesse mesmo período, como a de Galileu e Copérnico, assim como a teoria filosófica de Descartes dois séculos

depois, significa que aquela forma de pensar própria do mundo medieval não corresponde mais à exigência daquela geração. Nesse período da história, “o homem faz com que a razão pura, sirva de base ao sistema de suas convicções. Se vive da ciência” (O.C., v 5, 1955a, p. 66). O homem em crise é, afirma Ortega y Gasset (1959), sem mundo, entregado ao caos da pura circunstância. É o que ele chama de a lamentável desorientação. No entanto, a descrença em algumas convicções sempre leva o homem a buscar novas ideias, por isso, “para que o homem deixe de acreditar em umas coisas, é preciso que germine nele a fé confusa em outras” (O.C., v 5, 1955a, p.71).

A vida se define, assim pensa Ortega y Gasset, por meio das convicções, do repertório de opiniões que o homem tem sobre o mundo. Sobre as questões mais importantes da realidade o homem tem que ter uma opinião, um pensamento, delas dependem suas decisões, sua conduta e sua vida, pois ter uma opinião sobre “uma coisa não é senão saber o que fazer sobre ela”. (O.C., v 5, 1955a, p.72).

2.3.4 Vocação

A capacidade que o homem tem de criar a si e a realidade é o que o possibilita assumir o papel de protagonista de sua história, sendo que sua escolha será autêntica se esta for em concordância com o que acredita ser o melhor para a sua vida. Dois mecanismos são fundamentais nesse processo: a imaginação e a vontade. A capacidade de criar imagens, situações distintas das que já existem, é função da imaginação, sendo ela a criadora dos projetos vitais ou programas de vida. No entanto, é o exercício da liberdade que possibilita ao homem eleger para si o que lhe parece de maior importância vital. No entanto, em Ortega y Gasset, essa escolha parece ter um caráter misterioso, aparecendo como “uma voz estranha, emergente [...] que nos chama a escolher um deles e excluir os demais” (O.C., v 5, 1955a, p. 138). Essa voz misteriosa que nos chama ao nosso autêntico ser, nosso filósofo a chama de vocação, de identificação do homem com aquilo que escolhe. González (2001) julga que a missão do humano consiste em realizar esse grito. Isso aparece em forma de imperativo, pois as escolhas que são feitas, respondendo a essa voz interior, é o que vai possibilitar a realização da vida humana. O homem torna-se ele mesmo quando é capaz de se identificar com suas escolhas.

Ortega y Gasset (1955a) entende que isso é um ingrediente misterioso do homem, pois, se por um lado ele é livre para escolher, adversamente, frente a sua liberdade, aparece sempre algo com o caráter de necessidade, ou seja, cada homem, entre várias possibilidades

de ser, encontra sempre um modo que é o seu autêntico ser. Esse verdadeiro si mesmo de cada um, ou programa de vida, compreende, todas as ordens da existência, não se referindo somente à profissão ou ofício escolhido, refere-se à ordem do pensamento e das opiniões, aquilo que o homem considera como centro de sua existência.

2.3.5 A vida como *sobrenaturalidade* - transcendência

Em vista de ganhar a vida, o homem tem que inventá-la a cada minuto de sua existência, sendo a realidade uma conquista do humano, reflexo de seu desejo de continuar existindo. Existir passa a ser a descoberta de si, do que pretende fazer da própria vida em vista de realizar a pretensão de ser numa determinada circunstância. Complementa Ortega y Gasset (1955b) que é precisamente essa vida inventada, como se inventa uma novela ou uma obra teatral, que o homem chama de vida humana. Portanto, a “[...] existência do homem, seu estar no mundo, não é um estar passivo, ele tem, ao contrário de lutar forçosamente e constantemente, contra as dificuldades que se contrapõem a que seu ser se estabeleça no mundo” (O.C., v 5, 1955b, p. 337). A técnica representa a não resignação do homem frente às dificuldades impostas pela circunstância. Cabe destacar que essas dificuldades surgem porque o mundo desafia a existência do homem frente às necessidades fisiológicas e ontológicas. “No vazio que a superação de sua vida animal deixa, o homem se dedica a uma série de *quehaceres* não biológicos, os quais não lhe são impostos pela natureza, os quais ele inventa por si mesmo”. (O.C., v 5, 1955b, p. 334, grifo nosso).

Na tentativa de realizar o projeto pretendido, o homem depara-se com a dramaticidade da vida que, na perspectiva orteguiana, é inevitável. Querendo ou não, estamos sempre nos chocando com as coisas e pessoas que estão à nossa volta, tendo que responder aos desafios que esses choques nos ocasionam, através do conhecimento e do agir pessoal. Essa é a dinâmica da vida, que permite ao homem relacionar-se com seu meio e fazer história, pois viver significa, na definição de Ortega y Gasset (1969, p. 106),

[...] ter que ser fora de mim, no absoluto fora que é a circunstância ou mundo: é ter, queira ou não, que enfrentar e chocar constante, e incessantemente com tudo quanto integra esse mundo: minerais, plantas, animais, os outros homens. Não há remédio. Tenho que afrontar-me com tudo isso.

Ortega y Gasset anuncia, na obra citada, que a circunstância aparece como desafio para o homem frente à sua carência ontológica. São vários os elementos que constituem a vida humana e que a põe numa dimensão agônica.

A questão primária que deve ser resolvida, para Ortega y Gasset (1955b), é a permanência do homem no mundo. No entanto, essa permanência ultrapassa o orgânico como já esclarecemos anteriormente. O homem necessita transformar o mundo e adaptá-lo a si, dentro de um programa vital que visa superar as dificuldades provenientes da natureza, criando meios capazes de superar a insegurança do viver. Existir deixa de ser a questão fundamental, visto que, o agir humano não se reduz à manutenção da vida biológica, mas, sobretudo, busca encontrar sentido para sua existência, desejando viver da melhor maneira possível. Isso é o que Ortega y Gasset (1955b) chama de “bem estar”: viver desde o elegido como mais importante para o seu existir.

Ortega y Gasset (1955b) apresenta duas dimensões da vida, sendo que o viver corresponde ao estar em uma circunstância, e isso implica em ter que resolver o caos que primariamente a circunstância lhe impõe. Em sua obra *Meditación de la técnica*, Ortega y Gasset (1955b) reforça essa ideia mediante o conceito de técnica. Parte de uma pergunta fundamental: o que é a técnica? No entanto, essa pergunta ancora outra no desenvolvimento da questão: por que o homem prefere viver a deixar de ser? Retomando um exemplo primitivo, Ortega y Gasset (1955b) afirma que o homem, ao deparar-se com o frio, tem a sensação de que pode morrer, mas o que ocorre na história da humanidade é que o homem, mesmo não sendo provido de condições naturais para superar o frio, assim como outros imperativos da natureza, que desafiam a sua sobrevivência, ele, em vista de ensejar viver, busca meios para suprir as necessidades fisiológicas. Suprir as necessidades primárias é, no entender de Ortega y Gasset, uma justificativa do desejo humano de continuar existindo, pois o necessário para o homem é necessário para o seu viver, “logo este viver é a necessidade originária da qual todas as outras são meras conseqüências”. (O.C., v 5, 1955b, p. 321).

Entra um elemento fundamental para entender a concepção de técnica em Ortega y Gasset: o esforço. Ao existir, o homem depara-se com uma realidade totalmente distinta do seu ser, carecendo agir sobre o meio para garantir a sua vida. Afigura-se que Ortega y Gasset apresenta o homem como sendo necessariamente técnico. A técnica representa para o homem

[...] a reação enérgica contra a natureza ou circunstância que leva a criar entre esta e o homem uma nova natureza posta sobre aquela, uma *sobrenatureza* [...] a técnica é a reforma dessa natureza que nos faz necessitados e carentes, reforma em sentido tal

que as necessidades ficam, se possível, anuladas por deixar de ser problema sua satisfação. (O.C., v 5, 1955b, p. 324, grifo nosso).

Quando Ortega y Gasset desenvolve o conceito de técnica, o aspecto da imaginação é central para compreendê-la enquanto *sobrenaturalidade*. A ação do homem sobre a natureza não é mecânica, mas algo pensado, imaginado. Antes de agir o homem é capaz de criar imaginariamente novas realidades. É o que Ortega y Gasset vai chamar de *pré-técnica*, ou melhor, uma elaboração mental de um programa que o homem pretende executar. Para o pensador hispânico, o homem não age aleatoriamente, mas dentro de um projeto que se tem, em vista de realizar o que pretende ser. Portanto, a técnica não é algo separado da vida, mas um elemento ativo na sua construção, o que está a serviço de um modelo de vida humano. Nesse sentido, a técnica se movimenta em dois polos: a natureza que está aí (*a quo*); e programa de vida do homem (*a de quem*).

Entende-se, então, que a técnica, para Ortega y Gasset, é característica da vida humana, sendo ela uma espécie de segunda natureza, em que o homem enfrenta as dificuldades impostas ao seu projeto de ser pelas circunstâncias naturais. Ele é técnico porque é capaz de imaginar um projeto de vida que ultrapassa os limites naturais. Definir o homem como técnico é defini-lo como ser ativo, capaz de produzir seu viver, inventando a si mesmo a cada instante, por isso, “[...] o homem começa quando começa a técnica”. (O.C., v 5, 1955b, p. 342, trad. nossa), e, ainda mais, “um homem sem técnica, ou seja, sem reação contra o meio, não é um homem”. (O.C., v 5, 1955b, p. 326).

Forçosamente ele inventou a técnica para garantir a sua sobrevivência, agindo sobre a natureza, transformando-a, adaptando-a a si, facilitando sua presença no mundo através da criação de situações de *bem estar*. A técnica é o contrário da adaptação do sujeito ao meio, visto que é a adaptação do meio ao sujeito. Ortega y Gasset entende ainda que a técnica é toda ação do homem sobre a natureza em vista de seu desejo vital, ultrapassando as necessidades biológicas, num contínuo processo de evolução e aprimoramento, passando de uma ação direta sobre seu meio para uma ação indireta, como ocorre na modernidade com os inventos tecnológicos que, ao unir ciência e técnica, poupa o máximo de esforço do homem por meio das máquinas. Na obra *En torno a Galileo*, Ortega y Gasset (1955a) aponta duas verdades que, para ele, são fundamentais na compreensão do humano, a técnica e a ideologia. Toda vida humana parte de certas convicções radicais sobre o que é o mundo – ideias e crenças; assim como toda vida se encontra em uma circunstância com mais ou menos técnica ou domínio sobre o contorno material. A maneira de interferir na circunstância material revela,

no entender de Ortega y Gasset, a ideologia dominante de uma época, a forma de pensar de um povo. Na modernidade, o domínio da ciência transformou a técnica em algo distinto do homem, capaz de mover-se sem depender do esforço humano. É o império da tecnologia que une o conhecimento científico à ação humana sobre o mundo material.

O afã de poupar o esforço, frente aos desafios impostos pela circunstância natural, faz da técnica uma forma de ser do homem no mundo, possibilitando-o ocupar-se de questões que não estão relacionadas diretamente às necessidades orgânicas. O que nós encontramos na técnica é a produção de elementos que possibilitam o homem ocupar-se de questões que ultrapassam a satisfação orgânica. Ortega y Gasset (1955b) infere dois traços fundamentais na técnica: diminui, ao ponto de quase eliminar o esforço imposto pela circunstância, e consegue isso ao transformar a circunstância, determinando novas formas de estar no mundo.

Os atos técnicos, distintos dos naturais, que exigem um esforço imediato, são aqueles aos quais dedicamos o esforço primeiro para inventar e, logo em seguida, para executar um plano de atividade que nos permita:

- 1 Assegurar prontamente a satisfação das necessidades elementares;
- 2 Lograr essa satisfação com o mínimo de esforço;
- 3 Criar possibilidades completamente novas, produzindo objetos que não existem na natureza do homem.

Entende-se que, por meio dessa reflexão, Ortega y Gasset abre espaço para uma questão ontológica: a técnica possibilita ao homem criar condições que apontem para a constituição do seu ser. Com a criação do supérfluo, o humano ultrapassa o campo da sobrevivência, definindo-se enquanto ser distinto dos demais.

3 A CONSTITUIÇÃO DO EU NA CIRCUNSTÂNCIA

Dentro do que temos trabalhado como noção de circunstância, identificamos, desde o primeiro momento dos escritos orteguianos, a importância desse conceito na compreensão do mundo humano. Sem ele é impossível entendermos a contribuição filosófica de Ortega y Gasset ao mundo contemporâneo, dado que a circunstância integra-se à vida. Nos capítulos anteriores, buscamos desenvolver a gênese desse conceito nas obras do nosso filósofo, considerando-o como categoria estrutural do seu raciovitalismo. Nas páginas seguintes, pretendemos apresentar como Ortega y Gasset detalha esse conceito, incluindo-o como categoria filosófica fundamental para a compreensão da realidade. Detendo-se um pouco mais nas obras *El hombre y la gente* e *Rebelión de las masas*, buscaremos fazer uma hermenêutica do conceito, a fim de precisar como Ortega y Gasset integra vida e mundo pela circunstância. A figura do centauro ontológico, posta no capítulo anterior, aclara a nossa pretensão, no capítulo que se segue, ao propormos uma reflexão que, longe de ser moral e política, é de caráter antropológico. Com isso, pretendemos desenvolver a ideia de que a circunstância, como elemento integrante da vida humana, assume duas dimensões para o humano: autenticidade e alteração. Reportando-nos à metáfora do naufrágio, visualizamos a vida humana como conquista cotidiana que, imersa nas coisas e nas relações sociais, corre o risco de perder-se de si mesmo, ficando assim, na interpretação de Ribeiro (in. CARVALHO, 2003, p.159), “[...] boiando nas marés, sem direção própria, seguindo somente os rumos das vigências impostas pelos fatores exteriores da sua compreensibilidade do mundo”.

Ortega y Gasset (1969) sub-resume a circunstância como o material utilizado pelo homem para viver. Assim o é porque o entorno ao “eu” inclui elementos tais como o corpo, o psiquismo, as emoções, as ideias, as crenças, assim como o mundo cultural que implica todos os campos de interesse do humano: religião, arte, ciência, política, entre outros. Entende-se a circunstância, nesse ínterim, como o “aqui e agora”¹ em que cada um se encontra, ou seja, “circunstância concreta é o mundo de ‘minha vida’ na sua totalidade, aquele mundo que

¹ Essa ideia é muito próxima do que Heidegger (1989) desenvolve em *Ser e Tempo*, com uma diferença: para Ortega y Gasset o homem não se define somente no mundo, mas com o mundo, numa relação recíproca, pois a circunstância é o conteúdo elementar da vida. Segundo Stein (2004), Heidegger chama o homem de “ser-no-mundo”. Ser-no-mundo não equivale a físico-materialidade, ser-no-mundo é ser um ente que, ao falar e ao agir, faz brotar o sentido por toda a parte ao seu redor. Isso é ser-no-mundo. Então, mundo para Heidegger é aquilo que brota do sentido, quando eu falo, trabalho, ajo.

desperta meus projetos e onde minha ação encontra fendas para penetrar até os segredos das coisas”. (CASAGRANDE, 2002, p. 64).

O homem, ao encontrar-se vivendo, depara-se com o modo de funcionamento das coisas. Essa é uma característica fundamental na filosofia da circunstância, o homem não tem como fugir da circunstância. De acordo com o nosso filósofo, nascemos emergidos num emaranhado de tramas e situações, do qual não escolhemos, sendo assim, existir implica necessariamente estar cercado de uma rede, tanto de facilidades como de dificuldades. Essas duas dimensões ganham sentido para a vida humana na sua relação com as coisas que guardam possibilidade de ação, nesse caso, o que importa não é a sua dimensão ontológica, mas a utilidade que elas têm para a vida pessoal. A vida corresponde ao que o homem faz das coisas pelas quais está cercado, os seus afazeres é uma forma de ocupar-se delas.

Circunstância não equivale a uma coisa no sentido pleno do termo, mas se traduz por um conjunto de meios favoráveis ou não à vida do homem. Uma limitação semântica faz com que Ortega y Gasset reconheça que não há uma palavra na língua espanhola que consiga expressar, com exatidão, o conceito de coisa. Como já abordamos anteriormente, *Prágma* é o que melhor se adéqua ao sentido do conceito, visto que a circunstância compõe-se de coisas possíveis de interferências. São elas que compõem o mundo. Ortega y Gasset faz a distinção entre o mundo de coisas e o mundo de assuntos. A circunstância corresponde a um mundo de assuntos, porque afeta ao homem diretamente, sendo que o mundo de coisas é algo fechado, que o homem não modifica facilmente. Numa perspectiva pragmática ela é *servicialidade* e, portanto, *prágmata*. Na relação com mundo, o homem dá às coisas uma determinada importância; elas servem para determinado fim, nesse caso, a circunstância não é composta de coisas, mas de assuntos que interpelam diretamente o homem.

O termo “campo pragmático” é extraído da física e anuncia um âmbito constituído de puras relações dinâmicas. Ortega y Gasset usa esse termo para afirmar que a relação do homem com as coisas é sempre dinâmica. Pensando assim, nosso filósofo busca superar a ideia da pura materialidade para incluir a dimensão perspectivista da relação homem/mundo, por meio do dinamismo proveniente do choque constante entre ambos. Ortega y Gasset (1969) insere uma ideia fundamental ao afirmar que o homem não vive adaptado ao mundo físico, sendo ele capaz de pensá-lo e imaginá-lo. Portanto, o mundo não é ocupado por coisas que imperam sobre o homem, mas por campos de assuntos, de interesses que estão localizados em determinadas regiões geográficas. Cada coisa que aparece ao homem faz parte de um desses campos ou regiões. A realidade é composta de vários campos pragmáticos, que

são os diversos campos de interesse presentes no humano, como religião, negócio, arte, entre outros.

Ser com a circunstância significa, para Ortega y Gasset (1969), não ser uma única coisa, mas um conjunto. O homem não é seu corpo, não é seu psiquismo, não é o conjunto de suas ideias, não é nada do que está ao seu redor, mas é tudo isso que vive, sendo o entorno do “eu” aquilo que dá conteúdo à vida. Por isso, não é dado ao homem uma única alternativa de ação, mas várias possibilidades. São diversas as situações em que ele tem que eleger para si o que mais lhe apraz. A circunstância pode afetar, porque o homem é tocado por elas. De acordo com Suay (2003), a compreensão orteguiana da realidade passa pela circunstância, pelo fato de que o homem se encontra vivendo, inevitavelmente, em uma sociedade que tem uma interpretação da vida, um repertório de crenças sobre o universo desde que, inevitavelmente, pensamos nossas ideias, esquemas de compreensão vigentes, transmitidos socialmente. Assim, toda interpretação do mundo nutre-se de outras interpretações precedentes ou, como afirma Ortega y Gasset (1955a), somos sempre herdeiros de um tempo histórico que nos precede. Como o arqueiro que, através de sua lança, consegue atingir o rival, assim é a circunstância que o atinge de muitos modos. Metaforicamente, assemelha-se a uma lança que pode ferir o adversário, ou a qualquer coisa que possa despertar sentimento nos amantes. Essa metáfora marca a diferença que aparecerá nos itens seguintes, que apresentam a circunstância mediante dois aspectos fundamentais do humano: a “autenticidade e a alteração”.

3.1 A transcendência do eu pela circunstância natural

Define-se por *circunstância natural* o mundo no qual cada um está submerso, incluindo tudo aquilo que não é o homem na sua realidade radical ou solidão. Entrelaçados pela vida, homem e circunstância constituem-se numa esfera relacional, visto que “[...] aqui e eu, eu e aqui, somos inseparáveis pela vida”. (O.C., v 7, 1969, p. 126). O mundo, ou circunstância, como prefere Ortega y Gasset, é tudo aquilo que faz parte do contorno humano com o qual o homem precisa contar para viver. Como já prelude nos capítulos anteriores, “o homem, ao ter que estar no mundo, encontra no seu entorno uma intrincada rede, tanto de facilidades como de dificuldades” (O.C., v 5, 1955b, p. 337). Dentro desse mundo circunstancial, cada homem tem que construir sua existência na realização de suas opções. A circunstância em que o indivíduo se encontra é o contorno material que o envolve, como a sociedade em que se encontra. São várias as situações presentes em que cada um se vê

forçado a defrontar-se ativa e/ou passivamente, não tendo como fugir ou transferir para o outro. Escreve:

A circunstância – repito –, o aqui e agora dentro dos quais estamos inexoravelmente inscritos e *prisioneiros* não nos impõe em cada instante uma única ação a fazer, mas várias possíveis e nos deixa cruelmente entregues a nossa iniciativa e inspiração; portanto a nossa responsabilidade. (O.C., v 7, 1969, p. 103, grifo nosso).

No seu livro *El hombre y la gente*, o nosso filósofo identifica três momentos que se repetem ao longo da história humana:

1. O homem sente-se perdido entre as coisas – Alteração;
2. O homem reage às intempéries da natureza fazendo teoria – Ensimesmamento;
3. O homem executa seus planos preconcebidos – Pragmática.

Partindo dessa tríade da condição humana, a vida, para o homem, define-se ativamente, sendo de responsabilidade pessoal o agir sobre a realidade. “[...] Estar na circunstância não pode significar um passivo fazer [...]” (O.C., v 5, 1955a, p. 134). No mais, o que pode ser feito pelo homem é a criação de mecanismos materiais capazes de garantir tempo suficiente para a elaboração da sua vida ontológica. Viver, como já foi dito anteriormente, implica numa postura ativa frente às limitações impostas pela circunstância. A ação propriamente humana está diretamente relacionada ao pensamento reflexivo e criativo. Longe de uma defesa do idealismo, Ortega y Gasset tem a seguinte postura, como resume Carvalho (2003, p. 36): “não vivemos para pensar, isso é certo, mas pensamos para viver, esse é o entendimento orteguiano, a razão está identificada com a vida”.

O primeiro confronto, descrito por Ortega y Gasset, na relação homem e circunstância dá-se na escolha deliberada pela vida, descrita nas *Meditaciones de la técnica*. Parece-nos que o autor não vê problema nesse plano, conforme identificamos na referência à tranquilidade do homem frente à natureza feita por Nietzsche. Corresponde, especificamente, ao esforço humano de manutenção da vida orgânica e também ontológica. No confronto com as coisas, o homem expressa seu domínio sobre o mundo material ao criar a técnica, isso porque “ele tem [...] de lutar forçosamente e constantemente contra as dificuldades que se contrapõem ao alojamento de seu ser no mundo”. (O.C., v 5, 1955a, p. 337). A técnica é a expressão primeira do desejo humano de continuar existindo como protagonista de seus atos.

Como vimos no primeiro capítulo, surge então, a partir da necessidade humana de tornar a circunstância material favorável à vida, a técnica, sendo ela uma resposta à dificuldade imposta pela natureza no alojamento do ser humano. Assim sendo, segundo Ortega y Gasset (1955b), a técnica é uma reforma que o homem impõe à natureza, em vista da satisfação de suas necessidades primárias. Essa reforma reduz suas necessidades, na medida em que a satisfação orgânica deixa de ser problema. O homem, ao criar técnicas e artefatos, não busca somente a satisfação das suas necessidades biológicas, mas inventa meios que atinjam essa satisfação com o máximo de economia e o mínimo de esforço e tempo. Surge então uma dúvida: por que o homem pretende economizar seu esforço e tempo para satisfazer suas necessidades naturais? Considerando que a vida humana não se reduz ao biológico, a reação do homem sobre o meio não se limita à satisfação das necessidades impostas pela natureza. Ao reformá-la, o homem busca encontrar tempo para se ocupar de elementos que são supérfluos, que, nesse contexto, significa tudo que o homem faz que não vise à, necessariamente, responder às necessidades biológicas. Para o pensador hispânico, o homem não age aleatoriamente, mas dentro de um projeto que tem para realizar o que ele pretende ser. Portanto, a técnica não é algo separado da vida, mas um elemento ativo na sua construção, estando a serviço de um modelo de vida humana.

Diria Ortega y Gasset que o homem é um vocacionado para ação. Com a técnica, o homem assume o mundo como construção de si. Arquiteto de seu próprio ser no mundo, ele define-se como agente que se apropria das coisas com uma determinada finalidade. O que nosso pensador pretende evidenciar é a pragmática das coisas que estão diante de nós, oferecendo-se e servindo-nos. Explica:

As coisas não são originariamente coisas, senão algo que procuro aproveitar ou evitar a fim de viver e viver da melhor maneira possível – portanto aquilo com que me ocupo, com que atuo e opero, com que consigo ou não consigo realizar o que desejo, em suma, são assuntos em que ando constantemente. (O.C., v 7, 1969, p. 110).

O que podemos concluir, a partir dessa análise de Ortega y Gasset, é que o homem encontrou, na técnica, a certeza de um mundo humano baseado na crença do possível. Através dos inventos técnico-científicos na modernidade, o homem passou a crer que os problemas que ameaçam a vida biológica podem ser resolvidos. Com o uso adequado da técnica, as necessidades básicas deixam de ser problema. No entanto, se as ciências demonstram total

domínio sobre a vida material, propondo-se a resolver todos os problemas dela, escapa de suas intervenções objetivas parte das circunstâncias que compõem o mundo humano.

3.2 A descoberta do eu pela circunstância social

Em *El hombre y la gente*, Ortega y Gasset reforça a ideia de que a vida inclui outros elementos que ultrapassam a paisagem natural, exigindo do homem uma maneira diferente de lidar com o seu entorno. A circunstância refere-se ao mundo da minha vida, que se constitui, necessariamente, com a integração do eu com tudo que o cerca. A sede de totalidade de Ortega y Gasset, segundo Casagrande (2002), inclui, sobretudo, a vida que, como *quehacer*, envolve todo o entorno necessário à constituição da vida humana. Iniciando pela dimensão material, a antropologia orteguiana aponta para uma outra dimensão da constituição do humano: o social.

Existe no homem uma ânsia de companhia e socialização, não menos radical do que a solidão. “Toda uma série de dimensões de nossa vida se compõe de fervidos ensaios para romper a solidão que somos, e, fundirmos em um ser comum com outros. Entre eles, o mais radical ensaio, para evadirmos de nossa solidão, é o famoso amor”. (O.C., v 5, 1955a, p. 62).

Ao viver, o homem encontra-se com o Outro, aquele que está, absolutamente, fora, configurando-se como forasteiro. Entre as coisas que compõem sua circunstância, o homem depara-se com outro homem que, de imediato, não pode manipular, como fazia com as coisas. Enquanto a circunstância se refere às coisas, o homem é capaz de dominá-la e de presumir com um grau considerável de certeza quais são as suas reações. Na relação entre os homens, isso não tem previsões exatas, pois, “não só eu estou fora do outro homem, assim como também meu mundo está fora do seu: somos mutuamente, dois ‘foras’ e por isso somos radicalmente forasteiros”. (O.C., v 7, 1969, p. 126).

Então, como travar um diálogo com este Outro que me reconhece totalmente distinto dele e cujos movimentos interiores escapam à objetividade conceitual? O que possibilitará a convivência humana? Ortega y Gasset traça um percurso proveniente do reconhecimento da descoberta do Outro pela singularidade corporal. Porém, o processo não é simples. A ideia de corpo é bastante central para entender a passagem da relação do homem com as coisas para a relação do homem com seus semelhantes.

Ortega y Gasset inicia sua reflexão sobre a vida em sociedade analisando o elemento identificador das realidades internas e externas ao indivíduo. No contato social, o corpo é quem aparece primeiro. É importante destacar que a reflexão sobre o Outro principia com a

singularidade corporal que esconde e apresenta, ao mesmo tempo, a interioridade que ele reflete. “Basta agora dizer que o corpo do outro, quieto ou em movimento, é um abundante semáforo que nos envia constantemente os mais variados sinais ou indícios do que passa dentro do outro homem [...]”. (O.C., v 7, 1969, p. 139). Retomando a concepção pitagórica, Ortega y Gasset concebe o corpo como cárcere “sabido que em grego corpo é *soma* e tumba, *sema*, repetiam *sôma sema*, corpo-tumba, corpo cárcere”. (O.C., v 7, 1969, p. 125). O corpo faz do homem um prisioneiro espacial, pondo-o em um lugar e excluindo-o dos demais. Através dele, “aqui e eu, eu e aqui, somos inseparáveis por toda vida”. (O.C., v 7, 1969, p. 126). O corpo lembra algo fundamental: que o homem é histórico e vive numa cultura que também o é. Portanto, o mundo será reconhecido sempre a partir de uma perspectiva, de um ponto de vista, pois a condição corporal já impõe limitação espacial ao homem, pois nunca o terá todo ao seu redor, mas sempre em partes.

O homem porta uma intimidade que se desvela somente no contato direto, porém, “a intimidade que o outro homem é não me foi feita nem pode ser feita nunca presente. E, não obstante, encontro-a aí, quando encontro um corpo humano”. (O.C., v 7, 1969, p. 139). Isso faz com que a convivência seja constituída por forasteiros, pelo fato de que “[...] minha experiência em torno do outro homem, é sempre um ser fundamentalmente estranho a mim, em essencial, estrangeiro”. (O.C., v 5, 1955a, p. 175). Os homens entre si sempre estão fora um do outro, necessitando encontrar formas de tornar o mundo subjetivo acessível, a fim de favorecer relações de convivência. Os corpos favorecem o reconhecimento dos limites entre os indivíduos. Estar fora da vida do Outro significa que a vida dele é intransferível e que somente ele a conhece em sua radicalidade. Há elementos da interioridade que são intocáveis e que, mesmo pela aproximação, o conhecimento, extraído dessa relação, será sempre duvidoso, pelo fato de o corpo ocultar elementos subjetivos, como sentimentos, desejos e pensamentos. Superando, mais uma vez, a dimensão idealista, Ortega y Gasset se apropria da materialidade do corpo em todas as suas manifestações externas e o põe como fator determinante na constituição da realidade do mundo social. A relação eu e mundo “é, pois, uma relação não entre fantasmas e nós, como pura visão, mas entre um corpo alheio e o nosso corpo”. (O.C., v 7, 1969, p. 124).

O corpo humano comporta uma interioridade revelada em atos, em pensar, sentir, que só o indivíduo tem acesso, e que nem sempre a revela nas suas expressões corporais. O que temos no corpo são lampejos de uma vida interior que se oculta em forma de mistério, não sendo possível falarmos de presença, mas co-presença. Mediante a expressão corporal é possível reconhecer, no corpo alheio, algo além do físico, mas o que se abstrai dessa relação é

sempre presuntivo. Isso significa que a relação social provém de um conhecimento limitado, que Ortega y Gasset vai chamar de interpretação. A fidelidade ao que realmente o Outro manifesta depende do grau de proximidade entre os homens. Radicalmente, consta-se a certeza de que a vida do Outro é sempre transcendente aos demais indivíduos.

O reconhecimento da intimidade do Outro, na perspectiva do nosso filósofo, é uma crítica ao conceito de *alter ego* de Husserl. O pensador alemão partia da projeção analógica por meio do corpo. A individualidade do Outro poderia ser reconhecida na transposição imaginária de uma co-semelhança entre os corpos. Ortega y Gasset (1969) considera essa ideia paradoxal e imprópria, visto que a intimidade não é revelada pelo corpo em si, mas por suas expressões. Há uma dificuldade adicional quando a referência é um corpo feminino, que tem peculiaridades que não são identificadas no corpo masculino. Para Ortega y Gasset (1969), essa questão deve ser entendida na radicalidade de cada um. Não há um outro eu, mas um Outro que é singular, um ego individual.

Os sinais presentes no corpo são bastante reveladores de uma realidade que é intocável para o Outro, mas que se manifesta através dos sinais emitidos pelo próprio corpo. Ortega y Gasset (1969) compara-os a um semáforo, por enviarem, constantemente, lampejos de uma intimidade nunca presente, mas co-presente. Somente no contato com ele é possível identificá-la. O olhar ganha importância na compreensão do que seja o Outro. Ao resgatar a ideia do olhar como *ventanas del alma*, Ortega y Gasset o vê como órgão constitutivo na compreensão do Outro. O olhar revela ao Outro uma intimidade. Por ele é possível saber que algo acontece subjetivamente. Ao nos depararmos com o Outro é possível ler em seus olhos alegria, tristeza, medo, preocupação, cansaço, entre outros estados e sentimentos. Mas, nunca os tenho presentes em mim, conseqüentemente, a relação com o Outro se dará sempre numa dimensão presuntiva.

O olhar é, para Ortega y Gasset, a grande expressão da intimidade do homem, porque o ato de olhar vem direto da interioridade. Ele usa outra figura metafórica para descrever a importância do olhar na manifestação da intimidade de cada um: “[...] a íris e a pupila, equivalem a todo um teatro com seu cenário e companhia dentro”. (O.C., v 7, 1969, p. 156). O mesmo olhar é capaz de se manifestar em diferentes formas. É capaz de revelar as intenções das pessoas: o insistente, o oblíquo, o passageiro, são formas de olhar que revelam intenções íntimas. Conforme reconhece nosso pensador, cada ato de olhar é engendrado por uma determinada intenção, que quanto menos consciente seja, naquele que olha, tanto mais é autenticamente reveladora. Acredita ser, portanto, o olhar humano tão revelador que muitos ocultam o seu com o objetivo de esconder as suas intenções. Porém, há, no próprio olhar, o

aspecto revelador de romper a intimidade do Outro e vice-versa: o que deixa ver, os que olham com os olhos semicerrados, e o olhar do pintor que, após terminar a obra, distancia-se e fixa o olhar em direção ao que fez.

Com esses exemplos, Ortega y Gasset (1969) reforça a ideia do corpo como campo de expressividade. No choque com outro é possível perceber que, assim como eu, ele tem um mundo que, para mim, é totalmente desconhecido e que eu interpreto por conta de sua gesticulação. Essa característica varia entre as culturas, visto que a expressividade é mais presente em alguns lugares, porque uns são menos e outros mais expressivos, mas a expressividade sempre está presente como marca universal da interioridade do humano. O corpo traz, em si, elementos reveladores da intimidade e cada um “por ser carne é um campo de expressividade, um semáforo praticamente infinitos”. (O.C., v 7, 1969, p. 158).

Podemos nos perguntar qual é a saída de Ortega y Gasset para fundamentar as relações entre os homens, visto que se trata de seres subjetivamente singulares. Ortega y Gasset entende que, na convivência, os homens percebem que este Outro que porta uma intimidade singular é capaz de corresponder às suas ações. No entanto, a capacidade de corresponder, reciprocamente, aos atos ditos humanos, somente é possível quando há um reconhecimento recíproco dos homens entre si. Mesmo partindo de uma comunicação falha, o homem pode interagir com o Outro. Esse agir não tem, em Ortega y Gasset, um conectivo moral, mas somente expressa a capacidade humana de corresponder a uma ação que pode ser tanto favorável como desfavorável à vida do Outro.

Ortega y Gasset aponta um erro encontrado na sociologia de seu tempo² que foi o de considerar a sociedade como espaço de positividade do indivíduo, sendo que, na sociedade, as relações são sempre conflituosas. O fato de não ter um acesso direto ao Outro, impossibilita identificar claramente qual é a sua real intenção quando interage comigo, por isso, todo ser humano é perigoso, já que oculta suas reais intenções no agir: “[...] toda sociedade é, ao mesmo tempo, em uma ou outra dose, dissociedade, que é uma convivência de amigos e inimigos”. (O.C., v 7, 1969, p. 183). Somente no contato com o outro concreto é possível saber qual dessas possibilidades pode ser efetivada.

A aproximação do Outro a mim é importante para a convivência social, a fim de que se possam identificar traços peculiares a esse Outro. Ortega y Gasset acredita que isso ocorre na intensificação da comunicação humana, no reconhecimento do Outro enquanto capaz de identificar alguém distintamente em relação aos demais. O Outro pode ser qualquer um

² Ortega y Gasset (1969) critica a postura teórica de Durkheim, de Hegel, e de Marx, em que a alma coletiva aparece superior, infinitamente mais humana que o homem.

(*nosotros*) que encontro aí, que faz parte da mesma condição que eu, mas que, por ser intimamente singular, não posso saber, no primeiro contato com ele, quais são suas reais intenções em relação a mim. Isso será possível na intensificação da convivência, que favorece o reconhecimento da intimidade desse outro desconhecido. Nesse tipo de relação há a passagem do pronome “Nós” para o “Tu”. O “Nós” se refere a qualquer um, a todos, indeterminadamente, que encontramos na vida social. No primeiro contato, as comunicações acontecem de forma impessoal, baseando-se em conceitos estabelecidos socialmente. No entanto, o contato com o Outro pode chegar a um grau de intimidade em que os parceiros reconhecem sinais específicos. A passagem da relação impessoal e conceitual para a relação personalíssima ocorre na frequência do contato, sendo possível, ao longo do tempo, identificar o que é peculiar a uma determinada pessoa. É o que Ortega y Gasset chama de “Tu”, o sujeito pessoal, com quem me relaciono individualmente, reconhecendo nele aspectos que lhes são estritamente peculiares. Mas alerta:

[...] o homem, seja o outro ou seja eu, não tem um ser fixo: seu ser é precisamente liberdade de ser. Isto traz consigo que o homem enquanto vive pode sempre ser distinto. Nosso saber vital é aberto, flutuante, porque o tema desse saber, a vida, o homem, é também um ser aberto a novas possibilidades. (O.C., v 7, 1969, p. 186-187).

Esse tipo de relação, pautada entre sujeitos específicos, Ortega y Gasset (1969) denomina de relação interindividual, ou seja, entre indivíduos que identificam, concretamente, o agir do outro. O eu concreto é a “última personagem que aparece na tragicomédia da nossa vida”.(O.C., v 7, 1969, p. 181, trad. nossa). O primeiro que aparece na vida social são os outros. No contato com o Outro vou descobrindo a minha individualidade. Explica:

[...] o *yo* concreto e único que cada um de nós se sente se não é algo que desde logo possuímos ou conhecemos, senão que nos vai aparecendo nem mais nem menos como qualquer outra coisa, isto é, passo a passo, dependendo de uma série de experiências da ordem estabelecida, quero dizer por exemplo – e isto é o estranho e inesperado -: averiguamos que somos *yo* depois e graça ao que temos conhecido antes dos *tus*, nossos *tús*, no choque com eles, na luta que chamamos de relação social. (O.C., v 7, 1969, p. 194).

A relação com esse outro desconhecido faz com que toda ação humana tenha, antecipadamente, uma reação. O pressuposto que assegura uma resposta ao agir do Outro provém da experiência geral com os seres que formam a coletividade. Pela experiência de conduta prática de outros homens presume-se um tipo de conduta em relação aos demais. Do

puro outro tem-se apenas a intuição causada pela visão do seu corpo e dos seus movimentos, o que leva a crer que se trata de um homem, ao qual atribuem-se ideias pré-concebidas. O processo para começar uma relação com o Outro que me é desconhecido exige cautela por ser potencialmente ameaçador. Requer, da conduta de ambas as partes, previsão das suas intenções e atitudes. No início das relações há sempre uma sondagem, isso acontece porque o “homem sempre foi uma fera”, necessitando de técnicas de aproximação, como o cumprimento.

Ortega y Gasset traça aqui dois tipos de conhecimento sobre o Outro: o intuitivo – o que o outro tem de peculiar; e o teórico – o que lhe atribuo a partir de experiências coletivas. O conhecimento teórico se dá na relação com o puro outro, que não é mais do que um *conceito oco*. Pelo conhecimento teórico, potencialmente, pode-se esperar qualquer tipo de reação. Quando se estabelece um grau de intimidade, o saber teórico em relação ao Outro fica reduzido e cresce individualizado. Com a proximidade do outro concreto “vai se convertendo aos nossos olhos num sistema definitivo de possibilidades concretas e concretas impossibilidades”. (O.C., v 7, 1969, p.184).

A passagem da abstração do Outro para um concreto sistema de possibilidades acontece mediante a frequência na relação “nós”: “esta redução e concreção ou determinação se produz em nosso trato frequente com ele”. (O.C., v 7, 1969, p.184). Passamos a ler a intimidade do Outro, que não é mais um outro qualquer, mas um *tu* a respeito do qual eu consigo interpretar o que se passa no seu íntimo através de suas reações exteriores, entre elas, as corporais: “numa certa posição dos músculos faciais leio tristeza, em outra alegria”.(O.C., v 7, 1969, p. 185).

Somos um para o outro, mesmo não marcando uma relação de diferença, contudo há uma reciprocidade que provém da co-existência. Com isso, Ortega y Gasset chega ao ponto central de sua obra: a relação interpessoal. Será que o que entendemos por trato social é apenas o reconhecimento do existir do Outro e da sua reciprocidade? O que vem a ser de caráter social e o que leva os homens a assumi-lo para si? Para Ortega y Gasset, a relação social se dá no aparecimento do Outro, que é capaz de reciprocidade-me e que me reconhece também como outro-alter, como distinto do eu – ego. Por Outro, Ortega y Gasset entende

[...] aquele com o qual posso e tenho, mesmo que não queira, - de alternar, pois até no caso em que eu preferisse que o outro não existisse, porque o detesto, advém que eu irremediavelmente existo para ele e isto me obriga, quer queira quer não, a contar com ele e com as suas intenções a meu respeito, que talvez sejam as avessas.(O.C., v 7, 1969, p. 147-148).

Sociabilidade, para Ortega y Gasset, é poder contar com, ou seja, reciprocidade. Isso porque temos características semelhantes que identificamos no trato “eu” e “tu”. É assim que surge o gênero humano, proveniente da descoberta de outros semelhantes a ele. Ortega y Gasset acompanha Husserl ao dizer que “o sentido do termo homem implica na existência recíproca de um para com o outro”. (O.C., v 7, 1969, p. 148).

É o aspecto circunstancial que origina a sociedade, que gera, nos seres humanos, o sentido de seres de relação, de trato e de contrato. Aparece, aqui, a dialética entre indivíduo e sociedade, que é parte constitutiva do ser humano, uma vez que ele nunca é somente solidão, mas sempre solidão e circunstância. Mesmo a vida humana sendo realidade radical, quando esta aparece, é o Outro que aparece, pois “o que aparece primeiro a cada um na sua vida, são outros homens”.(O.C., v 7, 1969, p. 149).

Ortega y Gasset, afirma que, quando passo a existir, primeiramente vejo o mundo dos outros, do que eles dizem e fazem. Os outros, portanto, constituem a perspectiva primeira do meu mundo: “e como eles, em torno de mim, não cessam de atuar manipulando as coisas, e sobretudo, falando, isto é operando sobre elas, eu projeto na realidade radical da minha vida tudo quanto eu as vejo fazer e ouço dizer”. (O.C., v 7, 1969, p. 149).

Essa primeira descoberta se dá pela linguagem. É o mundo que é revelado em palavras e sinais: “nasce, assim o vivente humano entre homens e o primeiro que encontra são eles, isto é: o mundo em que vai viver começa por um mundo composto de homens [...]”.(O.C.,v 7, 1969, p. 148). A formação do “eu” passa, assim, primeiramente, pelo Outro, pois, a princípio, a relação interpessoal começa pela forma como “eles” se relacionam. O mundo é visto de acordo com o mundo cultural em que o indivíduo está imerso no início do seu existir. Esse mundo depende da linguagem, que é o mecanismo de formação do simbólico. Segundo Ortega y Gasset (1969), pelo falar, identifico as coisas que compõem o mundo, de acordo com o significante instituído; por isso, todo o trabalho de acompanhar a criança em seu processo de formação inicial corresponde ao que ela vê, ao que é nomeado pela sociedade, ao que é convenção.

A cultura, na perspectiva orteguiana, é o repertório de soluções encontradas pelo homem para resolver os seus problemas. O processo de socialização do homem é responsabilidade da cultura, arrancando o homem de sua solidão, que é a sua autêntica vida. Uma cultura autêntica inicia-se do ser individual. As ideias que são transmitidas têm um sentido para o indivíduo. O exemplo clássico, apresentado por Ortega y Gasset (1955a), trata-se do Renascimento. Através desse período, toda a produção cultural representou uma busca de o homem retornar a si mesmo, refletindo através de todas as manifestações, ideias que

punha no centro da sociedade o próprio homem. Somente através de um contato interior, acredita nosso filósofo, é possível superar uma cultura petrificada em vista de criar novas ideias que tenham significação para o indivíduo. Quando as gerações posteriores vão recebendo esse repertório, vai-se perdendo a autenticidade, por se transformar em “narcisismo cultural” e em “letra morta”. Há, portanto, uma perda do homem dele mesmo. Agora, recorda Ortega y Gasset (1969), não mais na selva primária, ou natural, mas na vegetação excessiva da própria cultura. Isso significa que o homem se perde no mundo que ele mesmo criou para si, mas não porque esse mundo oferece várias possibilidades, e sim porque o que ele oferece não faz sentido para aquele momento, carecendo o homem de criar outros elementos culturais, de modificar a própria cultura para viver o seu autêntico ser.

Para Ortega y Gasset (1969) há duas dimensões da cultura. Quando os elementos culturais correspondem a um sentido para o indivíduo, a cultura contribui para a autenticidade da vida humana. No entanto, quando a cultura é vivida sem um sentido para quem a vive, sendo apenas uma reprodução de ideias, repetição de conduta, cria o homem irresponsável, que Ortega y Gasset denomina *la gente*. Nesse sentido, a vida humana vai perdendo a dimensão pessoal, passando a reproduzir o coletivo. Acredita nosso filósofo que essa é a razão pela qual passo a ver o mundo dos outros como meu autêntico mundo, desconsiderando a vida em sua radicalidade, não existindo ainda eu, mas os outros. Isso constitui o que Ortega y Gasset denomina como momento de alteração, em que reproduzo em mim a vontade dos outros:

Uma das coisas que mais interessa e frequentemente fazem esses homens, em nosso contorno, em sua atividade recíproca, é falarem uns com os outros e comigo, com o seu falar injetam em mim as suas idéias sobre todas as coisas e eu vejo, em princípio, o mundo todo através dessas ideias recebidas. (O.C., v 7, 1969, p. 150).

Como abordamos anteriormente, a primeira experiência de mundo passa pelo Outro, por isso, para Ortega y Gasset, o homem é por si altruísta, aberto aos demais, ou seja:

O homem está a natividade aberto ao outro que não é ele, ao seu estranho, ou, com outras palavras: antes de que cada um de nós percebesse a si mesmo, já havia tido a experiência básica daqueles que não são “eu”, os outros; isto é, o homem é na natividade, queira ou não queira, goste ou não goste, altruísta. (O.C., v 7, 1969, p. 150).

O “altruísmo” é a característica primária de todo ser humano, pois, na concepção de Ortega y Gasset, antes que cada um de nós percebesse a si mesmo, já havia tido experiência básica de que existem aqueles que não são “eu”, mas, os outros. Alerta, porém, que o altruísmo não é abertura favorável ou desfavorável à vida do outro, mas simplesmente *abertura* ao outro. Ambas as realidades revelam o aspecto de cada um trazer, em si, em sua formação inicial, o reconhecimento da existência do Outro. Esse aspecto é apenas reconhecimento, sem implicações morais. Recorda Ortega y Gasset que, o beijo de um casal e um soco de um inimigo são dois atos que revelam a mesma natureza, o reconhecimento do outro como sujeito que entende minha ação e pode reagir a mim.

Estar aberto ao Outro é um estado puro e, constitutivamente, do homem, não uma ação determinada a respeito dele, sendo a matriz, numa linguagem orteguiana, de toda relação social. É a certeza de que existe o Outro, que também é constituído de uma individualidade e que é capaz de responder à minha ação. Na categoria do altruísmo, o Outro é “o homem abstrato o que deduzo que possa corresponder aos meus atos sobre ele”. (idem).

Com isso, Ortega y Gasset aponta para uma relação de alternância. Dizer que não temos alternância é dizer que não temos, com o Outro, relação social. Segundo Ribeiro (2003), o processo de sociabilidade dá-se como necessidade de comunicar as perspectivas experimentadas em nossas vivências pessoais, relacionando-nos com os outros e com o mundo. Por isso, independente do que o Outro represente para mim, eu tenho que contar com ele, somos obrigados a nos relacionar, pois, assim como eu, o Outro sempre tem suas intenções em relação a mim.

O mútuo “contar com”, a reciprocidade, é o primeiro fato que é qualificado, por Ortega y Gasset (1969), de social. Essa é a primeira característica da aparição do Outro: em seu aspecto corporal detecto que ele traz, em si, características semelhantes às minhas, mas, isso não quer dizer que elas estejam a meu favor. Portanto, o social não é, necessariamente, o interagir para o bem, mas o simples interagir.

Na concepção orteguiana, é na aparição do Outro que me descubro como homem, ou seja, que me vejo pertencente a uma categoria que ganha sentido social e universal. Citando Husserl, Ortega y Gasset afirma que “o sentido do termo homem implica uma existência recíproca de um para outro; portanto, uma comunidade de homens, uma sociedade”. (O.C., v 7, 1929, p. 148). Por isso, falar de sociedade, de relação, é diferente de tratar de vida individual, ou seja, implica uma descoberta do diferente.

Contar com a reciprocidade do Outro é sempre esperar a reação proveniente de sua pura intimidade, portanto, vindo de fora do eu. Por ser também realidade radical, como eu, ele

é o único ser que pode me responder numa relação de igual condição, mas a sua resposta é forjada numa impenetrabilidade interior, formada por seu pensar e sentir a vida como sua.

Esse aspecto é que marca a característica e o drama das relações humanas. É que elas são constituídas por seres concretos, que são, fundamentalmente, radicais em sua solidão. São, portanto, seres incapazes de expressar, transparentemente, o que são em sua intimidade, aparecendo e reagindo ao outro ser a partir de uma interpretação sua, restando, aos homens, uma relativa e indireta, e sempre problemática, comunicação. O mundo subjetivo, que para Ortega y Gasset (1969) é o mundo de cada um, vai se descortinando a partir dessa falha comunicação. Ela permite, aos homens, descobrir, nas relações estabelecidas entre eles, o que lhes é comum. Contudo, “esta comunidade de âmbitos onde coexistimos, longe de abrir brecha em nossas solidões e fazer que ambos, como duas correntes que rompem o dique, se fundam e confundam num fluir e ser comum, representa exatamente o contrário”. (O.C., v 7, 1929, p. 148). O meu mundo subjetivo, sendo meu, constitui a minha intimidade e, por isso, somente eu o sinto e o vivo. No entanto, Ortega y Gasset (1969) não acredita numa subjetividade absoluta, porque o humano comporta, em si, um conjunto de elementos que ultrapassam uma dimensão solipsista, sendo a intimidade expressão de um mundo interno e externo, vivido sempre em primeira pessoa e, por isso, impenetrável.

Através do Outro, reflexo da condição impenetrável do homem em sua radical solidão, surge o que nosso filósofo chama de relação social. Assim ocorre porque o eu e o outro têm a capacidade de se reconhecerem em suas intimidades impenetráveis; e contar um com o outro em suas diferenças. A relação social, portanto, segundo Ortega y Gasset (1969), tem como fundamento a reciprocidade, “o mútuo ‘contar com’, a reciprocidade, é o primeiro fato que nos permite qualificá-lo de social”. (idem). Isso significa que tal relação parte do reconhecimento de ambas as partes.

Ortega y Gasset anuncia, com isso, o segundo passo da vida social: a convivência. Essa é apresentada como a passagem da possibilidade (altruísmo proveniente das influências dos outros em sua formação inicial) para uma atitude ativa em relação ao Outro, à convivência. É o que Ortega y Gasset chama de relação “nós”, ou seja, eu e o outro fazemos algo em comum, interagimos. Para o filósofo, essa é a primeira forma de relação concreta com o Outro, ou, como ele chama, primeira forma de *nostridade*. Nessa relação, abre-se a perspectiva em que o Outro passa a ser reconhecido em sua singularidade, deixando de ser outro qualquer para ser um tu específico, inconfundível dos outros homens, por isso o termo *nostridade* significa que tu e eu, eu e tu atuamos um sobre o outro em frequente alteração de indivíduo, ambos únicos reciprocamente. A fala é um dos exemplos dessa reciprocidade entre

“nós”, pois nos permite falar do outro que não somos nós, dos que não nos são íntimos, o que nos abre para o diálogo que ultrapassa o nosso próprio mundo e chega ao do Outro. Esse Outro, que Ortega y Gasset aborda na relação social, é o indivíduo singular, específico. Destarte as relações entre os homens concretos são mediadas por um sujeito indeterminado, o qual Ortega y Gasset chamará “sociedade”.

3.3 A alteração do eu pela circunstância social

Na sociedade, a relação com o Outro, em grande parte, acontece sob a influência de um sujeito indeterminado, conceituado por Ortega y Gasset de *la gente*. Ribeiro (2003) comenta que o surgimento do homem em coletividade constitui, para Ortega y Gasset na obra *El hombre y la gente*, o que ele chama de *alteración*. O homem, submetido à convivência na sociedade, torna-se um homem alterado de sua própria autenticidade, do seu viver mais próprio, da sua possibilidade de vida mais pessoal, quer dizer, em suma, o homem em sociedade torna-se um tema impessoal, o *la gente*, que se efetiva no aparato complexo que é o corpo de toda e qualquer sociedade, que já tem impostas as suas regras, os seus “usos”, os seus costumes e hábitos. A expressão significa *todos* e ao mesmo tempo “ninguém determinado”, mas é um conjunto que atua sobre os indivíduos de forma impositiva. Ela representa, na sociedade, o homem enquanto “mera convencionalidade ou falsificação”. (O.C., v 7, 1969, p. 144). A sociedade atua, exclusivamente, mediante o puro mecanismo dos usos, dos quais ninguém é sujeito criador e responsável. As pessoas passam a ditar seu agir baseando-se na reprodução de uma vontade que elas mesmas desconhecem. Assim ocorre em relação aos costumes, “faz por que se faz”, “diz porque se diz”. A partícula “se” ganha uma importância para Ortega y Gasset por sua indeterminação, por não anunciar algo ou alguém específico.

Esse tipo de ação é o que Ortega y Gasset chama de fato social, correspondendo às ações executadas pelos indivíduos particulares; ações que reproduzem o pensamento da coletividade. Nesse caso, não há como identificar o sujeito criador da ação, pois o indivíduo age como os demais. Ortega y Gasset usa a expressão *la gente* para definir essa forma de ação comum que carece de sentido para quem a executa. Um dos exemplos dados pelo pensador é o uso, forma de comportamento imposta pela convenção social. Por ele, o indivíduo age convencionalmente no seu contorno, sob uma pressão social que o faz agir de forma irracional e impessoal, desencadeando numa questão orteguiana fundamental: o conceito de sociedade.

Partindo do reconhecimento de que os sociólogos³ nunca deixaram claro esse conceito, o filósofo justifica sua investigação pela importância de um trabalho de análise das relações sociais, ou, segundo ele, da sociabilidade. Inicia afirmando que o contato entre os homens é marcado por choques e lutas e que, diferente do que Durkheim acreditou, a sociedade não é um verdadeiro Deus, mas, pelo contrário, é um espaço de interação entre os indivíduos, que se dá através de uma comunicação extremamente falha, pois parte, quase sempre, de conceitos genéricos, provenientes do convencional.

O comportamento e as relações consideradas sociais se contrapõem, para Ortega y Gasset, à relação interindividual, visto que a sociedade é o espaço da coletividade que age de forma indeterminada, estereotipada e irresponsável. Na sociedade, o homem “[...] tende a ser sua mera convencionalidade ou falsificação”. (O.C., v 7, 1969, p. 144). Isso reside no fato de que a sociedade não pode ser julgada pelos seus atos, por não ser indivíduo, mas coletividade. Comporta-se de forma mecanizada e irracional, pois o agir torna-se reprodução de costumes e usos estabelecidos no convívio social. Assim, “a coletividade é, sem dúvida, algo humano; mas é o humano sem homem, o humano sem espírito, o homem sem alma, humano desumanizado”. (O.C., v 7, 1969, p. 199). Diferente do animal que não pode deixar de sê-lo, o homem vive sob o risco constante de desumanizar-se, visto que “[...] o homem não é nunca seguramente homem, senão que ser homem significa, precisamente, estar sempre a ponto de não sê-lo [...]”. (O.C., v 7, 1969, p. 89). A desumanização acontece quando o homem passa a viver a vida que não é a sua, a vida dos outros, pautando-se por padrões estabelecidos socialmente, sem exercício de reflexão. Essa vida é o que Ortega y Gasset chama de inautêntica, por estar alterada pela circunstância. Ocorre que, na alteração, o indivíduo atua cegamente, num frenético sonambulismo, pois perde sua capacidade mais essencial: a possibilidade de meditar, de recolher-se dentro de si mesmo para por-se consigo mesmo, de acordo e precisamente com suas crenças; orientando-se pelo que, na verdade, estima e detesta.

Como foi apresentada no capítulo anterior, metaforicamente, Ortega y Gasset refere-se à vida alterada, a um naufrágio, aludindo o risco constante que o homem enfrenta ao ser com sua circunstância. Abrir mão da capacidade criativa de ser si mesmo é uma constante e, quando isso ocorre, fica-se então à mercê dos acontecimentos. Retomamos aqui a ideia de que

³ Ortega y Gasset (1981) conclui que as obras de Comte, mesmo extensas, não dispõem de argumentos suficientes que definam a sociedade; da mesma forma ocorre com Spencer, nos *Principios de sociologia*: das 2.500 páginas, apenas em cerca de cinquenta linhas é que ele se ocupa em perguntar o que é a sociedade. A publicação mais recente, para nosso pensador, que poderia abordar com clareza esse tema, seria a de Bérghson, *las fuentes de la moral y de la religión*, porém, ironicamente, Ortega y Gasset descreve que, ao terminar de ler essa obra, a sensação que dá é a de que acabou de sair de uma selva, coberto de formigas e cercado de abelhas, pois ela esclarece mais sobre as sociedades animais do que as humanas.

a vida é um drama, repleto de incertezas, o que exige constantemente, do homem, o exercício da liberdade. No sentido mais original, naufragar é, ao mesmo tempo, ser lançado num ambiente que exige do tripulante um esforço para sobreviver. Com isso, Ortega y Gasset vai afirmar que a vida é luta, e a ação humana consiste em conquistar a própria vida. Nas *Meditaciones*, Ortega y Gasset escreve que todos levam, dentro de si, os despojos de um herói. O herói é sempre aquele que carrega, em si, a vontade de ser o que ainda não é. Ser herói consiste em alguém ser ele mesmo. “O herói está definido pela não aceitação da realidade, do que é, e por uma vontade de modificação do real; quer dizer, de aventura; esta consiste fundamentalmente num projeto”. (MARÍAS, 1967, p. 360). O trágico é que a escolha desse projeto, de ser si mesmo, não é algo absolutamente original, pois, ao mesmo tempo em que o sujeito tem uma individualidade, esta, por sua vez, encontra-se numa coletividade.

A vida individual vai se descobrindo dentro do mundo social: “nasce, assim o vivente humano entre os homens e o primeiro que encontra são eles, isto é: o mundo em que vai viver começa por um mundo composto de homens”. (O.C., v 7, 1969, p.149). Como aludimos anteriormente, a primeira descoberta do humano não é a da individualidade enquanto possibilidade de pensar a vida como sua, mas a do outro. Ao nascer, somos pré-moldados com todos os vícios da vigência pública. As vivências íntimas, como o amor e o medo, por exemplo, são expressões cuja origem desconhecemos, mas que, passadas pela tradição, todos os indivíduos as reconhecem cotidianamente. Instala-se, assim, em cada indivíduo, o sujeito indeterminado. O risco é o de que a originalidade do sujeito fique comprometida pela determinação da coletividade, que forja o indivíduo, nivelando pensamentos e atos.

Com isso, Ortega y Gasset introduz o tema da coação social que, inicialmente, dá-se pela língua. Há coação sempre que não há possibilidade de escolher um determinado comportamento diferente do que se faz na coletividade. O “não fazer” pode significar privação em diferentes graus. No caso da fala, por exemplo, a não adesão aos sinais linguísticos consensuais priva a pessoa de determinado tipo de comunicação. A fala, para Ortega y Gasset, abrange expressões externas além da sonoridade, ou seja, “a fala não consiste só em palavras, em sonoridades ou fonemas. A produção de suas articulações é só um lado do falar. O outro lado é a gesticulação total do corpo humano enquanto se expressa”. (O.C., v 7, 1969, p. 255). A gesticulação envolve o corpo, na tentativa de auxiliar o que se quer dizer com as palavras.

Se falar é fazer uso da língua, esse ato, para Ortega y Gasset, é reprodução social, mecânico, e consiste na operação que começa na direção de fora para dentro. Há uma diferença basilar, para Ortega y Gasset, entre falar e dizer. A fala consiste em atividade de

dentro para fora, é a externalização da experiência ou a vivência interior. O dizer antecede a fala, é o que acontece dentro do indivíduo e que pode ser comunicado. A fala pode expressar uma originalidade do sujeito, no entanto, o elemento “uso” desumaniza a língua na mecanização das palavras. Essa desumanização da língua pelo uso ocorre quando as palavras perdem o seu sentido originário e passam a ser transmitidas por pura convenção social, da qual faz parte num mundo externo que se manifesta como corpo próprio nas leis, hábitos, enfim, em tudo que ganha um corpo social e que funciona ditando a conduta dos seres concretos. “Isto é o que chamamos o ‘mundo objetivo’ frente ao mundo de cada um em sua vida primária. Esse mundo comum ou objetivo vai-se precisando em nossas conversações, as quais versam principalmente sobre coisas que parecem sernos aproximadamente comuns”. (O.C., v 7, 1969, p. 151). O novo mundo objetivo não se compõe de coisas que não se refiram a nenhum dos indivíduos, mas de coisas que pretendem existir de forma independente, indiferente aos mesmos. Por isso, compõe-se de coisas que aparecem passando a ideia de terem um ser próprio. Ele manifesta-se assubjetivo, ou seja, alheio à realidade radical de cada sujeito. O mundo, nesse sentido, é presuntivo, indiferente, enigma a ser decifrado.

Ortega y Gasset levanta uma interrogação pertinente: em que sentido essa vida coletiva é vida humana? Para ele, a vida humana é a vida determinada, pensada e sentida na individualidade de cada um, bem diferente do coletivo, que não se constitui sujeito determinado, que dita e pensa normas. Na coletividade, o humano é desumanizado, pois, nela, não há um sujeito determinado para o qual as ações, que são chamadas de sociais, tenham um sentido: “trata-se assim, de ação humana, mas irracional, sem espírito, sem alma, na qual ajo como gramofone ao qual se impõe um disco, que ele não entende, como o astro roda o cego pela sua órbita, como átomo vibra, como planta germina, como ave modifica”. (O.C., v 7, 1969, p.199).

Tiranicamente, dessa forma, o sujeito, em sua individualidade, é forçado a mecanizar e reproduzir normas desconhecidas em sua gênese. Ortega y Gasset faz essa análise a partir do cumprimento, ou *saludo*. Como uma dessas formas de costume, o indivíduo executa-o inumanamente, no sentido de que age sempre de forma mecânica. Sua ação não parte de um interesse pessoal, não o executa por um valor reflexivo, mas pelo costumeiro, ou seja, “alguém ou algo x, que não somos, nem eu nem o outro eu, mas que nos envolve a ambos e que está como sobre nós, é o sujeito criador e responsável pelo cumprimento”. (O.C.,v 7, 1969, p.208). Realiza-o pela força do costume, que se tornou convenção, agindo assim, “fazemos porque se faz”. Pergunta Ortega y Gasset: e quem faz? A gente. E quem é a gente? São todos e, ao mesmo tempo, ninguém determinado, mas que atuam, coagindo o indivíduo.

Além do costume, Ortega y Gasset aponta o Estado como a instância social em que o sujeito é desumanizado através do aparato da legalidade, que se cumpre mecanicamente. A relação do indivíduo com o Estado não é uma relação social, pois trata-se de uma reprodução de normas provenientes de um ser indeterminado e que força o indivíduo a agir mecanicamente. Ortega y Gasset usa o exemplo do guarda de trânsito que aplica uma lei que não é do seu interesse, reproduzindo, na sua ação, apenas a vontade do Estado.

Segundo Ortega y Gasset (1969), para a sua geração, o Estado era, numa língua corrente, o mais social. Contudo, a língua, para ele, é sempre interpretação do real, a qual pode estar longe da própria realidade. “O Estado, coisa social, oculta-se sempre atrás de indivíduos humanos, que, não são, nem pretendem ser, sem mais nada coisas sociais”. (O.C., v 7, 1969, p. 205).

Assim como o Estado, outras coisas sociais estão presentes, ditando normas para que o indivíduo cumpra, insuscetível de questionamento, como por exemplo a moda, ou, numa linguagem orteguiana, o “usual”. O comportamento justificado pelo “fazemos por que se faz” forja uma ação sem protagonista e, por isso, ninguém se responsabiliza. Trata-se de um ato inumano, reproduzido forçosamente como sendo criação do sujeito que o reproduz.

Reaparece, aqui, a partícula “se”, aplicada ao sujeito indeterminado, a qualquer homem, contudo, que não seja nenhum. Ortega y Gasset (1969) aponta para um problema, em sua visão, gravíssimo, que é a perda de si. Isso ocorre “quando fazemos o que se faz e dizemos o que se diz e que, então, o se, esse homem inumano, contraditório, nós levamos dentro de nós e somos”. (O.C., v 7, 1969, p. 205).

No caso dos “costumes”, por mais que se tenha claro o que se deve fazer em um determinado local, a ação, muitas vezes, é antecedida pelo inumano, gesto do cumprimento expresso como, por exemplo, num aperto de mão. Ausente de reflexão e desejo de quem o faz, faz porque todos fazem, reproduzindo um puro movimento mecânico. Dessa forma: “o que sei, o que entendo é que tenho que fazer isso, mas não sei, não entendo o que com isso tenho que fazer”. (O.C., v 7, 1929, p. 209). Torna-se, então, uma ação involutária, irracional, algo que se faz pela força do uso.

O uso é a instituição de um comportamento que vai perdendo seu sentido originário e se torna social. Nesse sentido, o uso traz uma carga de irracionalidade e perde a sua positividade, pois se torna algo mecânico, assim sendo, os usos não são dos indivíduos, mas da sociedade. O uso se estabelece pela força coercitiva de um grupo que, ao criar determinado comportamento, transforma-o em social. É o que Ortega y Gasset (1969) vai chamar de vigência coletiva. Ao ser aceito, o uso vai perdendo o seu sentido originário e passa a ser

institucionalizado, assumindo um caráter puramente social. No entanto, como coisa social ele é um processo lento, tanto para entrar em vigência como para cair em desuso, pois, para Ortega y Gasset (1969), a sociedade arrasta-se devagar pela história, como “lento passo de vaca”, chegando, às vezes, a causar desespero, pela sua morosidade.

As coisas sociais que provém de uma vontade indeterminada são vividas pela força do uso e não por vontade própria, por uma escolha pessoal. O uso condiciona a vontade do indivíduo e, por isso, ele é inumano, por constituir-se pelo condicionamento social que atinge o indivíduo e que pode ser exteriorizado pelas ideias e crenças, bastando, assim, ser puro ato mecânico e irrefletido. O uso vai além do estatal, tornando-se presente nas relações interindividuais. Esclarece, Ortega y Gasset, como somos pré-moldados por ele:

[...] como vocábulos e formas sintáticas carregam sempre significação, idéia, opinião, o dizer da gente é, ao mesmo tempo, um sistema de opiniões que a gente tem, de opinião pública que nos penetra e se insufla em nós, que quase nos conhece por dentro e que sem cessar nos opina por fora.(O.C.,v 7, 1969, p. 211).

O uso caracteriza-se pela obrigação. Não fazê-lo implica em desprezar regras morais e sociais transmitidas pela tradição. É uma obrigação proveniente dos outros – da gente, determinando a práxis dentro das regras sociais que vão impondo regras morais. Nesse caso, Ortega y Gasset (1969) adjetiva o uso do costume por ser um modo de comportamento habitualizado, sendo, pois, um hábito social que nada mais é do que uma conduta automatizada, que aparenta ser frequente, mas é frequente porque é coercitivo: “o uso me aparece, pois, como a ameaça presente em meu espírito de uma eventual violência, coação, ou sanção que os demais vão executar contra mim”.(O.C., v 7, 1969, p. 215). Essa violência, ou ameaça, não provém de nenhum sujeito determinado, mas é o que cada indivíduo encontra diante de si na sociedade.

Segundo Ortega y Gasset, dois tipos de opiniões são reproduções mecânicas que vão instaurando o uso e legitimando a violência. São as que ele denomina de opinião particular e opinião reinante. Por particular entendem-se estas que dependem de grupos, de pessoas, para sustentá-las, pois não existem por si. Já a opinião reinante ou pública é a opinião vigente, que se impõe independentemente da aceitação de alguns. São as regras que o Estado vai ditando para assegurar o poder social.

Essa dimensão perspectivista de Ortega y Gasset, ao refletir sobre a vida a partir de um campo pragmático específico, o “grupo social”, faz com que entendamos a condição humana como conquista baseada no propósito de humanizar-se ou no risco de desumanizar-se. O fato

de a vida humana acontecer na relação com a circunstância emerge do risco constante que o homem enfrenta em confundir-se com ela. Os momentos de reflexão são considerados, por Ortega y Gasset, como autênticos à vida, mas eles não impedem, de uma vez para sempre, as interferências vindas da coletividade. Cabe, ao homem, travar uma luta cotidiana para não perder a sua individualidade.

Viver é um *quehacer* com as coisas ou assuntos. Assim podemos optar por fazer o que se faz. Ortega y Gasset esclarece que costumamos fazer que vivamos; mas vivemos efetivamente o nosso autêntico viver, aquele que teríamos de viver se tomássemos, de quando em quando, enérgico, evidente contato com a nossa vida enquanto radical. Para isso, o homem não pode perder de vista a responsabilidade. A vida é a de cada um. Cada qual tem de fazê-la a partir da sua radical solidão, pois na solidão ele tem sua verdade e, na sociedade, o que lhe resta é a sua falsificação. Essa distinção desencadeia numa reflexão que é fundamental no pensamento orteguiano: a distinção entre o primário e o secundário. A vida do outro é secundária à minha e, quando não tenho isso claro, caio no mundo da massificação, da padronização, julgando todas as realidades como iguais. Perco de vista a minha individualidade e a do outro e me socializo por completo.

Perder a singularidade é cair numa pseudovida. Perder-se de si é o mesmo que não saber o que pensar, o que quer e no que acredita. Perco-me entre as coisas quando me perco de mim mesmo. O medo de assumir a vida na primeira pessoa faz com que o homem se lance na circunstância, atribuindo a ela a responsabilidade sobre o seu viver. A vida que é solidão deixa de ser do indivíduo e passa a ser da sociedade. A entrega a essa sociedade implica, para Ortega y Gasset, na renúncia da solidão individual, identificando-se, assim, de um todo com os demais.

Na alteração, o homem perde seu atributo mais essencial:

A possibilidade de meditar, de recolher-se dentro de si mesmo para ficar consigo mesmo de acordo e *precisarse* que é o que crer; o que de verdade estima e o que de verdade detesta. A alteração obscurece, cega-lhe, obriga-lhe a atuar mecanicamente em um frenético sonambulismo. (O.C., v 7, 1969, p. 83, grifo nosso).

O animal é o exemplo clássico da alteração, pois sua vida acontece de fora, visto que não há nele uma intimidade e, por não viver a partir de si mesmo, vive sempre a “vida do

outro”⁴. Como uma marionete, é governado pelo contorno e, distinto do homem, não é com sua circunstância, mas é a sua circunstância, no sentido de que a sua vida depende do que o circunda. A vida do animal é, para Ortega y Gasset, uma “*inquietud sin descanso*”, por direcionar toda sua atenção à circunstância. Sem dúvida, afirma o filósofo, o homem também é prisioneiro do seu contorno, porém, com uma diferença:

Que o homem pode, de quando em quando, suspender sua ocupação direta das coisas, sair do seu entorno, desentender-se dele, e submetendo a sua faculdade de atender uma transição radical – incompreensível zoológicamente -, volta-se, por assim dizer, de costas para o mundo e mete-se dentro de si; atende a sua própria intimidade [...], ocupa-se de si mesmo e não do outro, das coisas. (O.C., v 7, 1969, p. 84, grifo nosso).

O que Ortega y Gasset aborda aqui é a problemática contemporânea desenvolvida especificamente em sua obra *Rebelión de las masas*. Nessa obra, o pensador madrilenho desenvolve o conceito de homem massa como construto peculiar da sociedade moderna-técnico-científica em que os indivíduos perdem a dimensão da particularidade e se envolvem no todo. Assim, Ortega y Gasset anuncia a crise da modernidade, que não é especificamente política, mas que atinge todos os âmbitos da vida humana, entre eles, a moral. Isso porque se trata de uma crise do modelo antropológico vigente.

A sociedade moderna criou um homem de fácil adaptação à circunstância onde copia sentimentos e ações, desencadeando problemas de natureza ética. De acordo com Martín (2000), a ética orteguiana não é senão uma teoria da vida que, antes de tudo, é um *quehacer*, tarefa, missão, cumprimento das metas oriundas das aspirações. Nesse sentido, Ortega y Gasset acredita que os objetivos e as ilusões é que mantêm a moral como modo de ser da pessoa na busca de uma vida autêntica. Isso implica na fidelidade à vocação, mas também na exigência da realização de tarefas mais altas, por isso, “um homem desmoralizado é um homem que perdeu as ilusões de viver, suas ilusões. Igualmente, um país ou continente sem ilusões”. (MARTÍN, 2000, p.158, trad. nossa). O homem massa é o modelo central do indivíduo que perdeu a capacidade de projetar-se, com isso, ocorre que:

Normalmente não me inteiro da minha vida autêntica, daquilo que ela é em sua radical solidão e verdade, ao contrário, vivo presuntivamente coisas presuntivas,

⁴ Explica Ortega y Gasset (1981, p. 25, grifo do autor, trad. nossa): “nosso vocábulo latino *outro* não é senão o latino *alter*. Dizer, pois, que o animal não vive desde *si mesmo* senão desde o *outro*, equivale a dizer que o animal vive sempre alterado, fora de si, que sua vida constitutiva é *alteración*”.

vivo entre interpretações da realidade que o meu contorno social, a tradição humana foi inventando e acumulando.(O.C., v 7, 1969, p. 143-144).

É anunciado, no pensamento de Ortega y Gasset, o perigo que a sociedade contemporânea enfrenta ao criar estratégias de massificação dos indivíduos. Partindo do diagnóstico feito por ele mesmo, Ortega y Gasset reconhece que a vida, no mundo contemporâneo, é superior, historicamente, em possibilidades, transbordando em princípios, normas, e ideais legados pela tradição. No entanto, é essa mesma exuberância que torna o mundo contemporâneo problemático. Em cada época existe um tipo de homem dominante, e o que domina o mundo, desde o século XIX, é o homem-massa. É o seu caráter que decide sobre a circunstância. “O homem-massa é o homem cuja vida carece de projeto e caminha ao acaso. Por isso não constrói nada, ainda que suas possibilidades, seus poderes, sejam enormes”. (O.C., v 4, 1951a, p. 172). Entende-se por massa a desqualificação de todas as pessoas, em qualquer camada social, através do enquadramento em padrões coletivos que reproduzem, irracionalmente, condutas impessoais. São as pessoas que Ortega y Gasset considera socializadas, que agem segundo as determinações coletivas, abrindo mão de sua individualidade na valorização exclusiva do que é dito social. É o homem que nega a sua capacidade de transcendência. Define Ortega y Gasset:

A rigor, a massa pode definir-se, como fato psicológico, sem necessidade de esperar que apareçam os indivíduos em aglomeração. Diante de uma só pessoa podemos saber o que é massa ou não. *Massa é todo aquele que não se valoriza a si mesmo* (grifo nosso) – no bem ou no mal – por razões especiais, mas que se sente “como todo mundo”, e, entretanto, não se angustia, sente-se a vontade ao sentir-se idêntico aos demais. (O.C., v 4, 1951a, p. 146).

A massa foi identificada, ao logo da história, pela classe social, assumindo um caráter qualitativo. O fator aglomeração passa a fazer parte da modernidade com o surgimento das cidades, tornando-se visível à multidão. Na contemporaneidade, ela agora é o coro representativo da sociedade, sendo a massa constituída por um tipo de homem, chamado por Ortega y Gasset de genérico, capaz de reproduzir comportamentos que vão além do aspecto quantitativo. Esse homem foi gerado nas escolas do século passado, ao firmar-se no ensino de técnicas da vida moderna. Mas não foi possível educá-los. Completa nosso pensador:

Deram-se-lhe instrumentos para viver intensamente, mas não sensibilidade para os grandes deveres históricos; inoculou-se-lhes atropeladamente o orgulho e o poder dos meios modernos, mas não o espírito, por isso não querem nada com o espírito, e as novas gerações dispõem-se a tomar o comando do mundo como se o mundo fosse

um paraíso sem rastros antigos, sem problemas tradicionais e complexos. (O.C., v 4, 1951a, p. 173).

O homem massa é o que domina, hoje, a vida pública, daí a necessidade de saber sua gênese. O século XIX europeu foi o período de gestação desse homem tipicamente socializado. Nesse século, cria-se um novo cenário para a existência do homem sobre a tríade: democracia liberal, experimentação científica e o industrialismo, sendo que esses dois últimos podem ser resumidos em uma só expressão: a técnica. Dela alimentou-se algumas promessas:

[...]esse mundo do século XIX e começo do século XX não tem apenas as perfeições e amplitudes que de fato possui, mas que além disso sugere a seus habitantes uma segurança radical em que amanhã será ainda mais rico, mais perfeito e mais amplo, como se gozasse de um espontâneo e inesgotável crescimento. (O.C., v 4, 1951a, p. 178).

Isso faz com que as novas massas encontrem uma paisagem segura e cheia de possibilidades, sem depender de seu prévio esforço, gerando a crença de que a organização social e material é quase tão perfeita como a natural. Baseando-se nesse diagnóstico, Ortega y Gasset cria a seguinte tese: “[...] a própria perfeição com que o século XIX deu uma organização a certas ordens da vida, é origem de que as massas beneficiárias não a considerem como organização, mas como natureza.”(O.C., v 4, 1951a, p. 179).

Refém de si mesmo, o homem massa vive satisfeito com a vida que tem, não vendo necessidade de mudança. Acha tudo natural, considerando bom tudo quanto em si acha: opiniões, apetites, preferências ou gostos. “O hermetismo nato de sua alma lhe impede o que seria condição prévia para descobrir sua insuficiência: comparar-se com outros seres”. (O.C., v 5, 1951a, p. 187). Comparar-se seria sair um pouco de si mesmo e transladar-se ao próximo. Mas não é esse o “esporte supremo” do homem massa. Isso favorece à expressão política do homem massa, que é a barbárie proveniente de um tipo de homem que nega a norma e apela para a imposição de opiniões pessoais. Instaure-se, com ele, o direito de não ter razão, a razão da sem razão.

Ter uma idéia é crer que se possuem as razões dela e é, portanto, crer que existe uma razão, um obre de verdade inteligíveis. Idear, opinar, é uma mesma coisa como apelar a tal instância, submeter-se a ela, aceitar seu código e sentença, crer, portanto, que a forma superior da convivência é o diálogo em que se discutem as razões de nossas ideias. Mas o homem-massa sentir-se-ia perdido se aceitasse a discussão, e instintivamente, repudia a obrigação de acatar essa instância suprema que se acha fora dele. Por isso, o “novo” é na Europa acabar com a discussão, e detesta-se toda forma de convivência que por si mesma implique acatamento de normas objetivas, desde a

conversão até o parlamento, passando pela ciência. Isto quer dizer que se renuncia a convivência de cultura, que é uma convivência sob normas, e retrocede-se a uma convivência bárbara. Suprime-se todos os tramites normais e se vai diretamente a imposição do que se deseja. O hermetismo da alma que, como vimos antes, impulsiona a massa para que intervenha em toda a vida pública, leva-a, também, inexoravelmente, a um procedimento único de intervenção: a ação direta⁵. (O.C., v 4, 1951a, p. 190).

A sua realidade circunstancial é favorável a isso, pois nada e ninguém o força a compreender que ele é um homem de segunda classe, limitado e, por isso, incapaz de criar e conservar a organização, a mesma que dá a sua vida essa amplitude e esse contentamento. “Nunca o homem-massa teria apelado a nada fora dele se a *circunstancia* não lhe houvesse levado violentamente a isso. Como agora a circunstância não o obriga, o eterno homem-massa, conseqüente com sua índole, deixa de apelar e sente-se soberano de sua vida”. (O.C., v 4, 1951a, p.181, grifo do autor). Segundo Ortega y Gasset (1955a), a massa pode ser definida como fator psicológico, pois é possível identificar, num determinado indivíduo, um comportamento comum de grupos sociais. Mais do que um fenômeno multitudinário, a massa contemporânea caracteriza-se pela sua estaticidade, condenando-se à perpétua imanência. Ortega y Gasset divide a humanidade em duas classes de criaturas: “as que exigem muito de si e acumulam sobre si mesmas dificuldades e deveres, e as que não exigem de si nada especial, mas que para elas viver é ser a cada instante o que já são, sem esforço de perfeição em si mesmas, bóias que vão a deriva”. (O.C., v 4, 1951a, p. 146). É desse homem que se entrega docilmente à circunstância que Ortega y Gasset quer extrair o sumo da sociedade moderna, sem partir de uma preocupação política, mas, simplesmente, analítica. O primeiro dado que ele identifica é que a massa atropela tudo o que é diferente, egrégio, individual, qualificado e seletivo. Recordando um dizer americano: “ser diferente é indecente”. “A massa – quem o diria ao ver seu aspecto compacto multitudinário? – não deseja convivência com o que não é ela. Odeia de morte o que não é ela.”. (O.C., v 4, 1951a, p. 192).

⁵ Essa forma de ação manifesta-se, para Ortega y Gasset (1951a), no Estado, com o uso da força, consistindo a ação direta na inversão da ordem pela proclamação da violência como única razão proposta na anulação de toda norma que medeia o propósito pessoal e a imposição da ordem. Ortega y Gasset (1955a) vai chamá-la de *Charta magna* da barbárie. Tal forma organizacional é incivil e bárbara, pois não garante a convivência, mas o espalhamento humano, já que os indivíduos não contam uns com a vontade dos outros, mas fomentam a hostilidade e a divisão dos grupos sociais. Em defesa à livre expressão, Ortega y Gasset (1951a) afirma que “a forma que na política representou a mais alta vontade de convivência é a democracia liberal. Ela leva ao extremo a resolução de contar com o próximo e é protótipo da ação indireta. O liberalismo é o princípio de direito político segundo o qual o Poder público, não obstante ser onipotente, limita-se a si mesmo a procura, ainda a sua custa, deixar espaço para o Estado que nele impera para que possam viver os que nem pensam nem sentem como ele, quer dizer, como os mais fortes, como a maioria”. (O.C., v 4, 1951a, p. 191-192). É importante esclarecer que Ortega y Gasset reconhece como necessária a superação do liberalismo do século XIX, mas isso não pode acontecer com a recusa plena desse modelo político como fez o fascismo. A Europa precisa conservar seu essencial liberalismo como condição para superá-lo.

Na modernidade, esse dado é diverso pelo fato de que tal conceito engloba todas as camadas sociais, sendo possível identificar seus integrantes, tanto no simples trabalhador quanto no grande empresário, no agricultor e no cientista. A estrutura desse novo homem que, substantivamente conhecido como homem-massa, homem vulgar ou mocinho satisfeito encontra-se analisada por Ortega y Gasset da seguinte forma:

1º uma impressão nativa e radical de que a vida é fácil, abastada, sem limitações trágicas; portanto, cada indivíduo médio encontra em si uma sensação de domínio e triunfo que, 2º o convida a afirmar-se a si mesmo tal que é, a considerar bom e completo seu haver moral e intelectual. Este contentamento consigo o leva a fechar-se em si mesmo para toda instância exterior, a não ouvir, a não por em tela de juízo suas opiniões e a não contar com os demais. Sua sensação íntima de domínio o incita constatemente a exercer predomínio. Atuará, pois, como se somente ele e seus congêneres existissem no mundo; portanto, 3º intervém em tudo impondo sua vulgar opinião, sem considerações, contemplações, tramites nem reservas quer dizer, segundo um regime de ação direta. O que vai mover esse modelo antropológico será a satisfação frente a cultura moderna, assumindo uma postura naturalizada frente aos inventos desta época. (O.C., v 4, 1951a, p. 207).

Filho da modernidade, o homem-massa foi constituído por uma estrutura política que delega ao Estado a responsabilidade sobre a ação individual, gerando o que Ortega y Gasset chamará de “mocinho satisfeito” ou o “garoto mimado” que, sob a abundância dos meios em que está obrigado a manejar, esquece de viver seu próprio e pessoal destino. Herdeira de uma tradição cheia de comodidades, “[...]a civilização do século XIX é de tal índole que permite ao homem médio instalar-se em um mundo abundante, do qual percebe só a superabundância de meios, mas não as angústias”. (O.C., v 4, 1951a, p. 210). Consequentemente, o homem desse século e dos vindouros passa a esforçar-se, não pela vida em si, mas para dar conta das obrigações que lhe são impostas. Ocontece que esse homem vive cercado de instrumentos prodigiosos, de medicina benéficas, de Estados previdentes, de direitos cômodos, ignorando a capacidade de inventar. O que encontra a seu favor são formas de pura adaptação. A ciência, por exemplo, protótipo do homem-massa, desempenha, na modernidade, um trabalho especializado e mecanizado, onde “uma boa parte das coisas que é preciso fazer em física ou biologia é faina mecânica de pensamento que pode ser executada por qualquer pessoa”(O.C., v 4, 1951a, p. 218). Ortega y Gasset (1951a) entende que o especialista nada mais é do que um sábio ignorante, pois, ao mesmo tempo em que ignora formalmente o que não entra na sua especialidade, é um homem que conhece muito bem seu campo de atuação ou a “porciúncula do universo”, tornando-se hermético e satisfeito dentro de sua limitação. O império do especialista torna-se um problema moral, pela razão de fazer uso do saber de maneira

irresponsável, ao fomentar uma ação mecanizada. Ortega y Gasset (1951a) considera essa a forma mais contraditória da vida humana, por isso, “[...]quando se torna figura predominante, é preciso dar um grito de alarme e anunciar que a vida se acha ameaçada de degeneração; quer dizer de relativa morte”. (O.C., v 4, 1951a, p. 210).

O ápice dessa sociedade massificada encontra-se no Estado, que cria o mecanismo de controle policial, retoricamente justificado pelo protecionismo ao cidadão. No entanto, essa lógica social tem, por trás, uma estrutura de controle que Ortega y Gasset (1951a) identifica como paradoxal e trágica. O Estado, assim como a ciência, passa a ser instrumento legal de dominação, onde o uso da força é justificado e aceito pela sociedade por atribuir-lhe a responsabilidade pela vida individual. Parte-se do pressuposto de que “numa boa ordenação das coisas públicas, a massa é o que não atua por si mesma. Tal é a sua missão. Veio ao mundo para ser dirigida, influenciada, organizada – até para deixar de ser massa ou, pelo menos, aspirar a isso”. (O.C., v 4, 1951a, p. 221). No entanto, paradoxalmente, temos a inversão da ação do Estado que, ao ser criado para melhorar a vida das pessoas, passa, agora, a forçá-las a viverem para ele. O perigo encontra-se no que, historicamente, pode ser identificado nos regimes totalitários: a prevalência da opinião como forma de proteção social. Suprime-se o que é diferente no intuito de uniformizar o indivíduo. O que há, num modelo similar a esse, é a política da tirania e o triunfo da retórica.

Este é o maior perigo que hoje ameaça a civilização: a estatificação da vida, o intervencionismo do Estado, a absorção de toda espontaneidade social pelo Estado; quer dizer, a anulação da espontaneidade histórica, que em definitivo sustenta, nutre e impele os destinos humanos [...] Estado contemporâneo e massa coincidem só em ser anônimos. Mas o caso é que o homem-massa crê, com efeito, que ele é o Estado, e tenderá cada vez mais a fazê-lo funcionar a qualquer pretexto, a esmagar com ele toda minoria criadora que o perturbe – que o perturbe em qualquer ordem: em política, em ideias, em indústria. (O.C.,v 4, 1951a, p. 225).

Ortega y Gasset (1951a) identifica, na figura de Mussoline, o típico movimento de homem- massa que apregoa tudo pelo Estado; nada fora do Estado; nada contra o Estado. O Estatismo é a legitimação da violência por meio das normas estatais. O dado exemplar, e ao mesmo tempo alarmante, é o crescente número, em todos os países, das forças de Polícia que impõem a ordem de acordo com o que lhe convém. Contrário a esse modelo social, Ortega y Gasset defende a liberdade individual e responsável formada historicamente. O homem, pela memória, passa a existir sobre um amontoado de pretéritos. Por isso, Ortega y Gasset acredita que romper a continuidade com o passado, querer começar de novo, é aspirar a descer e plagiar o orangotango. Para o nosso filósofo é preciso resgatar a memória histórica.

Esse homem-massa é o homem previamente despojado de sua própria história, sem entranhas de passado e, por isso mesmo, dócil a todas as disciplinas chamadas “internacionais!”. Mais do que um homem, é apenas uma carcaça de homem constituído por meros *idola fori*; carece de um “dentro”, de uma intimidade sua, inexorável e inalienável, de um eu que não possa revogar. Daí estar sempre em disponibilidade para fingir ser qualquer coisa. Tem só apetites, crê que só tem direitos e não tem obrigações: é o homem sem nobreza que obriga – *sine nobilitat snob*. (O.C., v 4, 1951a, p. 121, grifo nosso).

Ocorre que, numa sociedade que apregoa esse tipo antropológico, legitima-se uma vigência tirânica das opiniões públicas, a uniformização, o domesticamento e a nivelção dos pensamentos, favorecendo, como ponto de apoio, uma sociedade fixa, alastrando a passagem da conduta de uma vida pessoal para um nível puramente impessoal, em que o homem se vê adaptado às coisas. Na medida em que isso acontece, “deixo de ser um personagem individualíssimo que sou e atuo por conta da sociedade: sou autômato social, estou socializado”. (O.C.,v 7, 1969, p. 199).

Ortega y Gasset questiona-se: “pode hoje um homem de vinte anos formar um projeto de vida que tenha figura individual e que, portanto, necessitaria realizar-se mediante suas iniciativas independentes, mediante seus esforços particulares?” (O.C.,v 4, 1951a, p.132). Envoltos a um sentimento de “desânimo”, responde nosso filósofo, o homem moderno renunciará, com facilidade, a todo desejo pessoal e buscará uma solução oposta: imaginará para si uma vida *standard*, composta de desideratas comuns a todos e verá que, para conseguí-la, há de solicitá-la ou exigí-la em coletividade. “Vivemos em tempo de nivelções: nivelam-se as fortunas, nivela-se a cultura entre as diferentes classes sociais, nivelam-se os sexos. Pois bem: nivelam-se também os continentes.”. (O.C.,v 4, 1951a, p. 154). Pautada no nivelamento, a sociedade europeia favoreceu ao triunfo das massas após séculos de educação progressista das multidões e de um paralelo enriquecimento econômico da sociedade.

A postura orteguiana é de se contrapor a qualquer ideia de padronização. A defesa de uma alma coletiva parece ser, para o madrileno, uma noção arbitrária, posto que “não há tal alma coletiva, se por alma entende-se, e aqui não pode ser entendido por outra coisa, senão algo que é capaz de ser sujeito responsável de seus atos, algo que o faz porque tem para ele um sentido. (O.C.,v 7, 1969, p. 199).

A contraposição de Ortega y Gasset é a de qualquer noção de humano mecanizado, desviado de sua responsabilidade pessoal sobre a vida, sobre o seu agir. O risco que uma sociedade enfrenta ao criar mecanismos de controle é o de distanciar os seus membros deles mesmos. Isso porque pela “falta de uma massa de cidadãos críticos, de cidadãos bem informados, as elites terminarão por controlar o poder, a informação, as oportunidades e as

decisões, pois contam com conhecimentos especializados”. (VIEGA, 2000, p. 144-145, trad. nossa). Ortega y Gasset foca, diretamente, nos problemas referentes aos sistemas políticos contemporâneos, nas formas de governo, que reforçam o império das massas, que são, por demais, exigentes e nada excelentes.

O que Ortega y Gasset aponta em sua análise filosófica da sociedade é uma visão antropológica e histórica dinâmica. Cada homem é filho do seu tempo, como já falara Hegel, e as razões encontradas para o seu viver vai depender das exigências do tempo em que se vive. Regras, costumes, e até mesmo a linguagem, são suscetíveis a mudanças, pois vão perdendo a força frente a novas exigências e crenças. A sociedade não pode ser sustentada na insistência de manter mecanismos de controle em nome da coletividade. Não há porque insistir em discursos morais e éticos, assim como em normas constitucionalmente legitimadas, se estas não correspondem às exigências vitais dos homens que, em sua individualidade, carecem de outras propostas que correspondam às questões que tocam a sua vida presente.

O conceito de circunstância lança-nos, diretamente, para o cerne do pensamento filosófico orteguiano, em que a vida humana se constitui na tensão entre autenticidade e inautenticidade. Em toda obra de Ortega y Gasset é notório a insistência do autor no reconhecimento da vida como construção pessoal. Salvar a circunstância aparece prioritariamente como a necessidade constante de reconhecimento e de afirmação do humano frente a sua capacidade de inventar-se. A circunstância, como temos mostrado ao longo desta pesquisa, não é determinante para a vida humana, mas um elemento com o qual o homem conta, necessariamente, para definir-se no mundo. A grande questão, posta por Ortega y Gasset em relação ao conceito aqui trabalhado, encontra-se, não na circunstância em si, mas no próprio homem. Ao mesmo tempo em que ele sofre as interferências do seu entorno, este não tem força vital para ditar, de um todo, a trajetória do indivíduo. A vida humana acontece numa relação, muitas vezes confusa, dos desejos com os elementos herdados pela tradição. A modernidade descobriu, com muita clareza, essa dimensão relacional a ponto de focar a construção da subjetividade na pura interferência, prova disso é o homem-massa. A política do conforto psicológico, juntamente com a segurança de um Estado protecionista, só tem contribuído para o distanciamento do processo de humanização do indivíduo. Contudo, essa é a circunstância que o homem contemporâneo precisa reconhecer para se constituir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta inicial deste trabalho foi apresentar como o pensamento orteguiano está fincado numa perspectiva metafísica, fazendo o resgate de uma questão fundamental do que é a realidade, a fim de percebermos onde se encaixa o conceito de circunstância no pensamento de Ortega y Gasset. No esclarecimento dessa questão, percebemos que o nosso filósofo faz uma analítica do conceito, em vista de reconhecer qual deve ser o ponto de partida para uma reflexão dessa natureza. O único dado certo, reconhecido por Ortega y Gasset, é a vida, visto que é por meio dela que temos contato com tudo o que dizemos ser real.

A realidade, enquanto conceito universal, não se justifica senão na relação com esta, como uma criação comparável à poesia. Portanto, Ortega y Gasset só reconhece como realidade originária, denominada por ele de realidade radical, a vida. É inegável reconhecer o viver, pois este toca a cada um em sua individualidade, e nela põe o indivíduo em relação com tudo que está ao seu redor. No mais, o que temos são interpretações. A realidade, portanto, para Ortega, nada mais é do que criação humana, sendo este também fruto da sua capacidade imaginativa, que transpõe o mundo material por sua capacidade de *ensimesmamento*, de pensar realidades que não sejam correspondentes necessárias à sua circunstância. Essa realidade metafísica tem, como pano de fundo, uma perspectiva *raciovitalista*, porque o viver significa, para o homem, um *quehacer*, que o torna personagem individualíssimo de sua vida. Em vista de determinar para si um mundo de segurança, ele, com esforço e entusiasmo, cria, para si, mundos diversos, entre eles, a ciência e a filosofia. No entanto, essa elaboração não é fruto somente de uma mente ensimesmada, mas de uma razão circunstanciada. O homem é sempre com sua circunstância, e o que ele determina como realidade sempre tem um conteúdo circunstancial, pois, como o próprio Ortega y Gasset explicita, nenhum homem nasce como sendo o primeiro, pois este já nasce numa tradição.

Identificamos que, sem o conceito de circunstância, não há como pensar a contribuição do pensamento de Ortega para a reflexão filosófica, porém, esse conceito só é compreendido na relação com a vida. Mesmo *Meditaciones del Quijote* sendo seu primeiro livro escrito, esta já traz, como prelúdio, o que, depois, Ortega y Gasset desenvolverá, de forma mais clara, o que pretende ser a sua proposta filosófica. Nessa obra, é possível identificar a importância de entender a vida circunstanciada para daí partir para uma compreensão da realidade. O método

de Ortega y Gasset origina-se no reconhecimento das coisas na sua relação com o indivíduo, e isso já é compreensão, pois o fato de estar vivendo, fazendo escolhas, já implica, para Ortega, numa ideia do real, ideia essa que, em sua forma mais significativa, assume uma dimensão de crença, ao ponto de a vida incluir, como conteúdo de sua autenticidade, a vocação, que aparece ao homem como apelo interior a ser ele mesmo. O si mesmo não é uma realidade absoluta, mas histórica, acontecimento que, enquanto tal, vai sofrendo modificações. Viver significa fazer escolhas sempre, elaborar constantemente modos de vida, significando e ressignificando a presença individual no mundo. E isso não ocorre como um imperativo categórico ao modo kantiano, mas é a condição da vida para que esta assuma o caráter de humana. Caso contrário, ela será apenas uma reprodução da circunstância, será a circunstância, assim sendo, deixa de ser vida humana e cai na escala zoológica. Portanto, ser homem é ser *com* a circunstância, imbricado sempre numa perspectiva relacional ou, como escreve Casagrande (2002), que a realidade circunstante dirige-se à outra metade da pessoa e é, a partir da integração com ela, que o homem pode ser plenamente ele mesmo.

O ser si mesmo depende de um fator determinante, que é a circunstância. Nas páginas anteriores, percebemos que o conceito de circunstância integra-se à filosofia orteguiana, por ser elemento fundamental na compreensão da realidade radical. Ao longo de suas obras, Ortega y Gasset esclarece como acontece essa relação necessária entre o eu e o mundo, mediante uma metodologia hermenêutica. Partindo do reconhecimento do *ethos* espanhol, Ortega y Gasset faz um diagnóstico tanto do seu povo quanto do momento histórico em que estavam imbuídos, incluindo, como foco de sua reflexão, a Europa e a Modernidade. Fiel a sua proposta filosófica, Ortega y Gasset inicia a sua reflexão sempre a partir do universo em que ele está identificando na vida as realidades que lhes são secundárias. A segunda parte da frase que o consagrou como filósofo da circunstância, “se não salvo a circunstância não salvo a mim”, se faz muito presente nos seus escritos. A busca pela compreensão do seu entorno parece ser uma constante no pensamento do nosso filósofo, resgatando a vocação filosófica ao amor, pois o eu e a circunstância encontram-se ligados, necessariamente, pela vida.

Mesmo a circunstância sendo uma categoria fundamental na filosofia raciovitalista, essa não pode ser tida como fundamento da construção teórica de Ortega y Gasset. Ela só ganha sentido na sua relação com a vida. Há, em Ortega y Gasset, uma preocupação muito clara pelo fundamento da realidade, mais do que pelo conteúdo político ou moral, até mesmo quando se trata de obras composta com conteúdos dessa natureza, como, por exemplo, *Rebelión de las masas*. Nesse sentido, a circunstância é categoria fundamental, visto que a vida inclui tudo que a envolve.

Segundo Martín (2003), a vida, na perspectiva orteguiana, é o conteúdo ético que aparece em toda a sua produção intelectual. Mesmo não estruturando uma ética, ou falando pouco sobre essa questão, o que percebemos, principalmente quando Ortega y Gasset busca compreender a sua circunstância como tentativa de compreender-se, é que a reflexão orteguiana comporta um conteúdo ético elementar para o mundo contemporâneo. Aproximando-se de reflexões feitas pela escola de Frankfurt, Ortega y Gasset reconhece o mal da razão moderna quando ela se fecha sobre si mesma, assim como Nietzsche, mas, ao mesmo tempo, não quer cometer o risco de cair num vitalismo puro. Mesmo considerando que, na modernidade, a razão foi instrumentalizada para a criação de um modelo singular de massa, que ultrapassa o aspecto quantitativo, não se justifica a recusa ao uso da racionalidade. Seria, para Ortega y Gasset, negar séculos de conquista. O que propõe o nosso filósofo é que a razão esteja a serviço da compreensão da vida, que a capacidade de reflexão e de criação não fiquem suprimidas pelo deslumbramento das conquistas culturais. Elas são importantes, desde que não sejam elas o fundamento da realidade. A vida é o pressuposto para toda e qualquer reflexão, mas esta necessita ser compreendida como acontecimento histórico, que implica dinamicidade e sujeitos concretos. O que está em questão é a importância de fazer uma reflexão capaz de contemplar os conteúdos concretos da vida.

Nesse sentido, pensar a realidade, dentro de uma proposta raciovitalista, é lançar, constantemente, o olhar sob a circunstância, na tentativa de compreendê-la como condição necessária ao processo de humanização do homem. O fato de a vida ser com sua circunstância implica no risco constante de o homem não conseguir se humanizar. Daí a figura do herói ter um conteúdo ético nas *Meditaciones*. Em *Rebelión de las masas* é possível identificarmos que a humanização é uma luta constante, e ser si mesmo é o maior desafio que o homem contemporâneo enfrenta, tanto é que pensar um projeto que destoe dos demais parece, na concepção do pensador, algo quase impossível de ser efetivado. Ortega y Gasset encontra a saída na vocação, no apelo interior à correspondência a um projeto que se pretende ser. No entanto, se retomarmos o conteúdo de *El hombre y la gente* percebemos que não é possível o homem escapar das imposições sociais. O que ele diz ser ele mesmo reflete nada mais do que a voz da sociedade. Através do conceito de *ensimesmamiento* e *alteración* fica claro que o homem, com sua circunstância, não dá conta de uma subjetividade isenta das influências da circunstância. Constantemente, sofremos influências de tudo que nos circunda: corpo, ideias, crenças, cultura, sociedade. Por ser assim, nos perguntamos: a vocação não pode ser mais uma internalização das ações impositivas da sociedade? Se não há uma subjetividade absoluta, como então pensarmos num modelo ético capaz de justificar uma ação autêntica ao indivíduo?

Se a vida passa pelo ser si mesmo, e esse é o que há de original no humano, como pensar uma ética da vida humana, se esta é sempre com a circunstância? Talvez a saída esteja no próprio conceito de circunstância. A vida circunstanciada implica, sempre, numa perspectiva. Cada homem, ao nascer, encontra um arcabouço histórico que funciona como a íris. Ele reconhece a realidade dentro do universo cultural em que faz parte. No entanto, o processo de compreensão possibilita, ao homem, criar ilusões, metas, ultrapassando o aspecto natural pela capacidade de criação. Talvez essa seja a grande contribuição de Ortega y Gasset para pensarmos uma ética raciovitalista; partindo do reconhecimento do que o homem tem para viver, dos elementos do que o constitui, para, conseqüentemente, lançar-se na elaboração do que pretende ser. Ser si mesmo não é anulação do que antecede cada homem, pelo contrário, é apropriação de tudo isso na tentativa de significá-los, sempre de acordo com as exigências interiores de cada indivíduo.

Retirar uma reflexão ética do conceito de circunstância parece fugir um pouco do que nos propusemos, no entanto, ao término desta pesquisa, consideramos que, se o pensamento de Ortega y Gasset tinha uma preocupação prática, possibilitava seu povo a uma reflexão séria sobre a vida. Sepultados em suas crenças, o homem moderno perdeu a capacidade de se angustiar, de inventar, atribuindo essa possibilidade a terceiros. Esse homem, afirma o próprio Ortega y Gasset (1966a, p. 400, grifo nosso, trad. nossa): “[...] não é sujeito de seus atos, senão, que é movido pelo meio em que vive [...]. *O meio é o único protagonista*”. O mais alarmante é que essa situação não condiz somente com Espanha e Europa de um modo geral, mas com a sociedade mundial, pelo fato da internacionalização. Tal pretensão leva a uma problemática fundamental, que é a padronização da cultura, fomentando a violência, as diferenças. Ortega y Gasset bem sabia dos riscos que isso trazia para todos os povos, e a grande ameaça que poderia ser para o progresso da cultura; eis aí o desafio moral tão bem pontuado por Ortega, e resumido por Carvalho (2004): assumir a responsabilidade do que se é e do que se faz, vencer a circunstância que impede de viver. E o decisivo, na fala de Marías (2003, p.26), é “ter respeito ilimitado pela realidade, questiona-la, analisar suas limitações, procurar superá-las, ministrar-lhe os remédios necessários, porque toda realidade humana é imperfeita, mas não se pode renunciar a ela, negá-la, esquecer-la”.

Parece-nos que a leitura de Ortega y Gasset sobre a sociedade toca em problemas de natureza ética, pondo-nos, constatemente, diante do drama da protagonização da vida. No entanto, não temos uma elaboração teórica acabada, no próprio pensador, que responde aos problemas que ele mesmo anuncia. Porém, é inegável que o contato com a literatura orteguiana desperta-nos uma lucidez sob a necessidade de compreendermos o nosso entorno

como caminho de salvação. A filosofia, na sua natureza etimológica, encontra em Ortega y Gasset um campo fértil de atuação, pois somente um conhecimento inquieto e comprometido com a realidade é possível contribuir para o processo de humanização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras principais

ORTEGA Y GASSET, José. Meditaciones del Quijote. In. **Obras Completas**. 4. ed. Madrid: Revista de Occidente, 1966 a. 1 v.

_____. Adán em el paraíso. In. **Obras Completas**. 7. ed. Madrid: Revista de Occidente, 1966 b. 1 v.

_____. La pedagogia del paisaje. In. **Obras Completas**. 7. ed. Madrid: Revista de Occidente, 1966 b. 1 v.

_____. El Expectador. In **Obras Completas**. 4. ed. Madrid: Revista de Occidente, 1957. 2 v.

_____. Ni vitalismo ni racionalismo. In. **Obras Completas**. 2. ed. Madrid: Revista de Occidente, 1950. 3 v.

_____. Rebelión de las masas. In. **Obras Completas**. 4. ed. Madrid: Revista de Occidente, 1951 a. 4 v.

_____. Kant. In. **Obras Completas**. 2. ed. Madrid: Revista de Occidente, 1951 b. 4 v.

_____. En torno a Galileo. In. **Obras Completas**. 3. ed. Madrid: Revista de Occidente, 1955 a. 5 v.

_____. Meditación de la técnica. In. **Obras Completas**. 3. ed. Madrid: Revista de Occidente, 1955 b. 5 v.

_____. El hombre y la gente. In. **Obras Completas**. 3.ed. Madrid: Revista de Occidente, 1969. 7 v.

_____. **El tema de nuestro tiempo**. 4. ed. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1942.

_____. **Ideas e creencias**: y otros ensayos de filosofía. 8. ed. Madrid: Revista de Occidente, 1959.

_____. **Meditación de Europa**. Madrid: Revista de Occidente. 1960 a.

_____. **O que é filosofia?** Tradução José Bento. Lisboa: Cotovia, 1994.

_____. **História como sistema; Mirabeau ou o Político**. Tradução Juan A. Gili Sobrinho e Elizabeth Hanna Côrtes Costa. Brasília: UNB, 1982.

_____. **Estudios sobre o amor**. Tradução Luís Washington Vita. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1960 b.

Obras secundárias

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. A. Pickard. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Col. Os Pensadores).

_____. **Da alma**. Tradução Carlos Humberto Gomes. Lisboa: Edições 70, 2001.

AMOEDO, Margarida Isaura Almeida. **José Ortega y Gasset: uma aventura filosófica da educação**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2002.

ALVES, Rubem. **O que é religião?** São Paulo: Loyola, 1999.

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução Alfredo Bossi. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BORNHREIN, Gerd. **Sartre**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CARVALHO, José Maurício de. **Introdução à filosofia da razão vital**. Londrina: Cefil, 2002.

_____. (Org.). **Atas do colóquio José Ortega y Gasset: de 01 a 05 de setembro de 2003**. São del-Rei: UFSJ, 2003.

_____. **O homem e a filosofia: pequenas meditações sobre a existência e a cultura**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

_____. (Org.) **Problemas e teorias da ética contemporânea**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

CASANOVA, Marco Antonio. **Compreender Heidegger**. Petrópolis: Vozes, 2009.

CAMINERO, Nemesio González. **Unamuno y Ortega**. Madrid: UPC, 1987.

CALDAS, Sérgio. **A teoria da história em Ortega y Gasset a partir da razão histórica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

CASAGRANDE, Lino. **Vida e razão: a crítica de Ortega y Gasset à filosofia contemporânea**. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.

CAMARA, Ignacio Sánchez. Ortega y la filosofía de los valores. **Revista de Estudios Orteguianos**: Centro de estudios orteguianos, Madrid, n.1, p. 159-170, 2000.

CERVANTES, Miguel. **Don Quijote de la Mancha**. Madrid: Real Academia Española, 2004.

CIORAN, Emil. **A tentação de existir**. Tradução Miguel Serras Pereira e Ana Luísa Faria. Lisboa: Relógio d'Água, 1988.

CONILL, Jesús. Razón experiencial y ética metafísica en Ortega y Gasset. **Revista de Estudios Orteguianos**: Centro de estudios orteguiano, Madrid, n.7, p. 95-118, 2003.

DEPRAZ, Natelie. **Comprender Husserl**. Tradução Fábio Santos. Petrópolis: Vozes, 1999.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. Tradução Junior Guinsburg e Bento Prado Jr. São Paulo: Abril Cultural. 1979. (Col. Os Pensadores).

DRUGUETT, Juan Guillermo. **Ortega y Gasset: uma crítica da razão pedagógica**. Petrópolis: Vozes, 2002.

DOMINGUÉZ, José Chamizo. **José Ortega y Gasset**. Málaga: 1998. Disponível em www.ensayistas.org/filosofos/spain/ortega. Acesso em: 5 fev. 2008.

GONZÁLEZ, Leopoldo Jesus Fernández. **A gratuidade na ética de Ortega y Gasset**. São Paulo: ANNABLUME, 2001.

JAGURARIBE, Hélio. In. **História como sistema; Mirabeau ou o Político**. Tradução Juan A. Gili Sobrinho e Elizabeth Hanna Côrtes Costa. Brasília: UNB, 1982.

KELKEL, Arion; SHÉRER, René. **Husserl**. Tradução Joaquim João Coelho. Lisboa: Edições 70, 1954.

LEFRANC, Jean. **Comprender Nietzsche**. Tradução Lúcia M. Endlich Orth. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

FERREIRA, Arthur Arruda Leal. (Org.). **Pragmatismo e questões contemporâneas**. Rio de Janeiro: Aquimedes, 2008.

MARIAS, Julián. **Ortega**: circunstancia e vocacion. Madrid: Revista de Occidente, 1960.

_____. **El método histórico de las generaciones**. 3. ed. Madrid: Revista del Occidente, 1961.

_____. **Biografia da filosofia e Ideia da Metafísica**. Tradução Diva R. de Toledo Piza. São Paulo: Duas Cidades, 1966.

_____. **Meditações do Quixote**: comentário de Julián Marías. Tradução Gilberto de Mello Kujawski. São Paulo: Livro Ibero-Americano, 1967.

_____. **Introducción a la filosofía**. 3. ed. Madrid: Revista del Occidente, 1953.

_____. **Ortega**: las trayectorías. Madrid: Alianza Editorial, 1983.

_____. **Tratado sobre a convivência**: concórdia sem acordo. Tradução Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARTÍN, Javier San, La ética de Ortega: nuevas perspectivas. **Revista de Estudios Orteguianos**: Centro de Estudios Orteguianos, Madrid, n.1, p. 151-158, 2000.

_____. Notas para un comentário a un ensayo sobre las ideas morales de Ortega y Gasset. **Revista de Estudios Orteguianos**: Centro de Estudios Orteguianos, Madrid, n.11/12, p. 195-206, 2006.

MORA, José Ferrater. **Ortega y Gasset**: etapas de una filosofía. Madrid: Seix Barral, 1973.

MORATÓ, Jordi Cortés; RIU, Antonio Martínez. Diccionario de filosofía en CD-ROM. Barcelona: Herder, 2003.

Nietzsche, F. **Genealogia da moral**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Ética e racionalidade moderna**. São Paulo: Loyola, 1993.

ORRINGER, Nelson R. La crítica de Ortega a Husserl a Heidegger: la influencia de Georg Misch. **Revista de Estudios Orteguianos**: Centro de Estudios Orteguianos, Madrid, n. 3, p. 147-166, 2003.

PESSOA, Fernando. **Obras Completas**. Lisboa: Ática. 1. ed., 1942.

PILLET, Claudino. **A razão Vital e histórica em Ortega y Gasset**. Porto Alegre: IEL, 1968.

PLATÃO. **Diálogos**. Tradução de José Cavalcante de Souza. 1.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1972. (Coleção Os pensadores).

KUJAWSKI, Gilberto de Mello. **Ortega y Gasset**: a aventura da razão. São Paulo: Moderna, 1994.

RAMÍREZ, Santiago. **La filosofía de Ortega y Gasset**. Barcelona: Herder, 1958.

HUSEERL, Edmund. **Meditaciones Cartesianas**. Tradução José Goas e Miguel García-Baró. México: Fondo de Cultura Econômica, 1986.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução Márcia de Sá Cavalcante. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

HERNÁNDEZ-RUBIO, José Maria. **Sociologia y Política en Ortega y Gasset**. Barcelona: BOSCH, 1956.

SALAS, Jaime. Ortega y la ética de la perspectiva. **Revista de Estudios Orteguianos**: Centro de Estudios Orteguianos, Madrid, n. 6, p.89-100, 2003.

SANCHÉZ, Juan Escámez. José Ortega y Gasset. **Revista Perspectivas**: UNESCO, París, n. 3/4, v.23, p. 808-821, 1993.

SANTOS, Vilson Ribeiro. Ortega y sua circunstância: introdução a filosofia de Ortega y Gasset. **Revista Metanoia**, São João del-Rei, n.1, p. 61-64, jul. 1998/1999.

STEIN, Ernildo. **Mundo vivido** – Das vicissitudes e dos usos de um conceito da fenomenologia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

TURBIANO, Máximo Castro. Ortega y Gasset y el tema de la razón. **Revista la Habana**, n.13, v.5, p. 72-85, enero-junio, 2005.

TEJADA, Ricardo. La metáfora do naufrágio en Ortega su pregnancy en algunos orteguianos. **Revista de Estudios Ortegaianos**: Centro de Estudios Ortegaianos, Madrid: n. 7, p. 139-176, 2003.

URIBE, Dario Botero Uribe. **Vitalismo Cósmico**. Bogotá: UNC, 2002.

UNAMUNO, Miguel de. **Paisajes del alma**. 2. ed. Madrid: Alianza Editorial, 2006.

_____. **Del sentimiento tágico de la vida**. 8. ed. Madrid: Alianza Editorial, 2008.

VEILLARD-BARON, Jean-Louis. **Comprender Bérqson**. Tradução Mariana de Almeida Campos. Petrópolis: Vozes, 2007.

VIEJA, Maria Teresa Lopes de la. Democracia y masas en Ortega. **Revista de Estudios Ortegaianos**: Centro de Estudios Ortegaianos, Madrid, n.1, p. 135-150, 2000.